

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia
Mestrado Profissional em Biblioteconomia

COMUNIDADES DE PRÁTICA *ONLINE* PARA AS BIBLIOTECAS DOS COLÉGIOS DE
APLICAÇÃO DAS IFES: UM ESPAÇO DE DISCUSSÃO SOBRE A MEDIAÇÃO DA
LEITURA E DA INFORMAÇÃO

Tatyanne Christina Gonçalves Ferreira Valdez

Rio de Janeiro
2015

TATYANNE CHRISTINA GONÇALVES FERREIRA VALDEZ

COMUNIDADES DE PRÁTICA *ONLINE* PARA AS BIBLIOTECAS DOS COLÉGIOS DE
APLICAÇÃO DAS IFES: UM ESPAÇO DE DISCUSSÃO SOBRE A MEDIAÇÃO DA
LEITURA E DA INFORMAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro requisito parcial para a qualificação no Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia.

Linha de Pesquisa: Biblioteconomia, Cultura e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Alberto Calil Junior

Rio de Janeiro

2015

Valdez, Tatyane Christina Gonçalves Ferreira

Comunidades de prática *online* para as bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES: um espaço de discussão sobre a mediação da leitura e da informação / Tatyane Christina Gonçalves Ferreira Valdez. – Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015.

139 p. : il.

Orientador: Alberto Calil Elias Júnior

Dissertação (mestrado profissional) – UNIRIO / Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, 2015.

Referências: p. 120-131

1. Biblioteca escolar. 2. Mediação da leitura 3. Mediação da informação. 4. Comunidades de prática *online*. I. Calil Junior, Alberto. II. Título.

CDD: 027.8

Tatyanne Christina Gonçalves Ferreira Valdez

COMUNIDADES DE PRÁTICA *ONLINE* PARA AS BIBLIOTECAS DOS COLÉGIOS DE
APLICAÇÃO DAS IFES: UM ESPAÇO DE DISCUSSÃO SOBRE A MEDIAÇÃO DA
LEITURA E DA INFORMAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro requisito parcial para a qualificação no Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Geni Chaves Fernandes – Membro interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Elisa Campos Machado – Membro interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Mariza Russo – Membro externo
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Nanci Gonçalves da Nóbrega – Membro externo
Universidade Federal Fluminense – UFF

À Deus,
que me ajuda a conquistar os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço sobretudo a Deus por eu chegar até este momento que estou com o coração alegre e repleto de gratidão por cada pessoa que passou pela minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica, e assim contribuíram na produção desse trabalho.

Em especial...

À Gustavo Valdez, meu esposo pelo companheirismo e incentivo.

À minha família, minha mãe, pai e irmã que me apoiam com entusiasmo tudo que eu faço.

Às minhas amigas e companheiras de trabalho na biblioteca do Colégio de Aplicação da UFRJ, Ana Lúcia Ferreira Gonçalves e Leni Rodriguez Perez Fulco que me deram forças e auxílio para eu concretizar esse sonho acadêmico.

Ao meu orientador, Alberto Calil Junior que me apresentou a mediação da leitura e da informação com clareza, e motivou os meus estudos e me orientou com dedicação e atenção.

Às professoras que participaram da banca de qualificação, Geni Chaves, Mariza Russo e Nanci Nóbrega que por meio do conhecimento e experiência de cada uma, enriqueceram o meu trabalho.

Às bibliotecárias Ana Lúcia Ferreira Gonçalves e Anamaria da Costa Cruz que contribuíram na orientação da normalização desse trabalho.

Aos bibliotecários dos colégios de aplicação das diversas IFES que responderam os questionários e participaram atenciosamente da entrevista.

Aos coordenadores, secretaria, professores, colegas de turma do Mestrado Profissional em Biblioteconomia da UNIRIO, como é bom estar nesse espaço acadêmico trocando experiências e obtendo conhecimento juntamente com vocês.

Somos aquilo que vamos adquirindo ao longo da vida. Os primeiros jogos, as brincadeiras, as cantigas, os contos vão imprimindo em nós um pouco daquilo que vamos ser quando adultos. Não somos passivos às experiências e, cada uma aprendida, incorporamos informações, transformações, transformamos, acrescentamos parte de nossa própria experiência e vamos construindo nosso jeito de olhar a nós mesmos e ao mundo.

Francisco Gregório Filho, 2005.

RESUMO

Esta dissertação aborda a mediação da leitura e a mediação da informação no âmbito das bibliotecas escolares. Apresenta uma proposta para a criação de uma comunidade de prática *online* para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) trocarem informações e experiências sobre as ações de mediação da leitura e informação. Desta forma, verifica quais são as ações de mediação desenvolvidas nessas bibliotecas dos colégios de aplicação das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Também, pretende identificar o entendimento dos bibliotecários dos colégios de aplicação no que se refere à mediação da leitura e da informação como ações que contribuem para o processo de aprendizagem dos alunos. Além disso, busca saber qual é a melhor plataforma na internet para a configuração de uma comunidade de prática *online*. Para tanto, adota-se a metodologia qualitativa, com caráter exploratório para alcançar os propósitos deste trabalho. O universo da pesquisa de campo são as dezessete bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES e os instrumentos utilizados para a coleta de dados foi aplicação de questionários e realização de entrevistas com cinco bibliotecários. Deste modo, utiliza-se a análise de conteúdo como técnica para tratar os dados coletados. O resultado da pesquisa apresenta informações importantes sobre as atividades de mediação da leitura e da informação que são realizadas pelas bibliotecas dos colégios de aplicação. Além de constatar que o *facebook* é a rede social na internet ideal para atender a implementação de uma comunidade de prática *online* e, assim, disponibilizar informações para esses profissionais refletirem e discutirem sobre as suas práticas em torno da mediação da leitura e da informação.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Mediação da leitura. Mediação da informação. Comunidades de prática *online*.

ABSTRACT

This dissertation discusses the mediation of reading and mediation of information in the context of school libraries. It presents a proposal for the creation of a community of online practice so the professionals who act in the application school's libraries of the Federal Institutions of Higher Education (FIHE) can exchange information and experience about the mediation of reading and of information. Thus, verifies wich are the mediation actions developed on the application school's libraries of the Federal Institutions of Higher Education (FIHE). Also, pretends to identify the understanding of the librarians on the application schools regards the mediation of reading and the mediation of information as actions who contribute to the students learning process. Besides, try to discover what is the best internet platform to configure a online practice community. To do so, adopts a qualitative methodology, with exploratory character, to reach the purposes of this work. The universe of the field research were the seventeen libraries of the FIHEs' application schools and the instruments used to collect data were questionnaires and interviews with five librarians. In this matter, the content analysis was used as the technique to process the data collected. The research result shows the important informations about the activities of mediation of reading and mediation of information who are realized by the application schools' libraries. It confirms that Facebook is the ideal social media to the implementation of an online practice community to these professionals and also provides the the tools for debates about their practice.

Keywords: School library. Mediation of reading. Mediation of information. Online communities of practice.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Esquema 1 – Capacidades para aprendizagem	34
Esquema 2 – Fatores importantes em uma comunidade de prática	61
Formulário 1 – Criação do grupo no <i>Facebook</i>	112
Gráfico 1 – Ações de mediação da leitura	81
Gráfico 2 – Parceria com os professores	83
Gráfico 3 – Atividades após a mediação da leitura	84
Gráfico 4 – Realização de projetos	86
Gráfico 5 – Atividades de mediação da informação	86
Gráfico 6 – Outras atividades de mediação da informação	87
Gráfico 7 – Contribuição da mediação da leitura e da informação na aprendizagem	89
Gráfico 8 – Frequência das ações de mediação	89
Gráfico 9 – Inserção das bibliotecas no projeto político pedagógico	91
Gráfico 10 – Política de divulgação para os alunos	92
Gráfico 11 – Política de divulgação para os responsáveis	93
Gráfico 12 – Uso das redes sociais na internet	94
Gráfico 13 – Contato com outras bibliotecas	95
Quadro 1 – Pesquisa sobre biblioteca escolar	22
Quadro 2 – Pesquisa sobre mediação da leitura	22
Quadro 3 – Pesquisa sobre mediação da informação	23
Quadro 4 – Pesquisa sobre comunidades de prática	23
Quadro 5 – Perguntas formuladas nas entrevistas com os respectivos objetivos	28
Quadro 6 – Evolução do conceito comunidades de prática	56
Quadro 7 – Lista de colégios de aplicação	71
Quadro 8 – Trabalhos sobre bibliotecas do CAP/IFES	75
Quadro 9 – Perfil da equipe dos colégios de aplicação	80
Quadro 10 – De que maneira usam a internet e com qual finalidade	96
Quadro 11 – Uso das mídias sociais para troca de informações e como fonte de informações para a profissão	97

Quadro 12 – Opinião sobre a criação de um espaço colaborativo na internet para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES	98
Quadro 13 – Saberes em torno da mediação da leitura e da informação em uma comunidade de prática <i>online</i>	99
Quadro 14 – Propósito de compartilhar experiências em uma comunidade de prática <i>online</i>	100
Quadro 15 – Ferramentas de comunicação e publicação de conteúdos que a Comunidade de prática poderá oferecer	101
Quadro 16 – Redes sociais na internet que a comunidade de prática poderia ser inicialmente implementada	101
Quadro 17 – Participação em uma comunidade de prática e a contribuição com ações positivas para a biblioteca onde trabalha	102
Quadro 18 – Cronograma da criação de uma comunidade de prática <i>online</i>	113

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	OBJETIVOS	18
1.1.2	Objetivo geral	18
1.1.3	Objetivos específicos	18
1.2	PROBLEMATIZAÇÃO	18
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
2.1	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	26
2.2	TÉCNICA DE TRATAMENTO DOS DADOS	29
3	MARCO TEÓRICO	31
3.1	A BIBLIOTECA ESCOLAR	31
3.2	MEDIAÇÕES NA BIBLIOTECA ESCOLAR	39
3.2.1	Mediação da leitura	41
3.2.2	Mediação da informação	50
4	COMUNIDADES DE PRÁTICA	55
4.1	COMUNIDADES DE PRÁTICA <i>ONLINE</i>	62
4.2	COMUNIDADES DE PRÁTICA E BIBLIOTECAS ESCOLARES	67
5	O CAMPO DE ESTUDO	71
5.1	PANORAMA DOS COLÉGIOS DE APLICAÇÃO	71
5.2	MEDIAÇÕES NAS BIBLIOTECAS DOS COLÉGIOS DE APLICAÇÃO	75
6	ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS	79
7	PROJETO PARA CRIAÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA <i>ONLINE</i>	104
7.1	INTRODUÇÃO	104
7.2	JUSTIFICATIVA	105
7.3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	106
7.4	OBJETIVOS DO PROJETO	108
7.4.1	Objetivo geral	108
7.4.2	Objetivos específicos	108
7.5	BENEFICIÁRIOS	109
7.6	METODOLOGIA	109
7.7	COMUNIDADES DE PRÁTICA <i>ONLINE</i> : GRUPO NO <i>FACEBOOK</i>	111
7.8	AVALIAÇÃO DE RESULTADOS	113

7.9	CRONOGRAMA	113
7.10	ORÇAMENTO	114
7.11	DIVULGAÇÃO	114
7.12	REFERÊNCIAS DO PROJETO	114
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
	REFERÊNCIAS	120
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA	132
	APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA	138
	APÊNDICE C – MODELO DO QUADRO PARA ANÁLISE DE CONTEÚDO	139

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o propósito de discutir a importância da mediação da leitura e da informação no contexto da biblioteca escolar, assim como evidenciar essas ações, de modo a alavancar uma proposta para a criação de uma comunidade de prática *online* para as bibliotecas dos colégios de aplicação das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

As bibliotecas escolares têm sido o foco de muitas discussões levantadas pela sociedade civil e pelo Estado. Desde a promulgação da Lei n.º 12.244, de 24 de maio de 2010 (BRASIL, 2010), que trata da universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino, percebe-se um aumento das produções científicas sobre assuntos que envolvem esses espaços. De acordo com um estudo sobre o estado da arte de pesquisas sobre biblioteca escolar, observou-se que há entre os pesquisadores uma consciência a respeito da valorização da biblioteca na escola, principalmente em relação a sua contribuição para a aprendizagem (CAMPELLO et al., 2013).

Neste sentido, a biblioteca escolar é um espaço significativo no contexto educacional, pois possibilita a seus usuários o acesso à informação e à cultura visando à efetividade de cidadania e participação na democracia. Em consonância com essa assertiva, Lourenço Filho (1944 apud ALONSO, 2007, p. 41) defende que “[...] uma escola sem biblioteca é instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto”.

Por isso, deve-se acrescentar como seu papel fundamental, nessa sociedade cada vez mais informacional, as atividades de incentivo à leitura, que favorecem a formação de um leitor com senso crítico e reflexivo e a orientação à pesquisa escolar que possibilita aos alunos o desenvolvimento de habilidades para busca e uso da informação, seja para resolução de problemas ou tomadas de decisões, como também para produzir conhecimento de maneira individual ou coletiva. Para reforçar essa ideia, Campello (2010) sinaliza que a ênfase que o bibliotecário concede às atividades de promoção da leitura e a dificuldade que possui para orientar a pesquisa escolar, faz com que este profissional tenha necessidade de ampliar suas ações pedagógicas, de maneira que ele possa contribuir para a formação de usuários competentes na busca e no uso de informações ao longo de sua vida pessoal e acadêmica.

Segundo essa perspectiva, a biblioteca escolar tem o *knowhow* para formar alunos potencialmente capazes de “aprender a aprender”, “aprender a fazer”, “aprender a conviver” e “aprender a ser”, que correspondem aos quatro pilares da educação, os quais produzem um significado importante para toda a vida (EDUCAÇÃO..., 2010). Em relação a essa questão, a

biblioteca tem a incumbência de contribuir no processo de aprendizagem do aluno, pois segundo Ramos (2007, p. 3) “hoje, o aprendizado do mundo é realizado não por uma relação direta, mas antes, mediado pelas informações que ordenam nossa cultura e dão sentido à nossa relação com o mundo”.

Neste sentido, a biblioteca escolar é constituída como um ambiente de aprendizagem que pode realizar ações de mediação da leitura e da informação entre os atores envolvidos no contexto educacional. Entende-se que a leitura é um processo primordial para a formação intelectual e a inclusão social de um indivíduo, pois a “capacidade de ler também redonda na capacidade de aprender como um todo, indo muito além da mera recepção. A boa leitura é uma confrontação crítica com o texto e as idéias do autor” (BAMBERGER, 1987, p. 10). Desta forma, para Gomes e Bortolin (2011, p. 158) “a leitura é um ato que depende da motivação recebida e a sua prática favorece muito a construção do conhecimento, a opinião e o senso crítico do indivíduo”. Dada a importância de motivar o hábito de ler, é necessário que o bibliotecário compreenda a relevância de despertar nos alunos o gosto pela leitura, ou seja, possibilitar o encontro entre o leitor e os diversos tipos de textos, visando à reflexão e assimilação de ideias através da mediação da leitura.

A biblioteca escolar além de desempenhar um importante papel no que se refere à mediação da leitura, também exerce uma forte influência nas ações de mediação da informação. Deste modo, a biblioteca escolar é um dispositivo de ações literárias e culturais, conforme ressaltam com muita propriedade Sanches e Rio (2010, p. 112), ao afirmarem que “[...] a mediação da informação se constitui como um processo de fluxo e refluxo dos processos culturais, de maneira a contribuir com a fixação do adquirido, bem como potencializando ações transformadoras”.

Neste cenário, destacam-se as bibliotecas escolares que passaram a fazer parte do cotidiano das Instituições Federais de Ensino Superior, a partir da criação dos colégios de aplicação. Esses colégios foram criados por meio do Decreto-Lei n.º 9.053, em 12 de março de 1946, que estabeleceu a obrigatoriedade de todas as Faculdades de Filosofia manter ginásios de aplicação, destinados à prática docente dos alunos dos cursos de Didática. Com isso, os colégios de aplicação têm um importante papel na comunidade acadêmica e na sociedade, pois possui o compromisso de formar cidadãos críticos, por meio de uma prática pedagógica autônoma e da livre experimentação de metodologias e estratégias de ensino, sendo desta forma um espaço referencial para a formação dos discentes dos cursos de licenciatura.

As bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES possuem um importante propósito no espaço acadêmico, pois precisam produzir produtos e serviços que atendam ao currículo do ensino básico como também a formação dos alunos de diversos cursos de graduação com licenciatura, visando contribuir no processo de ensino-aprendizagem da comunidade escolar. Deste modo, os bibliotecários devem ter a competência de realizar ações que contemplem a mediação da informação por meio da leitura, pesquisa, interação, comunicação, criatividade e uso de recursos tecnológicos e informacionais que possibilitem aos alunos a assimilação e produção do conhecimento de maneira coletiva.

Vale ressaltar a importância do debate sobre mediação da leitura e da informação entre os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES a partir do conceito de comunidade de prática que é definido por McDermott (1999 apud MOURA, 2009, p. 4) como:

[...] agrupamentos de pessoas que compartilham e aprendem uns com os outros por contato físico ou virtual, com um objetivo de resolver problemas, trocar experiências, desvelamentos, a construção de modelos padrões, técnicas ou metodologias, tudo isso com previsão de considerar as melhores práticas.

Neste contexto, a internet se destaca como um espaço que favorece a comunicação, a interação, a disseminação e o compartilhamento de informações entre os bibliotecários que atuam nesse tipo de biblioteca. Desta forma, é relevante refletir sobre a utilização de uma internet colaborativa, que permita a existência de um canal pelo qual flui uma grande quantidade de práticas sociais, culturais, políticas e econômicas. Trata-se de um espaço interativo, de trocas, de criação e geração, além de armazenamento de informações, tornando-se uma importante ferramenta de colaboração entre participantes do mundo digital (BLATTMANN; SILVA, 2007).

Segundo os aspectos mencionados, esse conjunto de práticas interativas possibilita a produção da informação de maneira colaborativa entre os indivíduos que presenciam de uma nova concepção da internet – a chamada *web 2.0*. Para Vieira, Carvalho e Lazzarin (2008, p. 2)

[...] diante desta nova concepção de *Internet*, a *Web 2.0* propõe dinamismo, interatividade e uma grande vantagem para as bibliotecas universitárias federais brasileiras, que vão além dos benefícios informacionais e tecnológicos.

Ainda no que se refere ao conceito de *web 2.0*, Blattmann e Silva (2007) destacam a seguinte característica: um ambiente colaborativo para interação e participação de pessoas em recursos da internet. Os autores recomendam a incorporação das tecnologias *web 2.0* pelos profissionais da informação para dinamizar o fluxo da informação.

Nesta conjuntura, surgem as mídias sociais que são categorias relacionadas à *web social*, internet, cibercultura, ciberespaço e cada vez mais conhecidas pelos atores envolvidos nas unidades de informação. Na literatura do campo, também são chamadas ferramentas colaborativas (CALIL JUNIOR, 2013) e são entendidas como dispositivos que “facilitam a colaboração e a comunicação entre usuários, estimulam a participação e a criação de conteúdos, e possibilitam o surgimento e a disseminação das redes sociais na internet” (CALIL JUNIOR, 2013, p. 1060).

Conforme as perspectivas mencionadas, é possível utilizar as mídias sociais para criar uma comunidade de prática que disponibilize um espaço de discussão sobre a mediação da leitura e da informação. Deste modo, as potencialidades para apropriar-se da informação são oferecidas mediante a possibilidade de unir um grupo de pessoas que possuem um interesse comum, considerados pelos sociólogos como “grupos portadores de conhecimento”, que podem pertencer a “instituições geradoras de conhecimento”, ou seja, “[...] pequenos grupos de contato direto, entendidos como grupos de indivíduos que se encontram regularmente [...], seguindo regras que produzem diferentes papéis sociais [...]” (BURKE, 2012, p. 12).

Neste sentido, as bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES podem ser consideradas instituições geradoras de conhecimento, que por meio de uma comunidade de prática na internet podem trocar experiências, alcançar objetivos mútuos, solucionar problemas, buscar auxílio em tomadas de decisões, dentre outras possibilidades que surgem em um grupo que possui características semelhantes.

A presente dissertação está estruturada da seguinte forma, a seção um apresenta a introdução que mostra em aspectos gerais a relevância do tema biblioteca escolar, a mediação da leitura e da informação no ambiente educacional. Também destaca a importância das bibliotecas escolares estarem inseridas no contexto acadêmico por meio da criação dos colégios de aplicação e aborda a influência das novas tecnologias de comunicação e informação e o aproveitamento das mesmas para criar uma comunidade de prática *online* para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES. Deste modo, aponta os objetivos gerais e específicos, e as questões que formulam o problema da pesquisa.

A seção dois exhibe os procedimentos metodológicos, os instrumentos de coleta de dados e a técnica utilizada para analisar os dados coletados no desenvolvimento da pesquisa.

Ressalta-se o aporte teórico que orienta a metodologia aplicada neste trabalho: Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2001), Bardin (c1977), Bauer e Aarts (2005), Gaskell (2005), Gomes (2012), Marconi e Lakatos (2010), Minayo (2012), Russo (2012), Sá (2013), Valentim (2005).

A seção três apresenta o referencial teórico que fundamenta os conceitos utilizados na pesquisa. Desta forma, destacam-se alguns autores que abordam a biblioteca e a sua presença na cultura escolar, a inserção desse espaço no projeto político pedagógico da escola, as ações educativas da biblioteca escolar e a sua contribuição para o processo de aprendizagem. Neste cenário, ressaltam-se a mediação da leitura e a mediação da informação, como também as atividades que evidenciam essas mediações na biblioteca escolar.

A seção quatro discorre sobre o conceito de comunidades de prática que é a base da proposta desse trabalho. Deste modo, aborda a origem e evolução do termo, apresenta um panorama de estudos que ressaltam diversas plataformas para atender uma comunidade de prática *online*. Também, destaca um estudo sobre comunidades de prática no contexto da biblioteca escolar.

A seção cinco expõe o campo de estudo deste trabalho, ou seja, apresenta os dezessete colégios de aplicação das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) e um levantamento nos eventos científicos sobre as mediações de literatura e informação das bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES.

A seção seis mostra a análise dos resultados encontrados por meio do uso de um questionário enviado para as dezessete bibliotecas dos colégios de aplicação e a entrevista realizada com cinco bibliotecários, sendo que cada um trabalha em um colégio de aplicação diferente.

A seção sete apresenta um projeto de criação de uma comunidade de prática *online* para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação, com todas as etapas necessárias para a realização do mesmo.

A seção oito expõe as considerações finais deste estudo.

1.1 OBJETIVOS

Seguem os objetivos geral e específicos deste trabalho.

1.1.1 Objetivo geral

- Propor a criação de uma comunidade de prática *online* para que os bibliotecários, atuantes na rede de bibliotecas dos colégios de aplicação, possam discutir e trocar informações sobre ações e assuntos concernentes à mediação da informação e da leitura.

1.1.2 Objetivos específicos

- identificar quais são as ações de mediações da leitura e da informação realizadas por uma biblioteca escolar;
- constatar de que maneira essas ações contribuem para a legitimidade da biblioteca como um espaço de aprendizagem;
- verificar informações sobre o entendimento dos bibliotecários dos colégios de aplicação das universidades federais, no que se refere à mediação da leitura e da informação;
- investigar quais ações de mediação da leitura e da informação são realizadas por essas bibliotecas;
- especificar a existência de comunidades de prática no contexto educacional e biblioteconômico;
- buscar quais as ferramentas que podem ser utilizadas para atender aos propósitos deste espaço colaborativo para as bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES.

1.2 PROBLEMATIZAÇÃO

De acordo com os objetivos propostos, alguns questionamentos foram levantados para a formulação do problema da pesquisa:

- Quais são as práticas de mediação da leitura e da informação realizadas pelas bibliotecas escolares dos colégios de aplicação das IFES?

- As ações de mediação da leitura e da informação favorecem de que maneira o processo de aprendizagem dos alunos?
- Os bibliotecários que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES reconhecem que essas ações contribuem para a aprendizagem dos alunos?
- A criação de uma comunidade de prática *online* para os profissionais que atuam nessas bibliotecas pode favorecer o desenvolvimento de práticas voltadas para a mediação da leitura e da informação nesses espaços?

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho tem a finalidade de propor a criação de uma comunidade de prática *online* para que os profissionais das bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES possam discutir sobre a mediação da leitura e da informação, além de oferecer recursos informacionais para refletirem sobre suas práticas em torno da mediação. Desta maneira, é necessário traçar o caminho a ser percorrido nesta pesquisa, ou seja, quais são as orientações metodológicas a serem adotadas.

De acordo com o tema, o universo dessa pesquisa é composto pelos profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES, pois é importante saber como as atividades de mediação da leitura e da informação estão sendo realizadas nessas bibliotecas. Deste modo, é essencial fundamentar teoricamente a metodologia desta pesquisa. Conforme Minayo (2012, p. 14) “a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)”.

Neste sentido, em relação à abordagem, percebeu-se que a qualitativa é a mais recomendada, pois segundo Minayo (2012, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Campello (2009), em sua tese, utiliza-se da abordagem qualitativa por ser a mais adequada para investigar as práticas pedagógicas do bibliotecário na escola, ou seja, um fenômeno que precisa ser entendido tanto na sua singularidade como também na pluralidade. Para a autora, a pesquisa qualitativa “envolve compreensão que ocorre a partir da experiência do observador, significando que o pesquisador traz um modo de olhar singular/único para o processo de investigação” (CAMPELLO, 2009, p. 92). Por outro lado, a experiência da pesquisadora de trabalhar na biblioteca de um colégio de aplicação facilita todo o processo investigativo dessa pesquisa.

O processo de trabalho científico na pesquisa qualitativa está dividido em três etapas: “fase exploratória; trabalho de campo; análise e tratamento do material empírico e

documental” (MINAYO, 2012, p. 26). De acordo com Minayo (2012), a fase exploratória é a produção do projeto de pesquisa, ou seja, a definição do objeto, o desenvolvimento teórico e metodológico, dentre outros procedimentos. No que se refere ao trabalho de campo é aplicar a produção teórica na prática empírica do trabalho, ou seja, utilizar os instrumentos de observação, entrevistas, dentre outras formas de coleta de dados com os pesquisados. No que concerne à terceira etapa, análise e tratamento empírico e documental, são os procedimentos para analisar e interpretar os dados empíricos captados pelo trabalho de campo e fundamentados com a base teórica do projeto.

A partir desta visão, a pesquisa possui um caráter exploratório e assim, para obter os dados concernentes aos assuntos propostos, foi necessário fazer um levantamento documental sobre os conceitos de mediação da leitura, mediação da informação e a relação destes no contexto da biblioteca escolar. Além disso, para propor a criação de um espaço colaborativo na internet para compartilhamento de informações sobre mediação da leitura e da informação entre as bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES foi relevante considerar nesta pesquisa o entendimento dos seguintes conceitos: *web 2.0*, mídias sociais e comunidades de prática. Conforme Marconi e Lakatos (2010, p. 142) para o levantamento de dados utiliza-se como procedimento a pesquisa bibliográfica que é um “apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados ao tema”.

O debate sobre a biblioteca escolar tem aumentado desde a criação da Lei n.º 12.244/2010, que preconiza a criação de bibliotecas escolares em todas as instituições de ensino até 2020 (BRASIL, 2010). Desta maneira, em relação ao campo empírico da pesquisa, buscou-se cobrir esta temática, considerando o levantamento documental a partir de 2009, ou seja, um ano antes da promulgação da referida lei. No que se refere ao marco teórico, considerou-se a relevância da produção, ou seja, procurando trazer em um período dos cinco últimos anos os autores que debateram e refletiram sobre o tema.

Para tanto, a busca foi realizada no repositório dos Encontros Nacionais de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (BENANCIB), na Base de Dados Referencial de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e na Base de Dados de Teses e Dissertações (BDTD) do IBICT. Somados a essas fontes os anais dos eventos que debatem sobre a biblioteca escolar, tais como: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias e o 1º Fórum de Pesquisa em Biblioteca Escolar. Utilizou-se também a base de Literatura Brasileira em Biblioteca Escolar (LIBES). No entanto, verificou-se a redundância na recuperação dos dados,

comparando as outras bases, sendo que foram encontrados textos nas outras bases que não constam na LIBES.

Ressalta-se que os anais de eventos da área, atendem ao marco empírico desta pesquisa, isto é, analisam os trabalhos que discutem sobre as bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES e a prática de ações de mediação da leitura e da informação.

No que concerne ao conceito de biblioteca escolar, a busca foi realizada por meio da palavra exata, no campo palavra-chave e título. Desta maneira, seguem os dados encontrados nas respectivas bases de dados:

Quadro 1 – Pesquisa sobre biblioteca escolar

Fonte	Total de Itens	Itens relevantes (2009 a 2013)
BRAPCI	125	32
BENANCIB	18	7
BDTD/IBICT	39	23
LIBES	153	69
Total	335	131

Fonte – a autora (2015)

Em relação ao conceito de mediação da leitura, a busca foi realizada usando a palavra exata e no campo palavra-chave e título. Desta maneira, seguem os dados encontrados nas respectivas bases de dados:

Quadro 2 – Pesquisa sobre mediação da leitura

Fonte	Total de Itens	Itens relevantes (2009 a 2013)
BRAPCI	3	3
BENANCIB	3	3
BDTD/IBICT	5	4
LIBES	3	3
Total	14	13

Fonte – a autora (2015)

Ao analisar os dados acima, percebe-se que o conceito mediação da leitura é atualmente pouco discutido. A partir da pesquisa realizada, percebe-se que os estudos não apresentam

esse conceito, apesar de apresentar ideias associadas ao mesmo, tais como: contação de histórias, hora do conto, concurso de poesia etc.

Para o conceito de mediação da informação, a busca foi realizada usando a palavra exata e no campo palavra-chave e título. Desta maneira, seguem os dados encontrados nas respectivas bases de dados:

Quadro 3 – Pesquisa sobre mediação da informação

Fonte	Total de Itens	Itens relevantes (2009 a 2013)
BRAPCI	37	27
BENANCIB	15	12
BDTD/IBICT	9	7
LIBES	1	0
Total	62	46

Fonte – a autora (2015)

No que se refere ao conceito de mediação da informação a pesquisa recuperou um quantitativo maior de trabalhos sobre o tema, ratificando a noção de que este é um dos conceitos presentes nos debates da área de Biblioteconomia e de Ciência da Informação. No entanto, através da fonte LIBES, percebe-se uma baixa incidência no que se refere à aplicação do conceito no contexto da biblioteca escolar.

O levantamento documental sobre comunidades de prática apresentou alguns aspectos importantes em relação à fundamentação teórica deste trabalho. Por meio da busca realizada na BDTD do IBICT, foram encontrados recentes estudos aplicando o referido conceito ao contexto educacional.

Quadro 4 – Pesquisa sobre comunidades de prática

Fonte	Total de Itens	Itens relevantes (2009 a 2013)
BRAPCI	3	2
BENANCIB	4	2
BDTD/IBICT	49	34
Total	56	38

Fonte – a autora (2015)

No que se refere ao aprofundamento do conceito comunidades de prática, surgiu a necessidade de um diálogo com a literatura internacional sobre o tema. Dessa forma, foi realizada uma pesquisa no portal de periódicos CAPES, utilizando o termo *communities of practice* e refinando a busca pelo autor Etienne Wenger cujos estudos abordam a origem e evolução do conceito citado.

Em relação ao marco empírico, este trabalho teve o propósito de verificar relatos de experiências e pesquisas que abordam as ações de mediação da leitura e da informação nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES. Para tanto, foi necessário pesquisar nos anais de eventos da área (SNBU, CBBB, 1º Fórum de Pesquisa em Biblioteca Escolar) essas práticas de mediação. Assim sendo, o capítulo cinco apresenta os resultados da referida pesquisa sobre as narrativas a respeito das ações de mediação nos principais eventos profissionais da área.

No que concerne à pesquisa de campo, propõe-se a verificação das atividades de mediação da leitura e da informação realizadas pelas bibliotecas dos colégios de aplicação das Universidades Federais, dentre alguns elementos que permeiam esses assuntos, tais como parceria dos professores, integração ao projeto político pedagógico da escola e contribuição para a aprendizagem. Portanto, tomando como base a definição de Marconi e Lakatos (2010, p. 169) pesquisa de campo é

[...] aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Ainda assim, conforme Minayo (2012, p. 61) o trabalho de campo

[...] permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os “atores” que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social.

Desta maneira, para alcançar os propósitos desse trabalho, utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário com perguntas abertas e fechadas. O uso desse instrumento permitiu identificar as ações que contemplam a mediação da informação e da leitura nas bibliotecas dos colégios de aplicação, como também permitiu verificar o discurso sobre as práticas e as experiências de cada biblioteca no que concerne ao uso de

mídias sociais. A aplicação do questionário se deu pela facilidade de obter informações das dezessete bibliotecas dos colégios de aplicação de diversas IFES.

Após a aplicação do questionário, verificou-se a necessidade de fazer entrevista com uma pequena amostra dos participantes, visando obter informações sobre a plataforma e recursos que serão propostos para criação de uma comunidade de prática *online*. Conforme Minayo (2012, p. 64) a entrevista

[...] tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. [...] Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo.

Desta forma, o uso de amostra “garante eficiência na pesquisa ao fornecer uma base lógica para o estudo de apenas partes de uma população sem que se percam as informações [...]” (BAUER; AARTS, 2005, p. 40). Acrescenta Gaskell (2005, p. 70) que “o objetivo da pesquisa qualitativa é apresentar uma amostra do espectro dos pontos de vista”. Sendo assim, as entrevistas realizadas com cinco bibliotecários, serviram para inferir a proposta de criação de uma comunidade de prática *online* para os participantes do universo dessa pesquisa trocarem informações sobre mediação da leitura e da informação. Desta forma, foi possível refletir sobre a plataforma que poderia ser adotada para a concretização de uma comunidade de prática *online*. A decisão de fazer as entrevistas evidencia que “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (GASKELL, 2005, p. 68).

Em relação ao número de entrevistados, Gaskell (2005, p. 71) afirma que

[...] mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade, ou levam a uma compreensão mais detalhada [...] embora as experiências possam aparecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais.

Segundo essas perspectivas, ratifica-se o uso da amostragem, pois “refere-se a um conjunto de técnicas para se conseguir representatividade” (BAUER; AARTS, 2005, p. 41).

Na próxima seção, as técnicas aplicadas na coleta de dados serão detalhadas para um melhor entendimento da utilização das mesmas nessa pesquisa.

2.1 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

O questionário é um instrumento de coleta de dados, “constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 184).

No que se refere à elaboração do questionário, Marconi e Lakatos (2010, p. 185) afirmam que esta “requer a observância de normas precisas, a fim de aumentar sua eficácia e validade. Em sua organização, devem-se levar em conta os tipos, a ordem, os grupos de perguntas, a formulação das mesmas [...]”.

As perguntas do questionário foram elaboradas a partir de um roteiro que estava “de acordo com os objetivos geral e específico” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 185) dessa dissertação. O questionário foi respondido por um bibliotecário de um dos colégios de aplicação em análise durante o XVIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, em Belo Horizonte. O pré-teste possibilitou um aprimoramento e melhor adequação das perguntas para atender aos objetivos da pesquisa¹. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 186) o pré-teste serve para

[...] verificar se o questionário apresenta três importantes elementos: a) fidedignidade – qualquer pessoa que o aplique obterá sempre os mesmos resultados; b) validade – os dados recolhidos são necessários à pesquisa; c) operatividade – vocabulário acessível e significado claro.

A aplicação do questionário visou esclarecer os seguintes pontos:

- conhecer o perfil pessoal e profissional das bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES;
- identificar as ações de mediação da leitura e da informação que são realizadas nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES;
- saber se as bibliotecas possuem projetos (artístico/cultural) e a que público se destinam;
- conhecer o entendimento dos bibliotecários sobre a importância das atividades de mediação da leitura e da informação para o processo de aprendizagem dos alunos;

¹ O roteiro do questionário foi avaliado pela banca de qualificação. Após a adoção das recomendações realizadas pela banca, foi feito um pré-teste.

- constatar se a biblioteca trabalha em conjunto com os professores e equipe pedagógica, e se a mesma está inserida no projeto político pedagógico da escola;
- verificar se a biblioteca participa de alguma rede social na internet;
- conhecer os meios de comunicação e divulgação da biblioteca;
- identificar se a biblioteca interage com comunidade externa (bibliotecas municipais, estaduais e federais).

A entrevista foi utilizada com a finalidade de investigar as ferramentas e recursos mais propícios que poderão ser utilizados no projeto de uma comunidade de prática *online* para os profissionais das bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES. O tipo de entrevista utilizada foi a semiestruturada. Conforme Alves-Mazzotti e Gewandszajder (2001, p. 168) as entrevistas qualitativas

[...] são muito pouco estruturadas, sem um fraseamento e uma ordem rigidamente estabelecidas para as perguntas, assemelhando-se muito a uma conversa. Tipicamente, o investigador está interessado em compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana.

Esses aspectos fundamentam a maneira com que a entrevista foi realizada, ou seja, por meio dos recursos de comunicação síncrona que é aquela que ocorre em tempo real e possibilita um *feedback* instantâneo das respostas. No entanto, um ponto negativo foi a necessidade de agendamento e a flexibilidade dos horários para a realização da entrevista. Ainda assim, essa decisão de realizar a entrevista via internet foi determinante para a obtenção dos dados para a pesquisa, dado que os entrevistados não estão situados no Estado do Rio de Janeiro. Um ponto positivo foi que a escolha dos entrevistados ocorreu devido ao interesse dos mesmos pela pesquisa e a interação com a pesquisadora após a aplicação dos questionários.

Para propor a criação de uma comunidade de prática *online* para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES trocarem informações sobre mediação da leitura e da informação, foi necessário identificar o entendimento dos profissionais em relação a esse espaço, as necessidades em torno dos assuntos propostos, as motivações para participarem e os recursos comunicacionais para potencializar a criação desse espaço. Deste modo, o quadro seguinte mostra a finalidade de cada pergunta formulada para a entrevista:

Quadro 5 – Perguntas formuladas nas entrevistas com os respectivos objetivos

Perguntas	Objetivos
Você usa a internet? De que forma?	Conhecer de que maneira e com que finalidade os bibliotecários utilizam a internet
Utiliza alguma rede social na internet? Você compartilha algo? O que costuma compartilhar?	Saber qual é a rede social na internet que é utilizada pelos bibliotecários e o que compartilham?
O que você pensa sobre o uso das mídias sociais como espaço de comunicação? Você faz uso? Pode me falar um exemplo?	Identificar a opinião sobre o uso das mídias sociais e se fazem uso para troca de informações.
Você pensa que as mídias sociais podem ser usadas como fontes de informação? Que tipos de informação podem ser buscadas? São fontes válidas para a busca de informações sobre as atividades profissionais? Por exemplo?	Conhecer a experiência sobre o uso das mídias sociais como fontes de informação para atividades relacionadas à profissão.
Como você vê a criação de um espaço colaborativo na internet para os profissionais que atuam nas bibliotecas escolares das IFES? De que forma esse espaço poderia ser utilizado, qual sua opinião?	Saber a posição dos bibliotecários em relação à criação de um espaço colaborativo na internet para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES.
Que saberes em torno da mediação da leitura e da informação é relevante compartilhar e documentar em uma comunidade de prática <i>online</i> ?	Verificar o que os bibliotecários desejam saber sobre as ações de mediação da leitura e da informação.
Como e com que propósito você levaria a sua experiência para uma comunidade de prática <i>online</i> ?	Identificar se os bibliotecários possuem interesse em participar de uma comunidade de prática <i>online</i> compartilhando suas experiências.
Quais as ferramentas de comunicação e publicação de conteúdos que a comunidade de prática poderia ter?	Verificar quais as ferramentas que a comunidade de prática <i>online</i> poderia oferecer para o grupo.
De que maneira a sua participação em uma comunidade de prática poderia contribuir com ações positivas para a biblioteca onde trabalha?	Saber a posição dos bibliotecários sobre a aprendizagem que podem adquirir e ser implantada na biblioteca onde trabalham.
Quais redes sociais na internet, a comunidade de prática poderia ser inicialmente implementada?	Conhecer qual é a melhor rede social na internet para incluir na proposta de criação de uma comunidade de prática <i>online</i> para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES.

Fonte – a autora (2015)

2.2 TÉCNICA DE TRATAMENTO DOS DADOS

No que concerne à análise e interpretação dos dados dessa pesquisa, adotou-se a análise de conteúdo. Segundo Gomes (2012, p. 79) “a análise e a interpretação dentro de uma perspectiva de pesquisa qualitativa não tem como finalidade contar opiniões ou pessoas. Seu foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar”. Ainda assim, destaca a análise de conteúdo como um procedimento que surgiu no âmbito da pesquisa quantitativa e atualmente é aplicado em pesquisas qualitativas (GOMES, 2012).

Deste modo, Gomes (2012) ressalta que Bardin (1979 apud GOMES, 2012), “menciona a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas, indicando que há várias maneiras para analisar conteúdos de materiais de pesquisa”. De acordo com isso, Gomes (2012, p. 85) destaca ainda as seguintes formas de análise de conteúdo: “análise de avaliação ou análise representacional; análise de expressão, análise de enunciação e análise temática”.

Conforme Bardin (c1977, p. 42) a análise de conteúdo é

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Outro aspecto importante que deve ser observado durante o processo, refere-se ao pesquisador, que deve ser considerado como

[...] aquele que delimita as unidades de codificação, ou as de registro. Estas, de acordo com o material ou código, podem ser: a palavra, a frase, o minuto, o centímetro quadrado. [...] Quando existe ambiguidade na referência do sentido dos elementos codificados, necessário é que se definam unidades de contextos, superiores à unidade de codificação, as quais, embora não tendo sido tomadas em consideração no recenseamento das frequências, permitem, contudo, compreender a significação dos itens obtidos, repondo-os no seu contexto (BARDIN, c1977, p. 36).

Para Valentim (2005, p. 124) a análise de conteúdo é um dos “diferentes métodos e técnicas aplicados à pesquisa científica na área de Ciência da Informação”. Em relação as técnicas aplicadas para a análise do conteúdo, Valentim (2005) destaca a análise léxica (unidades de vocabulário, as palavras – substantivo, adjetivo) e a análise categorial (discurso

desmembrado em categorias/classificação). Cabe ressaltar que nessa pesquisa foram adotados os aspectos mencionados de acordo com Valentim (2005, p. 127) que são:

- a) Associação de palavras – definem-se palavras indutoras significativas e os sujeitos pesquisados têm de associar palavras à palavra indutora. [...] após reunir as palavras mencionadas pelos sujeitos pesquisados em uma relação, é necessário fazer uma classificação com o objetivo de organizar as palavras (substantivos, adjetivos, expressões, nomes próprios etc.) de um modo mais compreensível, como, por exemplo, palavras sinônimas, proximidade semântica [...].
- b) Respostas a questões abertas – as relações que o sujeito de pesquisa tem com o objeto pesquisado são utilizadas para estudar a relação simbólica entre o sujeito e o objeto pesquisado. Essa aplicação necessita, portanto, identificar a relação do sujeito pesquisado com o objeto da pesquisa, por meio do gênero, da ocupação, da formação etc.
- c) Análise de entrevistas – observa-se a relação sujeito de pesquisa com o objeto pesquisado. Análise é essencialmente temática e podem-se usar diferentes grades/propostas para a realização da análise dos dados. Entre elas pode-se citar a análise de frequência/quantitativa e a análise transversal (temas).

A análise de conteúdo foi um procedimento adotado também por Russo (2012) e Sá (2013) nas entrevistas realizadas em suas pesquisas. As autoras utilizaram também o método proposto por Bardin (1977), que é a técnica de análise de conteúdo temática ou categorial, ou seja, “as análises por categorias são apresentadas, a seguir, com as respectivas unidades de registro e os trechos das entrevistas (unidade de contexto), considerados mais representativos que são indicados com fonte diferente do texto da pesquisa” (SÁ, 2013, p. 107).

Deste modo, a partir do estudo de Russo (2012), verificou-se que a melhor maneira para analisar as entrevistas foi compreender as seguintes etapas: “leitura compreensiva do material obtido nas entrevistas em profundidade; exploração do material coletado; interpretação dos resultados” (RUSSO, 2012, p. 101).

Segundos os aspectos mencionados sobre análise do conteúdo, essa técnica foi decisiva para enriquecer esta pesquisa de forma a obter resultados concisos dos questionários aplicados e das entrevistas realizadas com os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES.

3 MARCO TEÓRICO

O marco teórico compreende quatro categorias de assuntos importantes para a fundamentação do estudo: biblioteca escolar, mediação da leitura, mediação da informação e comunidade de prática *online*.

3.1 A BIBLIOTECA ESCOLAR

Atualmente a biblioteca escolar está em evidência, tanto nos debates acadêmicos como também nas diversas mídias sociais, visto a criação da Lei n.º 12.244, de 24 de maio de 2010, que versa sobre a universalização das bibliotecas escolares em todas as instituições de ensino até 2020.

Partindo do pressuposto de que algumas ações são relevantes para o aprofundamento do tema, destacam-se a realização do 1º Fórum de Pesquisa em Biblioteca Escolar, organizado pelo Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE), da Escola de Ciência em Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e também um documento que foi criado pelo Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (2010) sobre a elaboração de parâmetros para bibliotecas escolares. O 1º Fórum de Pesquisa em Biblioteca Escolar teve o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade das bibliotecas escolares brasileiras. Assim, contou com a participação de diversos profissionais atuantes nessa área, tais como pesquisadores, bibliotecários, educadores, dentre outros. A discussão em torno do assunto incluiu onze ações desenvolvidas em diversas instituições acadêmicas, órgãos públicos, dentre outros espaços, sendo assim os participantes apresentaram um conjunto de realizações bem sucedidas (FÓRUM..., 2012).

O referido material apresenta as seguintes informações relevantes para compreender a atual perspectiva das bibliotecas escolares do Brasil:

Constituem narrações de pesquisas e estudos acadêmicos, de programas de formação de bibliotecários, de produção de publicações, de bibliografia, de implantação e desenvolvimento de redes de bibliotecas escolares, de movimento associativo, de ações de extensão que beneficiam professores e profissionais que atuam em bibliotecas de escolas em diversas regiões do país (FÓRUM..., 2012, p. 7-8).

Percebe-se que esse é um evento que visa à valorização da área por meio de discussões sobre a formação do bibliotecário escolar, como também a produção e o acesso de

informações científicas sobre o assunto. Logo, algumas considerações foram destacadas pelos participantes do Fórum: a manutenção da base de dados sobre Literatura Brasileira em Biblioteca Escolar (LIBES) e o lançamento do primeiro fascículo do periódico “Biblioteca Escolar em Revista”, que reúne artigos, relatos de experiência e resenhas sobre o referido tema.

Tanto a Lei n.º 12.244, como o 1º Fórum de Pesquisa em Biblioteca Escolar e o GEBE podem ser considerados como ações que promovem, valorizam e estimulam o debate sobre a biblioteca escolar.

No interior desse cenário, essa pesquisa tem por finalidade compreender as questões em torno do papel da biblioteca inserida no ambiente escolar. Neste âmbito, destaca-se o conceito de cultura escolar que Chervel (1988 apud SILVA, 2006, p. 202) entende como uma “cultura adquirida na escola e encontra nela não somente seu modo de difusão, mas também sua origem”. Para complementar essa definição, Viñao Frago percebe os

[...] modos de pensar e atuar que proporcionam a seus componentes estratégias e pautas para desenvolver-se tanto nas aulas como fora delas – no resto do recinto escolar e no mundo acadêmico – e integrar-se na vida cotidiana das mesmas (VIÑAO FRAGO, 2000, apud SILVA, 2006, p. 204).

Desta maneira, a cultura escolar é um “conjunto de práticas, normas, idéias e procedimentos que se expressam em modos de fazer e pensar o cotidiano da escola” (SILVA, 2006, p. 204). Britto (2009, p. 200) concebe o conceito de maneira reflexiva e crítica, em relação às práticas pedagógicas e destaca a biblioteca escolar nesse contexto:

A cultura escolar estabelecida tem efetivamente um traço fortemente disciplinar e se sustenta em um conjunto de conteúdos fixos, o que tem sido um dos aspectos que mais dificulta o avanço da reflexão pedagógica. [...] Para tanto, as atividades pedagógicas devem se organizar a partir das questões que permitam compreender criticamente a realidade e construir uma nova racionalidade. [...] A partir dessa concepção, a biblioteca escolar ganha destaque como espaço de estudo e de acesso ao conhecimento elaborado.

Segundo esses aspectos, o acesso e uso dos diversos suportes informacionais existentes na biblioteca escolar devem estar inseridos nas atividades pedagógicas, de modo que contribuam no processo de escolarização. Conforme destacam Pieruccini e Perrotti (2012, p. 22-23):

[...] já não basta apenas a escolarização para que os sujeitos se encontrem em condições de participação plena nas várias esferas da vida social. Além disso, é fundamental a criação de uma relação ativa, interessada e permanente com o conhecimento, destinada a ultrapassar o período restrito e obrigatório de frequência aos bancos escolares. Nesse sentido abrangente de educação para o conhecimento, a apropriação e integração das bibliotecas escolares à vida educacional e cultural demandam não só iniciativas para sua implantação nas escolas do país, segundo perspectivas contemporâneas [...], mas, também, e especialmente, a constituição de uma trama de saberes e fazeres indispensáveis que dêem sustentação a tais iniciativas.

Para complementar essa ideia da inserção das bibliotecas na vida escolar, Castro Filho (2012, p. 33) ratifica: “é necessário que a biblioteca estabeleça com a direção pedagógica, projetos educativos relacionados com os materiais existentes na biblioteca e, sobretudo, um projeto político de valorização desse espaço escolar”.

Deste modo, é essencial a integração da biblioteca no projeto político pedagógico da escola, tanto para a sua valorização, como também para contribuir no processo educativo por meio de ações que contemplem o currículo escolar. Para uma melhor compreensão sobre o uso desse documento na escola, destaca-se o entendimento de Gadotti (2001, p. 34):

O projeto político pedagógico não nega o instituído da escola que é a sua história, que é o conjunto dos seus currículos, dos seus métodos, o conjunto dos seus atores internos e externos e o seu modo de vida. Um projeto sempre confronta esse instituído com o instituinte. Não se constrói um projeto sem uma direção política, um norte, um rumo. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é também político. O projeto pedagógico da escola é, por isso mesmo, sempre um processo inconcluso, uma etapa em direção a uma finalidade que permanece como horizonte da escola.

Para complementar a importância de a biblioteca estar inserida nesse documento que detalha os objetivos e diretrizes das ações educativas da escola, destaca-se a visão de Pérez-Buendía (2015, p. 27):

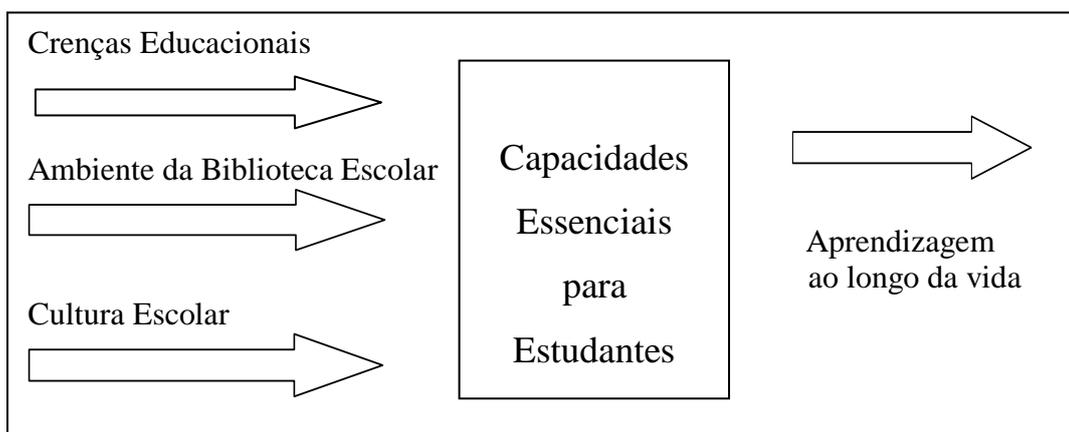
Entendo a biblioteca escolar como um território com um projeto político-pedagógico para o desenvolvimento da cultura letrada na escola, através do qual a comunidade escolar organiza ações requeridas para apoiar todos os processos de ensino e aprendizagem. Para que a biblioteca escolar cumpra com sua função, é preciso considerá-la como um elemento substancial do projeto político-educacional da escola. Se tal meta for alcançada, o espectro de influência que projeta pode transcender a comunidade educacional e fortalecer o tecido social, participando assim na formação de comunidades leitoras.

Neste sentido, além da biblioteca fazer parte do projeto político pedagógico da escola, ela também deve ter o seu próprio documento (projeto político pedagógico), que orienta suas ações e determina a sua representatividade no processo educacional.

Com base nessas perspectivas sobre a relevância da biblioteca escolar no processo educacional, ressalta-se a opinião sobre cultura escolar que para Todd, Gordon e Lu (2011, p. 49) é um conceito “complexo e multifacetado”. Além disso, os autores afirmam que a cultura escolar é “geralmente definida como um conjunto de crenças, costumes e comportamentos compartilhados na escola: a implementação de crenças e experiências compartilhadas dão à escola sua persona, e ao mesmo tempo, resumem o seu sucesso educacional. Um vasto número de pesquisas sugere que a cultura organizacional é a chave para a produtividade e para o sucesso” (TODD; GORDON; LU, 2011, p. 49, tradução nossa).

Desta forma, a biblioteca escolar, reconhecida na cultura da escola, pode favorecer o processo de ensino-aprendizagem. Segundo os mesmos autores (2011, p. 41, tradução nossa) “No que se refere à biblioteca escolar, um esquema para o ensino e aprendizagem surge a partir de nosso estudo, que descreve a sinergia entre a cultura escolar e as crenças educacionais [...]”. Neste caso, os autores exemplificam esta perspectiva através de um esquema:

Esquema 1 – Capacidades para aprendizagem



Fonte – Todd, Gordon e Lu (2011, p. 41) adaptado pela autora (2015)

De acordo com os aspectos apontados no esquema, percebe-se que ensinar e aprender são fatores essenciais para a produção de conhecimento, e a biblioteca inserida na cultura escolar passa a ser um espaço relevante e facilitador desses processos. Assim sendo, Pinto e Oliveira (2013, p. 5, grifo nosso) entendem que

[...] as instituições educacionais vêm procurando caracterizar a biblioteca escolar como um espaço que possui materiais configurados a serem utilizados por educadores e educandos no **processo de ensino/aprendizagem**, porém esta caracterização só será determinada conforme o papel que esta biblioteca manifestar na instituição. Assim ela poderá ser mais do que um simples ambiente para o acúmulo de informação, transformando-se em um local de **ação pedagógica**, onde os alunos terão oportunidade de aprender, de desenvolver suas destrezas de acessar e de interpretar as informações, enfim habilidades necessárias para conviver na **sociedade da informação**.

Segundo os aspectos grifados na citação supracitada, percebe-se que a biblioteca escolar é caracterizada como um ambiente que fornece subsídios informacionais para o processo ensino-aprendizagem. Deste modo, a biblioteca deve atender às necessidades curriculares e estar presente nas ações pedagógicas da escola, visando atender às perspectivas de uma sociedade que exige cada vez mais indivíduos capazes de lidar com a informação.

Russo e Souza (2013, p. 4, grifo nosso) também tecem considerações sobre o que a sociedade da informação representa para os atores envolvidos no processo educacional:

Esta nova forma de se relacionar, baseada na informação e na tecnologia, gera um grande desafio às escolas brasileiras, em pleno século XXI: educar para a liberdade e para a autonomia diante de um mundo bombardeado por informações. [...] este novo cenário vem exigindo cada vez mais que o estudante possua habilidades para usar a tecnologia da informação de forma inteligente e competente e, para isto, a BE se situa como uma solução perfeita para **auxiliar o aluno a aprender a partir do acesso à informação**.

De acordo com essa visão mais ampla de aprendizagem, com o uso de recursos informacionais, Bernadete dos Santos Campello, responsável pelo GEBE, produziu em parceria com o mesmo, o documento “Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares” (CAMPELLO et al., 2010). Nesse material, o termo “biblioteca escolar” designa aspectos pertinentes para o seu funcionamento na atual realidade social em que estamos vivendo:

[...] conta com espaço físico exclusivo, suficiente para acomodar: o acervo, os ambientes para serviços e atividades para usuários; os serviços técnicos e administrativos; possui materiais informacionais variados, que atendam aos interesses e necessidades dos usuários; tem acervo organizado de acordo com normas bibliográficas padronizadas, permitindo que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez; fornece acesso a informações digitais (internet); **funciona como espaço de aprendizagem**; é administrada por bibliotecário qualificado, apoiado por equipe adequada em quantidade e qualificação para fornecer serviços à comunidade escolar (CAMPELLO et al., 2010, p. 9, grifo nosso).

Percebe-se que o discurso acadêmico atual ressalta a biblioteca como um ambiente que contribui para a aprendizagem do educando. Sendo assim, Campello e outros (2011) destacam mais uma vez que a ideia de biblioteca escolar vista como um espaço de aprendizagem não é nova e pode ser compreendida na evolução da biblioteconomia escolar norte-americana. Deste modo, os autores afirmam que o papel educativo das bibliotecas foi fortalecido com base nas pesquisas científicas de Carol Kuthlthau que “[...] aprofundaram o conhecimento sobre como os estudantes aprendem com informações e sobre o papel da biblioteca nesse processo” (KUTHLTHAU, 2004 apud CAMPELLO et al., 2011, p. 108). Para Campello e outros (2011, p. 108) os estudos de Kuthlthau vêm “ampliando consideravelmente o conhecimento sobre a dimensão pedagógica da biblioteca”.

Para complementar esta ideia, um estudo que apresenta as características de diagnósticos sobre as bibliotecas escolares do Brasil revela que a classe bibliotecária acredita em uma “função educativa para a biblioteca escolar” (CAMPELLO et al., 2012, p. 26); como também sugere aos novos diagnósticos a exposição de aspectos positivos para a biblioteca, ou seja, mostrar seu potencial como espaço de aprendizagem, e, por meio de evidências científicas apontar como a biblioteca escolar pode contribuir na aprendizagem de crianças e jovens (CAMPELLO et al., 2012).

É importante ressaltar outro trabalho no qual Campello e outros (2013) apresentam um estudo sobre o estado da arte da pesquisa sobre biblioteca escolar no Brasil. O referido estudo engloba um levantamento documental de relatos presentes em teses, dissertações, artigos de periódicos e trabalhos em eventos sobre biblioteca escolar, produzidos durante o período de 1975 a 2011. Essa pesquisa proporcionou categorizar os trabalhos analisados em seis grupos: “biblioteca escolar como espaço de aprendizagem, integração professor/bibliotecário, estudo de usos e usuários, coleção, leitura e pesquisa escolar” (CAMPELLO et al., 2013, p. 128). Cabe destacar que uma dessas categorias aborda novamente a biblioteca como espaço de aprendizagem, partindo do princípio de que a função educativa da biblioteca deve ser priorizada pelos bibliotecários.

Ao fazer uma análise retrospectiva, em relação às discussões apresentadas no artigo intitulado, *Literatura sobre biblioteca escolar: características de citações de teses e dissertações brasileiras*, produzido por Campello e outros (2007), encontra-se um panorama educacional brasileiro no qual os pesquisadores constatam que são poucas as bibliotecas escolares que têm qualidade para influenciar o processo de aprendizagem, pois muitas delas não possuem representatividade na instituição escolar. A falta dessa representação surge como um índice de que a referida “função educativa” das bibliotecas e dos bibliotecários seja

relegada à segundo plano e, conseqüentemente, o espaço da biblioteca torna-se passivo e repulsivo para a comunidade escolar. Este argumento ainda é identificado em outros estudos. Para Casarin e outros (2013, p. 368),

Outro fator que tem dificultado a estruturação das bibliotecas escolares é que seu conceito, sua função e o papel dos responsáveis por ela, ou seja, o bibliotecário é pouco conhecido e valorizado pelos envolvidos no processo educacional, visto que eles vivenciaram o uso de bibliotecas escolares ou não. Isto torna o diálogo sobre a necessidade e configuração das bibliotecas com os dirigentes mais difícil.

Deste modo, o bibliotecário e os profissionais que atuam nas bibliotecas escolares têm um importante papel no que concerne a aproximar professores e alunos a esse espaço, pois conforme a citação supracitada, muitos deles não devem ter usado e não conhecem o potencial de uma biblioteca para a formação escolar/acadêmica.

Para a biblioteca estar plenamente presente no ambiente escolar, favorecendo o processo de aprendizagem do aluno, Russo e Souza (2013) destacam a importância do trabalho conjunto entre bibliotecário e o pedagogo:

Esta parceria é de suma importância no contexto educacional; portanto, medidas urgentes devem ser tomadas no sentido de demonstrar a precedência dessa ação educativa e informacional conjunta para o fortalecimento do processo de aprendizagem, do fomento à leitura e da aquisição de competências, pelos alunos, para o uso correto da informação (RUSSO; SOUZA, 2013, p. 6).

Com base nesses aspectos de parceria para uma ação educativa eficiente na escola, ressalta-se uma pesquisa realizada com 28 bibliotecários que atuavam em escolas de ensino básico e com base na revisão de literatura. Campello (2010) destaca quatro finalidades da prática educativa do bibliotecário: promoção da biblioteca; promoção da leitura; formação do leitor e orientação da pesquisa escolar.

Em relação à promoção da biblioteca, verificou-se na pesquisa supracitada que as atividades criadas pelos bibliotecários são realizadas para tornar o ambiente convidativo e agradável para despertar o gosto pela leitura, denominadas como “ações de promoção da biblioteca” (CAMPELLO, 2010, p. 194). Deste modo, observou-se que para atrair os usuários

[...] as bibliotecas disponibilizavam jogos, realizavam brincadeiras e competições, organizavam gincanas, ofereciam prêmios e ofereciam atividades manuais como oficina de *origami* e confecção de livro de pano e outras desenvolvidas ao redor das narrativas, com a finalidade de dinamizar a leitura.

Por conseguinte, a promoção da leitura foi entendida como uma das atividades que possibilitavam atrair os usuários para a biblioteca. Destaca que essas ações tinham o intuito de desenvolver o gosto pela leitura usando o mobiliário da biblioteca e fazendo com que o livro fosse manipulado pelos alunos, tornando o ato de ler agradável e prazeroso. Além disso, alguns eventos propiciavam o contato com variadas manifestações culturais, tais como o teatro, filmes, música, pintura, dentre outras (CAMPELLO, 2010).

Nesta pesquisa, Campello (2010) também apresenta outro fator importante para a ação educativa, a formação do leitor. Segundo a autora, os bibliotecários mostraram “o empenho em garantir que a leitura dos estudantes fosse livre de obrigações, de cobranças, dando-se ao usuário independência para escolher seus momentos de ler e o que queria ler” (CAMPELLO, 2010, p. 197). Além disso, a prática de narração de histórias pelos bibliotecários possibilitou a realização de diversas atividades dinamizadoras para atrair leitores:

[...] palestras, debates, concursos, jogos e gincanas, exposições e feiras, oficinas, cursos, dramatização, desenho, pintura; roda de discussões e debates; reprodução oral da história, a partir da leitura individual e em grupo; jogos e brincadeiras, adivinhações, jogos com palavras e figuras, *tangram*, dobraduras; produção de textos (CAMPELLO, 2010, p. 200).

Os três fatores mencionados sobre a ação educativa do bibliotecário: promoção da biblioteca, promoção da leitura e formação do leitor favorecem a existência de “um quadro de atividades rico e intenso que revelaram a extensão do trabalho do bibliotecário para aproximar os usuários do livro e da leitura” (CAMPELLO, 2010, p. 200).

O bibliotecário deve ter ciência que o ato da leitura não é prazeroso para todos os discentes, visto que muitos não devem ter criado o hábito de ler por vários motivos: a ausência do livro no âmbito familiar desde a tenra idade como também a falta de acesso ao livro na educação infantil. Por isso, a importância de ações que utilizam diversas linguagens artísticas relacionadas ao livro e à literatura para incentivar à leitura.

O outro aspecto referente à prática educativa do bibliotecário é a orientação à pesquisa escolar. Essa prática é adotada pelo bibliotecário com menor frequência, principalmente quando comparada com as ações referentes à promoção da leitura. Neste caso, para Campello (2010, p. 201) “a orientação à pesquisa envolvia o ensino de três habilidades: seguir as etapas da pesquisa, usar fontes de informação e normalizar o trabalho escrito” e ainda complementa que são práticas específicas à profissão do bibliotecário, sendo necessário o profissional implementar essas atividades de modo que favoreça à “aprendizagem por meio de informações” (CAMPELLO, 2010, p. 202).

Com base nisso, a autora relata que a ênfase do bibliotecário nas ações de promoção da leitura e sua dificuldade na contribuição com a pesquisa escolar apontam que embora tenha consciência de sua função educativa, todavia não descobriu uma ação pedagógica mais ampla, de maneira a “contribuir para a formação de usuários competentes na busca e no uso de informação” (CAMPELLO, 2010, p. 186).

A compreensão de que a biblioteca escolar pode contribuir para o processo ensino-aprendizagem permite evidenciar alguns fatores essenciais para uma ação educativa eficaz: o incentivo à leitura, a orientação à pesquisa escolar e o trabalho em parceria com os professores. Também, cabe destacar que existem outras formas com as quais a biblioteca escolar pode colaborar na formação de educandos competentes para acessar, avaliar e usar a informação, seja para proveito próprio ou para a produção de conhecimento. Desta maneira, questões que inserem o conceito de mediação na biblioteca escolar serão abordadas na próxima subseção.

3.2 MEDIAÇÕES NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Para discorrer sobre o conceito de mediação no espaço da biblioteca escolar, é importante entender a origem do mesmo tanto no âmbito das Ciências Sociais, como também na Ciência da Informação.

Em relação às Ciências Sociais, segundo Almeida (2008) o conceito de mediação carrega elementos da teoria social. Sendo assim, para o autor a mediação social:

É situada e analisada na esfera da vida pública e a comunicação é um fenômeno que parece fundamentar a ação. As mediações são, nessa perspectiva, as conexões que se estabelecem entre as ações sociais e as motivações (individuais e/ ou coletivas) (ALMEIDA, 2008, p. 3).

Almeida (2008, p. 11) também expõe que para as Ciências da Informação e da Comunicação, segundo a linha de pensamento de autores franceses o conceito de mediação é

[...] em linha geral, uma construção teórica destinada a refletir sobre as práticas e os dispositivos que compõem os arranjos de sentidos e as formas comunicacionais e informacionais nas sociedades atuais, sem perder de vista os elos que, tanto os conteúdos, quanto os suportes e os acervos mantêm com a tradição cultural.

Considera-se que a ideia de mediação é resultante de uma mudança necessária em relação aos paradigmas dos meios de comunicação, tais como: “o da transmissão de informações, apoiado no par emissor-receptor [...] e o da interação, no qual a comunicação é definida como a resultante das interações entre os sujeitos sociais” (BORDEAUX, 2003 apud ALMEIDA, 2008, p. 12).

Desta maneira, a noção de mediação vai além de uma simples transmissão de um ponto ao outro, ou seja, leva a refletir que é nesse “intervalo que se organiza um terceiro **lugar** ou **terceiro momento** de (re) significação das informações para os sujeitos, para além dos pólos emissão-recepção” (ALMEIDA, 2008, p. 13, grifo do autor).

Para Marteleto e Couzinet (2013, p. 6) estudos franceses mostram três tipos de uso do termo mediação:

[...] de forma incidente, na qual o uso mais corrente refere-se à ação de servir de intermediário para facilitar a comunicação; com uso operatório para designar, descrever ou analisar um processo específico na mediação midiática, pedagógica, cultural, institucional ou no uso das tecnologias e com o objetivo de obter uma definição teórica para a mediação, como objeto filosófico e como objeto científico.

Deste modo, estas autoras (2013) ainda afirmam que o conceito de mediação marca presença na França e no Brasil, nos estudos das Ciências da Informação e da Comunicação com o propósito de pensar os elementos cultural, humano, técnico e institucional como componentes dos processos de construção e apropriação do conhecimento.

Partindo dessa ideia, o conceito de mediação pode ser relacionado com o conceito de espaço. Já que o primeiro tem como finalidade incluir os diversos elementos supracitados nos processos de assimilação do conhecimento humano, o segundo termo pode ser abordado como uma visão interacional, ou seja, o espaço é definido com base nos modos de interação dos indivíduos (SIMMEL, 2013). De acordo com isso, Nonaka e Toyama (2008 apud MORAES; FADEL, 2010, p. 35) afirmam que o “conhecimento é criado por meio das interações entre os seres humanos e seu ambiente, e que as pessoas são parte do ambiente e o ambiente faz parte das pessoas”.

Desta maneira, a biblioteca escolar pode ser considerada um espaço para práticas sociais e de interação entre os sujeitos, o que implica dizer que a ação de mediação pode contribuir na produção e apropriação do saber entre os atores envolvidos neste ambiente informacional.

O princípio da contextualização do conceito de mediação na biblioteca escolar é

destacado por uma pesquisa realizada por Bortolin (2013b, p. 2) que verificou o termo mediação sendo usado por vários autores sob diferentes enfoques, tais como:

[...] processo discursivo, antecipação de desejos, diálogo e interação comunicacional, fluxo de eventos, possibilidade de acesso à informação, solução de conflitos, dispositivo ou instrumento de construção de conhecimento e espaço de aprendizagem, dentre outras.

Além disso, também se identificou o uso das seguintes expressões: mediação da informação, mediação da leitura, mediação cultural, mediação do conhecimento etc. Tendo em vista os diferentes termos e significados associados à palavra mediação, neste trabalho serão ressaltados os conceitos de mediação da leitura e mediação da informação no contexto da biblioteca escolar.

3.2.1 Mediação da leitura

A leitura é considerada um instrumento social e democrático que possibilita aos indivíduos a comunicação e a exposição de ideias. O ato de ler é essencial para a formação intelectual, social e cultural de uma pessoa. Bamberger (1987, p. 10) afirma que “estudos psicológicos revelaram que o aprimoramento da capacidade de ler também redundava na capacidade de aprender como um todo, indo muito além da mera recepção”. Para Stocker (2011), o sucesso na carreira profissional, ou em qualquer atividade, depende do hábito de ler, seja para o aprofundamento dos estudos ou também para a aquisição dos conhecimentos produzidos e sistematizados historicamente pela humanidade.

Por essa razão, a prática da leitura é essencial para o processo de aprendizagem e a biblioteca escolar tem uma relevante função em desenvolver nos alunos o hábito de ler por meio da mediação da leitura. Em relação a esse aspecto, Castro Filho (2012, p. 27) defende a importância da leitura por meio de ações mediadoras, pois conforme o autor:

A leitura exige mediações e adesões, pois é por intermédio dela que a sociedade reproduz conhecimento e informação, e mais, com ela, os leitores podem duvidar do que parece evidente, podem investigar outras possibilidades de compreensão do mundo, podem atribuir sentidos diferentes a partir de suas vivências.

Neste sentido, é importante ressaltar que o ato de ler deve ser estimulado desde o início da vida de um indivíduo, pois citando a reconhecida frase de Paulo Freire “a leitura do

mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2005, p. 11). Deste modo, considera-se que a leitura não é somente uma decodificação de signos linguísticos, mas é uma forma de ampliar o conhecimento de valor e do mundo por meio da cultura e das informações obtidas na vida (CASTRO FILHO, 2012).

Segundo esta perspectiva, “pensar a leitura é próprio da mediação [...] uma busca pelo diálogo, da leitura como prática de linguagem, de comunicação, de construção do comum e do singular, tanto no espaço como no tempo” (RODRIGUES, 2013, p. 45). A leitura é um processo interativo e interpretativo que possibilita a construção de sentidos.

Quando se trata de interatividade, principalmente na prática biblioteconômica, é importante destacar o afeto como forma de aproximação entre os bibliotecários e os usuários das bibliotecas escolares. Conforme destacam Almeida Junior e Bortolin (2007, p. 11) “o bibliotecário deve ser cúmplice efetivo e afetivo do leitor, se dispendo a discutir e trocar ideias a respeito do que lêem”. Segundo a teoria Walloniana²,

[...] afetividade e cognição estarão, dialeticamente, sempre em movimento, alternando-se nas diferentes aprendizagens que o indivíduo incorporará ao longo de sua vida. [...] A afetividade é central na construção do conhecimento e da pessoa (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p. 36-37).

Segundo os aspectos mencionados, é essencial que o bibliotecário compreenda a importância da afetividade nas atividades realizadas na biblioteca escolar, possibilitando o desenvolvimento da mediação da leitura. Em relação a isso, Nóbrega (2009, p. 96) expõe que:

É preciso pensar e agir então a partir das implicações de se colocar o leitor (observador, usuário) no centro das discussões [...]. Ao compreender que tanto a informação quanto a leitura passam a constituir-se como campo básico para o questionamento acerca das práticas do cotidiano, torna-se menos complicado refletir que poderá ser mesmo aí, nessa práxis bibliotecária sempre em andamento, construindo-se como narratividade, que os sujeitos sociais, bibliotecários entre eles, poderão tecer redes afetivas que são, a um só tempo, impressão e expressão do seu ser/estar no mundo. Redes que potencializam estratégias de apropriação, produção e comunicação a partir de documentos materiais e imateriais – os textos todos do mundo – que lhes possibilitam os sentidos do conhecer e do viver. Redes que vão melhor se configurando conforme a mediação ganha papel de destaque nas ações biblioteconômicas.

² Henri Wallon, teórico que teve suas obras consagradas ao estudo da criança, seu desenvolvimento e aprendizagem, suas teorias são utilizadas no campo educacional e em estudos da Psicologia no Brasil (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010).

Ao aplicar a ideia de redes afetivas na escola, cabe destacar que a comunidade escolar como um todo deverá reconhecer o papel da biblioteca como um espaço que favorece a mediação da leitura. Deste modo, para Gomes e Bortolin (2011), a escola deve entender que a mediação da leitura é um processo cultural e eles apontam que a biblioteca escolar deve estar sempre aberta e também ser interativa. Neste caso, cabe à biblioteca possibilitar o acesso à leitura e à escrita que são entendidos como os principais instrumentos do processo de escolarização. Logo, o livro e os demais suportes informacionais precisam estar acessíveis para os alunos, de maneira que possam escolher o que desejam ler ou reler, seja por prazer ou para suprir uma necessidade informacional. Neste sentido, é importante destacar que

[...] ninguém aprende a gostar de leitura apenas ouvindo falar de livros ou vendo-os de longe, trancafiados numa prateleira é necessário que se pegue e manipule o ingrediente “Livro”, leia o que está escrito dentro dele para sentir o gosto e para verificar se essa atitude tem ou poderá ter uma aplicação em seu contexto de vida (SILVA, 1991 apud GOMES; BORTOLIN, 2011, p. 161).

Neste caso, tanto o bibliotecário, oferecendo o acesso livre aos livros, como também o professor, possibilitando aos alunos conhecerem diferentes gêneros textuais, possuem o compromisso de mediar a leitura “[...] pois é neles que os alunos vão encontrar o incentivo para utilizar o acervo e frequentar a biblioteca” (GOMES; BORTOLIN, 2011, p. 160).

Por outro lado, um fato que ocorre nas escolas é que a leitura na sala de aula está atrelada a avaliações feitas pelos professores e muitas vezes a leitura de um livro se torna obrigatória e desinteressante. No entanto, no que se refere ao papel do bibliotecário, esse tem a liberdade de sugerir leituras e conhecer os gostos literários dos alunos, permitindo uma maior aproximação do leitor ao livro. Para Stocker (2011, p. 33) os bibliotecários são

[...] profissionais e/ou agentes da informação [que] têm a responsabilidade de mediar parte do conhecimento que chega à sociedade, pois têm o papel de agentes sociais, divulgadores culturais, incentivadores e mediadores da leitura entre o homem e o mundo que o cerca. [...] a biblioteca, através do bibliotecário, deve orientar professores na elaboração de projetos e propostas que despertem o interesse e o gosto pela leitura em seus alunos.

Dada essa possível divergência entre sala de aula e leitura, cabe ratificar o trabalho conjunto de professores e bibliotecários como essenciais mediadores da leitura, visto a importância que o hábito de ler proporciona para a aprendizagem dos alunos. Para Stocker (2011), a escola tem um grande compromisso com o trabalho da leitura e o bibliotecário tem

uma grande participação neste processo, pois é necessário criar ações de incentivo à prática da leitura por meio de atividades lúdicas e pedagógicas. Neste âmbito, destaca-se o pensamento de Petit (2009), de que o gosto da leitura deve muito à voz de um mediador e ainda, afirma que “se nenhuma receita garante que a criança lerá, a capacidade de estabelecer com os livros uma relação afetiva, emotiva e sensorial, e não simplesmente cognitiva, parece ser de fato decisiva” (PETIT, 2009, p. 58). Mais uma vez, a relação afetiva é abordada e assim, percebe-se a sua essencialidade nas atividades de mediação da leitura por meio da oralidade.

Segundo esta perspectiva, alguns autores asseguram que a “[...] mediação de leitura acontece por sujeitos que lêem, discutem, promovem e facilitam um diálogo entre texto e leitor” (CAMPS, 2002; CERRILO; YUBERO, 2003; COLOMER; SOUZA, 2004 apud GIROTTO; SOUZA, 2009, p. 19). De acordo com tal noção, o bibliotecário pode ser considerado um mediador imprescindível nas ações que aproximam o leitor a um texto.

Almeida, Costa e Pinheiro (2012, p. 472) também concordam com essa ideia, pois para as autoras:

O bibliotecário é um dos profissionais preparados para mediar a leitura dos alunos de forma expressiva, fazendo com que adquiram uma melhor compreensão dos textos, substituindo, assim, práticas de leituras mecanizadas por leituras prazerosas.

Na visão de Almeida Júnior e Bortolin (2007, p. 11), a mediação da leitura é entendida como um ato de compartilhamento, ou seja, “não é apenas fazer circular textos de leitura, pelo contrário, o bibliotecário deve ser cúmplice efetivo e afetivo do leitor, se dispondo a discutir e trocar idéias a respeito do que lêem”.

Portanto, questiona-se em que consiste a mediação da leitura na biblioteca escolar? Como é realizada essa atividade? Desta maneira, é importante verificar o que tem sido apontado como prática de mediação de leitura.

Lino (2013) descreve o projeto “Leitura na Praça Granito”, em Anchieta, um bairro da cidade do Rio de Janeiro. Neste espaço acontece a mediação da leitura com uso de um acervo literário composto por empréstimos e doações. Deste modo, segundo a autora

[...] a mediação de leitura, ou seja, adultos e leitores mais experientes, lêem em voz alta para as crianças. Inicialmente feita pela coordenação do projeto, a mediação de leitura passou atualmente a ser realizada também por pais e mães que se encantaram pela leitura na praça. Há ainda, como fruto das mediações iniciais, crianças que já sabem ler, convencionalmente e, que se voluntariam em ler para os menores. Esta ação é livre para que, a cada encontro, novos participantes se oferecem para contribuir com leituras em

voz alta (LINO, 2013, p. 5).

Para Lino (2013), a mediação da leitura, com livros de literatura, possibilita a formação de leitores, além de oferecer diversas experiências por meio dos livros. Neste sentido, compreende-se que o bibliotecário é considerado um mediador da leitura, ou seja, “terá que tornar-se leitor, orador, intérprete e personagem das histórias que narrar” (SILVA, R., 2013, p. 11). Além disso, o mediador precisa tomar ciência de que para o público discente o contato com as narrativas literárias é indispensável, pois

[...] a importância do contato com as histórias literárias, sejam contos de fadas, fábulas, poesias, literatura contemporânea; compreende sua expressão artística e cultural, seus ensinamentos e as representações da realidade e da complexidade humana que projetam e apresentam à reflexão. (MARSHALL, 2005 apud SILVA, R., 2013, p. 7).

Gonçalves e Rodrigues (2013) destacam uma proposta para explorar a literatura infanto-juvenil por meio de um recurso lúdico – o livro-jogo como um potencial para incentivar a leitura literária nos jovens. As autoras sugerem não só a aquisição do livro-jogo, mas também “atividades que promovam relações entre a leitura dos livros-jogos e leitura literária, tais como palestras de autores de literatura infanto-juvenil, oficinas de criação literária e mesmo rodas de iniciação ao RPG” (GONÇALVES; RODRIGUES, 2013, p. 15).

Outras práticas que envolvem o conceito de mediação da leitura são percebidas por outros pesquisadores. Conforme Almeida, Costa e Pinheiro (2012, p. 477)

Mediar a leitura, portanto, é mais do que ler um livro e indicá-lo para outros leitores. Para que ocorra a mediação da leitura é necessário tornar a história interessante para o leitor, discuti-la, fazer questionamentos, mostrar os benefícios que a leitura oferece e o poder de transformação que ela tem na vida das pessoas. [...] O bibliotecário precisa conhecer seus usuários e acompanhar as preferências literárias de cada leitor, procurar estratégias para satisfazê-las e, assim, formar leitores, dispensando as leituras impostas, é preciso respeitar as opiniões e o gosto. Não se forma leitores com obrigações e cobranças. Sabe-se que esse tipo de atitude, pelo contrário, faz com que o sujeito se afaste ainda mais da leitura.

Logo, para mediar a leitura é necessário realizar um planejamento, ou seja, fazer a seleção do livro, conhecer o texto ou a história que será mediada, interagir e dialogar com os usuários, de maneira que essa atividade possa suscitar o imaginário, promover a reflexão e despertar o interesse pelo ato de ler.

As autoras, reconhecendo a relevância da mediação da leitura, criaram a atribuição de

“bibliotecários mirins” para as crianças aprenderem e serem mediadoras por meio de atividades de incentivo à leitura de literatura infantil. Desta maneira, destacam as seguintes atividades realizadas em acompanhamento pelo profissional bibliotecário:

[...] o teatro, fantoche, hora do conto, confecção de livros infantil, desenhos, redação sobre uma determinada história ou figura, jogos pedagógicos, brinquedos dentre outros. Outras atividades nos quais eles podem atuar são alguns serviços da biblioteca escolar, tais como organização das obras nas estantes, carimbagem, empréstimos, orientações de manuseio das obras, etc. (ALMEIDA; COSTA; PINHEIRO, 2012, p. 478).

As autoras supracitadas consideram que essas atividades possibilitam compreender que o bibliotecário pode realizar diversas ações criativas para incentivar o gosto da leitura pelos alunos, favorecendo a função pedagógica, pois o objetivo da biblioteca escolar é proporcionar informações e ideias para a formação do aluno (ALMEIDA; COSTA; PINHEIRO, 2012).

Outra prática muito usada para mediar a leitura é a contação de histórias. Em relação a essa atividade, conhecida também como hora do conto, Girotto e Souza (2009, p. 21) expõem a sua importância:

[...] uma arte extremamente envolvente e que pede participação: a arte de ler oralmente e de contar histórias. As histórias refletem a expressão artística e o imaginário de uma pessoa, uma comunidade ou um povo. Assim, ler e contar oral e expressivamente são artes próximas do teatro. Atraem crianças, sobretudo, mas também nós adultos. Têm o poder de sair do fato local para o universal. Criam intercâmbios entre as pessoas de realidades e nacionalidades diferentes. Penso que a educação seria mais interessante, envolvente, eficiente e divertida, se as escolas abrissem seus programas para deixar entrar neles muitas histórias, lidas ou contadas.

De acordo com esses aspectos, o contador de histórias, Gregório Filho (2005, p. 136) destaca:

As muitas histórias ouvidas na infância vão-se construindo em pequenos acervos que, interagindo com nossas vivências, vão contribuindo significativamente para o exercício da crítica acerca das coisas que presenciamos, permitindo apurar nosso papel de cidadão. Não se trata de entender a ‘moral da história’, mas de perceber que a leitura e o ouvir histórias podem ser fortes componentes para formar o sentido da responsabilidade social de cada um de nós.

Portanto, percebem-se os benefícios que a atividade de contar histórias oferece para a formação social e cultural do indivíduo. Deste modo, é indispensável a realização dessa atividade no ambiente escolar, desde que seja bem planejada e implementada de maneira séria e harmoniosa, conforme a perspectiva de Kuhlthau (2004, p. 50), que afirma:

A arte de ler, como a de contar histórias, é adquirida através da experiência e da prática. É muito mais do que uma interpretação inexpressiva, monótona do texto. A leitura de histórias é semelhante à dramatização, na medida em que estimula a imaginação do ouvinte. Os resultados fazem valer o esforço despendido.

Para complementar esta ideia, é importante ressaltar que o bibliotecário tem que se empenhar para desenvolver habilidades para mediar a leitura na biblioteca escolar. Desta forma, para Bortolin e Almeida Júnior (2014, p. 224)

[...] os atos de contar histórias ou ler histórias não precisam de dom, aptidão inata, predestinação, etc. Acreditamos que somos mediadores orais, desde que estejamos dispostos a nos integrar e entregar, primeiramente para um texto e depois para um grupo de ouvintes.

A contação de história implementada como uma mediação da leitura na biblioteca pode vir acompanhada de outras atividades para depois da história. Kuhlthau (2004) destaca as seguintes atividades para a criança entender o significado do conto:

- conversando sobre a história;
- dramatização;
- desenho;
- recordar (as crianças devem lembrar eventos ou histórias ouvidas anteriormente);
- resumir (solicitar que resuma o que aconteceu na história);
- parafrasear (a criança conta o que aconteceu com suas próprias palavras);
- discussão (escolher um tema para ser debatido em grupo);
- dramatização (a criança pode dramatizar o que viu e ouviu, criar personagens e situações criativas sobre a história);
- desenho (desenhar alguma coisa de acordo com o conto).

No entanto, Ferreira (2009, p. 88) sugere o uso de atividades lúdicas no início da mediação da leitura, por exemplo, a “resolução e produção de jogos, desafios e enigmas”.

Ainda aponta que nas ações de mediação de leitura o bibliotecário pode proporcionar

aos alunos “[...] um intenso convívio com textos diversos, pois esses textos propiciam uma abertura para a realidade vivenciada pelo leitor, seja ela de natureza íntima ou social” (FERREIRA, 2009, p. 89-90).

Ao refletir sobre as práticas da mediação da leitura percebe-se o uso de textos literários por meio da voz. Conforme Petit (2009, p. 59):

Quando lê, cada leitor faz reviver essa voz, que provém às vezes de muitos séculos atrás. Mas para as pessoas que cresceram longe dos suportes impressos, alguém tem que emprestar sua voz para que entendam aquela que o livro carrega.

Segundo esse ponto de vista, Bortolin (2013a) defende a mediação oral da literatura, pois para a autora significa “[...] toda intervenção espontânea ou planejada de um mediador de leitura visando a aproximar o leitor-ouvinte de textos literários seja por meio da *voz viva* ou da *voz mediatizada*” (BORTOLIN, 2013a, p. 425, grifo do autor). Diante da diversidade de textos literários o bibliotecário possui várias possibilidades para mediar a leitura literária, que conforme Bortolin (2013a, p. 425)

Dentre as atividades de narração literária que podem ser enquadradas na mediação oral da literatura cito: narrativas orais de textos diversificados, colagens poéticas, rodas de leitura, clubes de leitura, montagens de jograis, leituras públicas de textos (em hospitais, praças, ônibus, restaurantes, rádio e televisão), saraus literários, bate papo com escritores, oficinas de produção e leitura de textos, festivais de filmes, entrevistas com pioneiros, realização de encontros com repentistas e cordelistas, cantorias, sessões de piadas, causos, adivinhações, parlendas, trava-línguas etc.

Cabe destacar que a execução dessas atividades proporciona o uso de diversos textos literários, como também os informativos. De acordo com isso, Campello (2009) expõe que os bibliotecários escolares sempre se preocupam com a leitura literária, que visa despertar nas crianças o gosto pela leitura, mas também há evidências que a utilização de textos informativos pode contribuir para o processo de aprendizagem das crianças. Conforme os estudos de Costa (1997 apud CAMPELLO, 2009, p. 72)

[...] a utilização de gêneros diversos como instrumento de construção e constituição da linguagem pode provocar mudanças na aprendizagem da leitura e da escrita, ajudando o leitor a atingir um nível maior de complexidade no processo de ler/escrever.

Seguindo esta ideia, para Almeida Júnior e Bortolin (2009, p. 212), “a leitura

informacional é aquela encontrada no cotidiano das pessoas por meio da televisão, jornais, cartazes e faixas para se manter informado”. Deste modo, a leitura informacional enriquece a mediação da leitura literária realizada na biblioteca, pois é uma forma de ampliar o conhecimento do aluno utilizando outros materiais de informação.

Neste sentido, o ato de narrar histórias deve ser compreendido como uma ação que vai além de uma simples hora do conto por meio de um livro do acervo literário. O bibliotecário como mediador pode adotar várias estratégias para mediar a leitura, tais como: usar textos informacionais para complementar a temática de uma contação de histórias; utilizar da intertextualidade para despertar o interesse dos textos clássicos com o uso de autores contemporâneos, filmes, peças teatrais e outros suportes informacionais.

Outro aspecto encontrado na revisão dos textos foi o uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) nas ações de mediação da leitura. Segundo Moro e Estabel (2011, p. 73) “as TICs propiciam a inclusão social e digital e exercem um papel fundamental como instrumentos de mediação entre os sujeitos em uma sociedade na qual o acesso à informação é considerado um direito de todos os cidadãos [...]”. Desta maneira, percebe-se que devido à demanda de uma sociedade cada vez mais informacional, mudanças ocorrem nos processos de comunicação e interação humana, mediante o uso dos aparatos tecnológicos e da internet.

Deste modo, percebe-se que uso das TIC pode influenciar as atividades de mediação da leitura, conforme a pesquisa de Lanzi e outros (2013), na qual relatam a experiência do uso do *tablet* para mediar a leitura por meio da hora do conto e ressaltam que as bibliotecas precisam ser transformadas, isto é:

[...] encontrar novos serviços ou expandir os serviços atuais, para poder, assim, atender à comunidade escolar, formada por um público conectado com o mercado tecnológico, o bibliotecário escolar deve estar preparado para fazer uso destes novos equipamentos (LANZI et al., 2013, p. 105-106).

No referido estudo, constataram que os alunos gostaram muito da experiência da hora do conto com o uso do *tablet*, pois segundo os pesquisadores os alunos

[...] ressaltaram os trechos de que mais gostaram e a oportunidade de interagir com os vários recursos de um aplicativo tecnológico. Até aqueles que não demonstravam interesse pela atividade sentiram-se motivados a participar (LANZI et al., 2013, p. 109).

Desta maneira, percebe-se que as práticas de mediação da leitura têm se transformado

devido ao advento das novas ferramentas tecnológicas para a leitura diária. Sendo assim, o bibliotecário tem um importante papel como mediador da leitura, independentemente do tipo de suporte utilizado, ele deve atender também, às demandas de um público jovem e experiente com os novos recursos tecnológicos.

3.2.2 Mediação da informação

A compreensão em mediar a leitura para contribuir no processo de aprendizagem, formar alunos/leitores críticos e competentes culturalmente está relacionada também a ideia de mediar a informação para obter conhecimento.

De acordo com Gomes, Prudêncio e Conceição (2010, p. 147), a mediação da informação “se constitui a partir do processo de comunicação em que agem e interagem emissores, receptores, informações e dispositivos materiais e imateriais, enfim, as ações de mediação exigem comunicação”. Entendida como um processo comunicacional, a mediação no contexto educacional, segundo Gasque (2012), é necessária para ajudar os alunos a transformarem informação em conhecimento.

Em relação a esses aspectos, Almeida Junior (2015, p. 25) destaca o papel do profissional da informação nesse processo e expõe que o conceito significa:

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Diante disso, ressalta-se também a ação de interferência que é percebida nas ações do bibliotecário, considerado mediador da informação. Desde a escolha de um livro a uma atividade a ser realizada para um grupo de alunos, segundo Almeida Junior (2009), não existe imparcialidade ou neutralidade por parte das ações desenvolvidas pelo profissional da informação, devido à informação estar imersa em ideologias, além de carregar interesses econômicos, políticos, culturais, dentre outros. Neste caso, a mediação é entendida como “o resultado de uma ação intencional e responsável por mudanças na estrutura cognitiva, característica básica do ser humano” (FEUERSTEIN, 2002 apud CRIPPA; CARVALHO, 2012, p. 101).

Partindo desse pressuposto, o bibliotecário tem que ter consciência de que suas ações mediadoras nos processos de comunicação da informação contribuem para a construção do conhecimento. Sendo assim, Bicheri (2008, p. 93) afirma que:

Mediação envolve a ação de quem intercede, interfere por algo e por outro; implicando em vários caminhos, opções e escolhas. Constatamos que na mediação alguém está entre duas ou mais pessoas/coisas, facilita uma relação, serve de intermediário, sugere algo, sem agir pela pessoa ou lhe impor alguma coisa.

Neste sentido, para Stocker (2011, p. 31), o papel do bibliotecário tanto como mediador da leitura e também da informação

[...] não é o de dar apenas a resposta certa para o usuário, e sim, auxiliá-lo na escolha das respostas que satisfaçam suas necessidades informacionais; desta forma, estará proporcionando o uso efetivo da informação e contribuindo com a aquisição de conhecimentos.

Ao associar o conceito de mediação da informação no contexto educacional, compreende-se que o bibliotecário tem um importante papel como mediador dos suportes informacionais que possibilita ao aluno uma autonomia de apropriar-se da informação podendo transformá-la em conhecimento. Isso ocorre porque nas ações de mediação da informação, tanto bibliotecário quanto usuário deixam de ser meros transmissores e receptores e tornam-se relevantes atores nos processos de apropriação da informação.

De acordo com essas concepções, a mediação da informação na biblioteca escolar favorece a aprendizagem, pois está ligada às ações que contemplam a leitura, a interação, a comunicação, à exposição de ideias, à criatividade e à produção coletiva do conhecimento.

Desta maneira, Almeida Junior e Bortolin (2009, p. 214) consideram doze atividades usadas na mediação da informação, que ocorrem neste espaço:

Brincadeiras com dicionários; abandono de cartelas com palavras extraordinárias em espaços freqüentados pelos alunos, deixando um dicionário disponível em local de fácil visualização; concurso de palavras-cruzadas, caça-palavras, observando o nível etário do grupo; gincanas culturais e informativas; competição de soletração; mostras temáticas; construção de arquivos pessoais; construção de arquivos históricos; oficinas de biografias; encontros com pioneiros, trabalhadores, empresários, acadêmicos e diversos cursos; feira de Ciências e áreas afins; oficinas de jornais (na falta de recursos, é preferível jornal mural ou virtual).

Compreende-se que essas atividades favorecem o processo ensino-aprendizagem dos alunos de maneira lúdica e pedagógica. Em relação a isso, o bibliotecário que é o mediador dessas ações, precisa saber que “a mediação da informação não está atrelada a partes da atividade mediadora, mas sim ao todo dela, ou seja, toda interação do mediador com o usuário” (NEVES, 2011, p. 417). Referindo-se ainda a essa assertiva, Neves (2011, p. 417) argumenta que:

O processo de mediação da informação, nessas circunstâncias, busca a construção do conhecimento que se dá por meio de um movimento complexo, em que os sujeitos interagem com a informação, uns com os outros, processando-as para, de acordo com seu foco e suas possibilidades cognitivas, se apropriarem dos conteúdos acessados, sendo a mediação da informação etapa subsidiária do desenvolvimento. Todos (mediadores e usuários), ao interagir com a informação, são sujeitos do conhecimento interpostos pelos conteúdos, tecnologias, suportes, meios e ambientes.

Para Gasque (2012), as bibliotecas podem ter destaques por meio da mediação dos bibliotecários nos processos de aprendizagem, ou seja, auxiliar os usuários a buscar e usar a informação e não somente organizá-la. Além disso, o bibliotecário também tem a incumbência de orientar os alunos a utilizarem as diversas fontes de informação existentes, identificar as fontes confiáveis na internet e utilizar os recursos informacionais da biblioteca escolar de maneira autônoma. Em relação a isso, Campello (2009, p. 29) afirma:

[...] os bibliotecários acabam ensinando diversas habilidades de forma não regular e sistematizada como na sala de aula, mas causalmente, quando os alunos vão à biblioteca para realizar suas pesquisas. Portanto, contribuem para aumentar as capacidades de pesquisa dos alunos, preparando-os para realizar trabalhos similares futuramente, já que essas habilidades constituem um metac conhecimento, ou seja, um conhecimento que possibilita a aquisição de novos conhecimentos.

No que se refere à orientação dos alunos na busca, avaliação e uso da informação, destaca-se o envolvimento do bibliotecário na pesquisa escolar, outra atividade de mediação da informação. De acordo com isso, Almeida Junior e Bortolin (2009, p. 214) também destacam “a mediação da informação por meio da pesquisa escolar, por considerá-la não apenas imprescindível no ambiente escolar, mas decisiva para os alunos que irão frequentar uma faculdade”. Neste sentido, Campello (2009, p. 42) destaca os estudos de Kuhlthau que aborda o conceito de “pesquisa orientada” e define como:

[...] a intervenção do professor e do bibliotecário, cuidadosamente planejada e supervisionada, para orientar os alunos na exploração de temas curriculares. Essa intervenção visa propiciar melhores condições para a aprendizagem, levando à compreensão profunda do assunto estudado, ajudando os alunos a se capacitar gradualmente para aprender de forma independente e a desenvolver pontos de vista e perspectivas próprios.

O conceito de “pesquisa orientada” ainda é sustentado por seis princípios que servem como estrutura conceitual para a implantação da pesquisa escolar no processo de aprendizagem (CAMPELLO, 2009, p. 43, grifo nosso):

O estudante aprende ao se envolver ativamente com a aprendizagem e ao refletir sobre suas experiências; aprende construindo conhecimentos a partir do que já sabe; **desenvolve pensamentos de ordem superior por meio de mediação** em pontos críticos do processo de aprendizagem; cada aluno tem maneiras diferentes de aprender; aprende através de **interações sociais**; **aprende por meio de mediação**, de acordo com seu desenvolvimento cognitivo.

Conforme esses aspectos, as atividades de mediação da informação são essenciais para ensinar os alunos a desenvolver habilidades no uso da informação de maneira ética. Percebe-se que nas ações de mediação da informação, a realização de uma leitura crítica é fundamental para assimilar o conhecimento. Para Almeida Junior e Bortolin (2007, p. 9), a leitura “deve ser considerada como parte intrínseca do processo de apropriação da informação”. Em relação a isso, é possível compreender que “a leitura abundante de textos tende a levar o indivíduo a se apropriar da informação com maior segurança, estando ela em diferentes linguagens e suportes” (BORTOLIN; ALMEIDA JUNIOR, 2010, p. 88).

Em consonância com as ideias acima, Almeida Júnior (2007) defende que

[...] a leitura está no cerne da apropriação da informação. Esta não existe a priori, não existe antecipadamente; por ser intangível, não concreta, ela apenas se concretiza no processo de mediação. Por ser intangível, a informação precisa do documento para ser veiculada e apropriada. A informação também é disforme, moldando-se ao acervo de conhecimentos de quem a procura. Assim, o documento permite a comunicação da informação. Por sua vez, a decodificação desse documento, o decifrar de sua linguagem, enfim, a leitura é que possibilitará sua apropriação. Denomino o processo que vai da comunicação, via documento, até a transformação do conhecimento de uma pessoa, de mediação da informação. [...] A leitura é realizada a partir do acervo de conhecimentos de cada pessoa. Cada leitura, dessa forma, é individual, diferente de outra leitura, pois não pode prescindir dos referenciais de quem a realiza. A exemplo da informação, a leitura não existe a priori, se concretizando no processo de mediação. No entanto, a mediação da leitura faz parte da mediação da informação.

De acordo com este argumento, a prática de leitura na biblioteca escolar propicia aos alunos a apropriação da informação e a assimilação de novos saberes, por isso a mediação da leitura é relevante para o processo de mediação da informação. Deste modo, Nóbrega (2009, p. 96-97) afirma que:

[...] leitura e informação, argamassa do trabalho em bibliotecas e enquanto processos simbólicos, podem configurar-se como territórios de (re)significação para os sujeitos sociais, na medida em que, servindo-lhes tanto como possibilidade de apropriação e produção, quanto de compartilhamento de saberes.

Neste sentido, os bibliotecários que atuam em bibliotecas escolares devem ter grande responsabilidade diante das ações que favorecem a mediação da leitura e da informação, pois conforme Almeida Júnior e Bortolin (2009, p. 211), “devemos assumir a mediação de uma maneira mais reflexiva, de forma a promover no mediando alterações na cognição, na afetividade, na forma de comunicação e na interação social”. Neste caso, entende-se que os mediandos são os alunos envolvidos nas atividades de mediação realizadas pelos bibliotecários e professores.

Com base nessas premissas, as ações que contemplam a mediação da leitura e da informação na biblioteca escolar devem ser efetuadas de maneira interativa e colaborativa entre alunos, bibliotecários e professores, de maneira que todos os envolvidos possam expor suas ideias, desenvolver a criatividade e contribuir para a produção do conhecimento coletivo.

Na próxima seção será abordado o conceito de comunidades de prática, apresentando a evolução histórica da referida nomenclatura, como também destacando o entendimento do mesmo aplicado no espaço virtual e a sua relação com a biblioteca escolar.

4 COMUNIDADES DE PRÁTICA

O termo comunidades de prática surgiu no interior do cenário empresarial, pois nesse âmbito as pessoas compartilham experiências e informações ligadas as suas práticas profissionais, permitindo a troca de conhecimento tácito. Atualmente, as comunidades de prática são cada vez mais consolidadas em diversos segmentos na sociedade, segundo uma publicação no *blog El Caparazón* de Reig (2013 apud SANZ MARTOS, 2013), que expõe as comunidades que se aprendem, compartilham conhecimento e solucionam problemas de maneira colaborativa entre seus membros são tendências, isso devido aos recursos oferecidos pela *web 2.0* e as redes sociais virtuais.

Um dos pioneiros do estudo sobre comunidades de prática é o antropólogo Etienne Wenger, que define o conceito como:

Comunidades de prática são grupos de pessoas que compartilham um problema ou uma paixão por algo que eles fazem e aprendem como fazê-lo melhor interagindo continuamente (WENGER; TRAYNER, 2015, p. 1, tradução nossa).

A priori, torna-se oportuno evidenciar o conceito de comunidade de prática por meio do entendimento do significado de cada palavra que o compõe. Deste modo, conforme o dicionário Aurélio comunidade significa:

Qualidade ou estado do que é comum, comunhão; Concordância, conformidade, identidade; Posse, obrigação ou direito em comum; O corpo social; a sociedade; Qualquer grupo social cujos membros habitam uma região determinada, têm um mesmo governo e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica; Qualquer conjunto populacional considerado como um todo, em virtude de aspectos geográficos, econômicos e/ou culturais comuns; Grupo de pessoas que comungam uma mesma crença ou ideia; Forma de organização social em que uma pluralidade de indivíduos vivem juntos e têm interesses e objetivos comuns (FERREIRA, 2010, p. 546).

Conforme a perspectiva sociológica, Weber (2008) compara o conceito a uma relação social. Para o autor, o termo relação social designa “a situação em que duas ou mais pessoas estão empenhadas numa conduta onde cada qual leva em conta o comportamento da outra de uma maneira significativa, estando, portanto orientada nestes termos” (WEBER, 2008, p. 45). Neste sentido para Weber (2008, p. 72) “a comunidade pode basear-se em qualquer espécie de ligação emocional, afetiva ou tradicional”.

Para complementação do conceito, Bauman e May (2010, p. 75) expõem que comunidade pode ser considerada como “um grupo de pessoas não claramente definidas nem circunscritas, mas que concordem com algo que outras rejeitem e que, com base nessa crença, atestam alguma autoridade”. Os autores ainda destacam que, “o acordo, ou pelo menos a disposição e o potencial para tanto, é considerado a sustentação primária de todos os membros da comunidade” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 75).

Tomando como base uma perspectiva mais atual, Bauman e May (2010) explicam que a ideia de comunidade depende da troca de conhecimento entre as pessoas e a sua consolidação é a “teia de comunicação entre seus membros em uma rede social conformada pelo território” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 179). Seguindo esta linha de pensamento, Arce e Pérez (2001 apud DUARTE; ABREU, 2008, p. 2) definem comunidade como

[...] uma rede de relações sociais, que pode estar fundamentada em um território (uma cidade), em interesses comuns (associações, clubes), ou em características comuns de seus membros (colegas de trabalho), o que pressupõe uma definição de interação humana. Tal interação é construída da realidade social, redimensionando o sujeito como pessoa socializada em um grupo concreto, com suas representações sociais e valores culturais.

A palavra prática, segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2008, p. 1692) significa o “ato ou efeito de praticar; uso, experiência, exercício; rotina; hábito; saber provindo da experiência; técnica; aplicação da teoria”.

Após a análise das partes, para entender melhor o surgimento do conceito, destaca-se o estudo de Zaccarelli (2011), que apresenta as transformações do termo comunidades de prática, desde o seu surgimento até uma concepção mais recente, conforme o quadro a seguir:

Quadro 6 – Evolução do conceito comunidades de prática

Ano	Conceitos de comunidades de prática
1991	Uma comunidade de prática é um conjunto de relações entre pessoas, atividades, e mundo no decorrer do tempo e em relação com outras comunidades de prática tangenciais e sobrepostas. Uma comunidade de prática é uma condição intrínseca para a existência de conhecimentos , não somente porque ela provê um suporte de interpretação necessário para fazer sentido de sua herança. Deste modo, participação em uma prática cultural na qual qualquer conhecimento existe é um princípio epistemológico de aprendizagem. A estrutura social desta prática, suas relações de poder, e suas condições de legitimidade definem possibilidades para aprendizagem (i.e. para a participação periférica legítima) (LAVE; WENGER, 1991 apud CARVALHO; ROVER, 2010).

1998	Sentir-se vivo enquanto um ser humano significa que nós estamos constantemente engajados na busca/consecução de empreendimentos de todos os tipos, desde para assegurar nossa sobrevivência física até a procura de prazeres mais elevados. Na medida em que definimos estes empreendimentos e nos engajamos conjuntamente em sua busca, interagimos uns com os outros e com o mundo e afinamos nossas relações [...]. Em outras palavras, nós aprendemos. No decorrer do tempo, esta aprendizagem coletiva resulta em práticas que refletem tanto a consecução de nossos empreendimentos quanto o atendimento de relações sociais. Estas práticas são então a propriedade de um tipo de comunidade criada ao longo do tempo por uma busca sustentada de um empreendimento compartilhado. Faz sentido, então, chamar este tipo de comunidade , de comunidades de prática (WENGER, 1998, p. 45).
2002	Grupos de pessoas que compartilham uma preocupação, um conjunto de problemas, ou uma paixão sobre um assunto, e que aprofundam seu conhecimento e domínio nesta área interagindo em uma base contínua (WENGER; MCDERMOTT; SNYDER, 2002, p. 4).

Fonte – Zacarelli (2011, p. 24, grifo do autor).

No que se refere às transformações do termo, Wenger e Trayner (2015) defendem que o termo surgiu na teoria da aprendizagem. Segundo o autor, houve uma ampliação em sua definição e atualmente para Wenger (2010, p. 1, tradução nossa), o conceito “não existe por si só. É parte de um quadro conceitual mais amplo para se pensar a aprendizagem em sua dimensão social”. Além disso, segundo o autor

O foco no aspecto social da aprendizagem não é um deslocamento da pessoa. Pelo contrário, é uma ênfase na pessoa como participante social, uma entidade de construção de significados para quem o mundo social é um recurso para a constituição de uma identidade. [...] A experiência da pessoa em todos estes aspectos é ativamente constituída, em forma, e interpretada através da aprendizagem. A aprendizagem não é apenas a aquisição de habilidades e de informações; está se tornando uma pessoa - um conhecedor em um contexto onde o que significa saber é negociado em relação ao regime de competência de uma comunidade (WENGER, 2010, p. 2, tradução nossa).

Percebe-se que a troca de conhecimento entre os membros de uma comunidade favorece a aprendizagem por meio da observação, do efeito de praticar, da experiência e do hábito. Com base nessas ideias de aprendizagem, compartilhamento de experiências profissionais e soluções de problemas por meio de ações colaborativas, as comunidades de prática podem ser consideradas importantes instrumentos para compartilhar o conhecimento.

Para ratificar essa ideia de troca de conhecimento em ambientes profissionais, Sarruf e Silva (2012, p. 1) defendem:

O compartilhamento e troca de conhecimentos passa a ser, então, o elemento vital para a criação de novos produtos, serviços ou processos. Essa troca de conhecimentos ocorre, na maioria das vezes, a partir da realização prática do próprio trabalho e tem sido conduzida de forma mais sistematizada nas comunidades de prática, as quais podem ser caracterizadas como o “ba”, ou seja, o lugar para conversas, para troca, para a solução de problemas.

Mediante o exposto, Silva (2009, p. 177) explica que

[...] nos contextos sociopráticos de partilha do conhecimento são considerados altamente eficazes à aprendizagem, pois conseguem aliar as duas dimensões do conhecimento (tácita e explícita) na dinâmica de aprendizagem.

Para Archer (2006, tradução nossa) existe uma dificuldade para a gestão do conhecimento no que se refere ao gerenciamento do conhecimento intangível/tácito, em comparação com o conhecimento tangível/explicito, pois este pode ser apoiado pelos recursos informacionais. Por outro lado, o conhecimento tácito, devido a sua natureza, necessita de atividades voltadas para a aprendizagem, inovação e boas práticas.

Deste modo, as comunidades de prática oportunizam o compartilhamento de conhecimento tácito e a aprendizagem de maneira coletiva. Ratificando essa ideia, Terra [2002?], p. 1) expõe que o conceito de comunidades de prática (CdP)

[...] se refere às maneiras como as pessoas trabalham em conjunto e/ou se associam a outras naturalmente. Ele reconhece e celebra o poder das comunidades informais de colegas, sua criatividade e recursos para resolver problemas, e sua habilidade de inventar maneiras melhores e mais fáceis de resolver seus desafios. O que mantém os membros da CdP juntos é um sentido comum de propósito e uma necessidade real de saber o que os outros membros sabem.

É relevante compreender também que para que haja a consolidação de uma comunidade de prática é necessário que os seus membros desempenhem uma mesma atividade, como aponta Sanz Martos (2013, p. 1, tradução nossa):

Uma comunidade de prática é um grupo de pessoas que desempenham a mesma atividade ou responsabilidade profissional e que, preocupado por um problema comum ou movido por um interesse comum, aprofunda o seu conhecimento e se especializa nesse assunto por meio de uma interação continuada. Para que uma comunidade de prática funcione como tal, é importante que seus membros desempenhem a mesma atividade ou

responsabilidade profissional; de outro modo, seus membros não poderão compartilhar suas experiências nem se aprofundar no seu fazer diário.

Para entender melhor o conceito, em termos estruturais, Wenger e Trayner (2015) apontam que uma comunidade de prática possui três elementos essenciais para a sua organização: “um domínio” (uma identidade definida por um assunto de interesse); “a própria comunidade” (são os membros que interagem e constroem relacionamentos em torno do domínio); “a prática” (como já mencionado anteriormente, é necessário que exista uma prática e não apenas um interesse que se compartilhe, pois os indivíduos aprendem juntos a fazer algo que possuem interesse). Segundo os autores:

A comunidade de prática não é apenas uma comunidade de pessoas que gostam de certos tipos de filmes, por exemplo. Os membros de uma comunidade de prática são praticantes. Eles desenvolvem um repertório compartilhado de recursos: experiências, histórias, ferramentas, formas de lidar com os problemas recorrentes de uma prática compartilhada. Isso leva tempo e interação sustentada (WENGER; TRAYNER, 2015, p. 2, tradução nossa).

Com base nesses três elementos, os membros de uma comunidade de prática precisam construir relações por meio de interações. Conforme Sales e Dornelas (2014, p. 492), para que haja a existência de uma comunidade de prática,

o grupo deve desenvolver ações de compartilhamento de recursos, experiências, ferramentas, técnicas, informações e hábitos de coletivizar conhecimento. Assim, a constância, a repetição e o compromisso em coletivizar informação e conhecimento fazem parte da prática, tornando-a propensa a um efetivo *feedback*.

Desta forma, é possível compreender que uma comunidade de prática é “constituída sobre aprendizagem coletiva durante um período de tempo, o que resulta nas práticas e relações sociais que refletem a experiência da comunidade” (MARTINS et al., 2004 apud AFFONSO, 2012, p. 46).

Em relação às características que formam os grupos em uma comunidade de prática, destaca-se o entendimento de Bozu e Imbernon Muñoz (2009, p. 3, tradução nossa):

A comunidade de prática igual a qualquer grupo de trabalho colaborativo tem suas próprias características que a definem e também existe uma ampla tipologia para caracterizar uma comunidade, as perguntas acerca de quem se associam, para que o fazem, com que motivação, em que âmbito ou contexto e qual é a natureza desta relação, constituem critérios que possibilitam analisar o sentido e os propósitos destas formas de trabalho colaborativo.

Com base nos propósitos de ações colaborativas nas interações profissionais, os autores também destacam elementos que compõem uma comunidade de prática: identidade, experiência, liderança compartilhada, estrutura, motivação e intercâmbios (BOZU; IMBERNON MUÑOZ, 2009).

Além disso, é indispensável citar o que Wenger (1998 apud DUARTE; ABREU, 2008, p. 4) determina como “níveis de participação” em relação às pessoas que integram uma comunidade de prática:

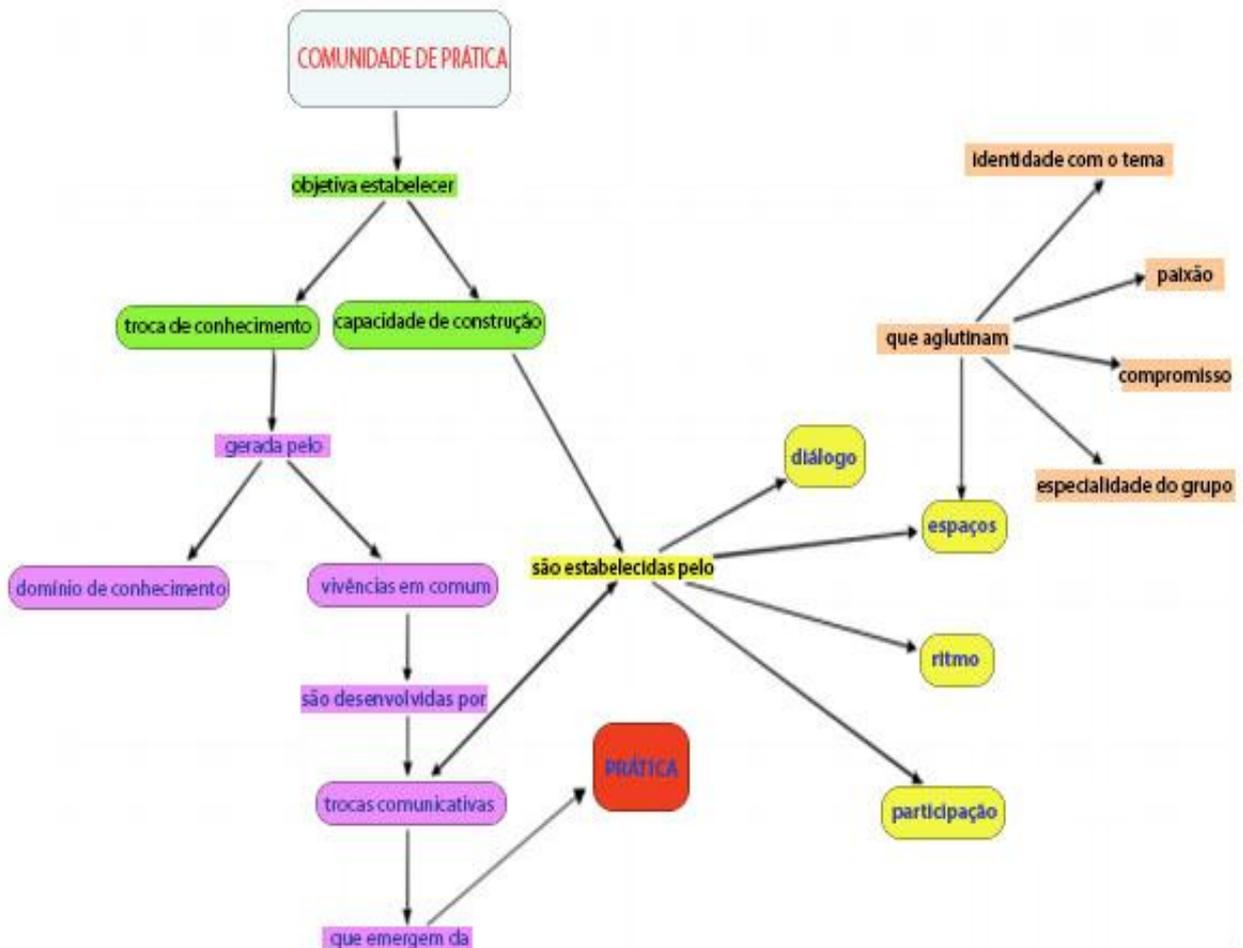
- grupo nuclear: pequeno grupo no qual a paixão e o engajamento energizam a comunidade;
- adesão completa: membros que são reconhecidos como praticantes e definem a comunidade;
- participação periférica: pessoas que pertencem à comunidade mas com menos engajamento e autoridade, talvez pelo fato de serem novatos ou por não terem muito compromisso pessoal com a prática;
- participação transacional: pessoas de fora da comunidade que ocasionalmente interagem com a mesma para receber ou prover um serviço sem tornar-se efetivamente um membro;
- acesso passivo: grande número de pessoas que tem acesso ao que é produzido pela comunidade, como suas publicações, seus *website* ou suas ferramentas.

Verifica-se a abrangência, os propósitos e funções de uma comunidade de prática, sendo relevante para qualquer tipo de organização. Isso significa que a mesma pode ser planejada para o gerenciamento de diversas atividades, como também para compartilhar informações, identificar lacunas, trocar experiências e adquirir conhecimento de maneira coletiva em uma instituição colaborando para o aperfeiçoamento das práticas. Desta maneira, conforme Wenger (2000, p. 229, tradução nossa)

Comunidades de prática surgem da convergência entre competência e experiência que envolve engajamento mútuo. Oferecem uma oportunidade para negociar competência por meio de uma experiência de participação direta.

Sendo assim, é importante ressaltar que a implantação de uma comunidade de prática em uma instituição pode ser constituída por meio de alguns fatores que determinam o seu desenvolvimento, conforme pode ser visto no esquema a seguir:

Esquema 2 – Fatores importantes em uma comunidade de prática



Fonte – Silva, F. (2013, p. 38)

Este esquema é apresentado sob a forma de um mapa conceitual, que estabelece as relações entre os termos que são essenciais sobre o entendimento do assunto abordado. Conforme essa forma de relacionamento, se pode constatar que uma comunidade de prática favorece a troca de conhecimento, além da construção participativa e colaborativa que emerge de uma prática, sendo que é importante destacar o espaço que aglutina toda essa troca de informações sobre um tema, entre um grupo de pessoas.

Em relação ao espaço, Coakes (2006) argumenta que existem seis ensejos que as comunidades de práticas necessitam para funcionar:

Um espaço para atender; um lugar para guardar ideias; a memória das atividades; um registro dos membros e de seus interesses; um meio para comunicação entre os membros e diversas formas para o compartilhamento do conhecimento tácito (COAKES, 2006, p. 63, tradução nossa).

Neste sentido, o espaço usado para atender uma comunidade de prática pode ser tanto presencial, como virtual. Desta maneira, é significativo para este trabalho pontuar as diversas ferramentas e plataformas existentes para o estabelecimento de uma comunidade de prática *online*.

4.1 COMUNIDADES DE PRÁTICA *ONLINE*

Atualmente, a internet traz em seu bojo conceitos sobre sociedade da informação, tecnologia da informação e comunicação, *web 2.0*, ferramentas colaborativas, mídias sociais. Deste modo, a “internet é a ferramenta tecnológica e a forma organizacional que distribui informação, poder, geração de conhecimento e capacidade de interconexão em todas as esferas de atividade” (CASTELLS, 2003, p. 220). Neste contexto, é possível compreender o uso das ferramentas tecnológicas para suprir as necessidades das comunidades de prática que podem ser configuradas nos diversos espaços virtuais, e assim utilizar os variados recursos da tecnologia da informação e comunicação. Neste sentido, Wenger, White e Smith (2009) apresentam no livro “*Digital habitats stewarding technology for communities*” uma perspectiva de apropriação das tecnologias de informação e comunicação contemporâneas para as comunidades, ou seja, de que maneira os aparatos tecnológicos, as ferramentas e os recursos podem auxiliar às comunidades de prática.

Para Wenger e Trayner (2015, p. 6, tradução nossa) o conceito associado à *web* e às novas tecnologias possibilitou

[...] estender o alcance de nossas interações além das limitações geográficas das comunidades tradicionais, mas o aumento do fluxo de informações não elimina a necessidade de comunidade. Na verdade, ele amplia as possibilidades de comunidade e apela a novos tipos de comunidades baseadas na prática compartilhada.

Com base nesses aspectos, verifica-se a diversidade de comunidades de prática que ingressam em um ambiente virtual, visando suas finalidades. Essa facilidade é possível, pois

os recursos da *web* permitem que a comunicação seja realizada de maneira síncrona ou assíncrona.

De acordo com esses aspectos, Silva e outros (2012, p. 110) ressaltam:

A mesma teoria que sustenta as CoPs presenciais é utilizada para o modelo de CoPs virtuais, ou seja, grande parte da aprendizagem dos profissionais acontece de maneira informal, compartilhando experiências, conhecimentos e soluções de problemas uns com os outros.

Deste modo, Terra e Gordon (2002 apud CARVALHO; ROVER, 2010, p. 8) estabelecem esse espaço como “comunidades virtuais de prática”. Já Affonso (2012), em seu trabalho que analisa os processos de interação e aprendizagem nas comunidades de prática virtuais, também usa o termo “comunidade de prática na internet” para fundamentar o conceito de comunidades de prática e as ferramentas disponíveis pela internet, versão *web 2.0*. No entanto, Silva, F. (2013) utiliza o termo “comunidade de prática *on-line*” para analisar os indicadores de comunidades existentes no Brasil e em Portugal, que contribuíram para a formação dos professores no que tange ao desenvolvimento de suas competências pedagógicas com o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (SILVA, F., 2013). Desta maneira, de acordo com os objetivos deste trabalho é utilizado também, o termo “comunidades de prática *online*”, visto o significado da última palavra - estar disponível, acessível e conectado.

Para formar uma comunidade de prática *online*, é relevante verificar as ferramentas que possibilitam a implantação de um espaço onde se agregam os indivíduos interessados em trocar informações e aprender coletivamente sobre um tema. No que concerne a essas ferramentas de suporte, Hernandes (2003) aponta algumas características que devem ser avaliadas quando a plataforma da comunidade for selecionada:

[...] uma *home page* para declarar a existência da comunidade e descrever seu domínio (tópico principal de discussão), propósito (objetivo) e atividades; um espaço de conversação para discussões virtuais (e.g. listas de distribuição por correio eletrônico); uma facilidade para enviar questões para a comunidade ou a um subconjunto da comunidade (e.g. fóruns de discussão – *bulletin boards*); um diretório com informações sobre os membros da comunidade que inclua dados cadastrais (e.g. nome, idade e endereço de correio eletrônico) e algumas informações sobre as áreas de especialização das pessoas no domínio da comunidade; em alguns casos, um espaço de trabalho compartilhado para colaboração eletrônica síncrona, discussão ou encontro (e.g. salas de *chat*); um repositório de documentos para a base de conhecimento; uma ferramenta de pesquisa para que os membros efetuem recuperações na base de conhecimento [...] (HERNANDES, 2003, p. 42).

Deste modo, o estudo de Mello Filho e Pompeu (2006, p. 29-55) possibilita um melhor entendimento sobre o assunto supracitado, pois os autores comparam as ferramentas que servem para desenvolver um ambiente de comunidade de prática *online*, além de apresentar suas principais características e funcionalidades; desta forma destacam as seguintes ferramentas:

- Open ACS (Open Architecture Community System) – é uma plataforma *web* orientada à construção de comunidades virtuais que oferece recursos comunicacionais, tais como: calendário, *e-mail*, *wiki*, fóruns, questionário, *chat* dentre outros.
- Moodle (Modular Object Oriented Distance Learning) – é um sistema para gerenciar cursos *online*, também chamado de ambiente virtual para aprendizagem. Os principais recursos são: *download* e *upload* de arquivos, fórum, questionários, glossário, *wiki*, *chat* dentre outros.
- Lotus Notes – é um *software* da IBM que serve para programar compromissos, navegar na *web*, enviar e receber correio da internet, colaborar com grupos de notícias.
- Yahoo Groups – oferece ferramentas de comunicação, incluindo arquivo de mensagens, listas de membros, salas de bate-papo e compartilhamento de arquivos e álbuns de fotos, que permitem o envio ou exibição de informações pessoais identificáveis.
- TelEduc – é um ambiente para a criação, participação e administração de cursos na *web*. Possibilita um conjunto de ferramentas de comunicação como o correio eletrônico, grupos de discussão, mural, portfólio, bate-papo etc.

Apesar de ter se passado apenas nove anos do estudo realizado por Melo Filho e Pompeu (2006), quando se trata de mídias sociais esse espaço de tempo pode abranger uma série de mudanças significativas; mas, os autores realizam uma análise interessante dos recursos existentes em cada plataforma descrita acima, apontam algumas características e funcionalidades essenciais para aquela ferramenta que deverá ser escolhida quando uma comunidade de prática virtual for desenvolvida: “fórum de discussão, espaço para armazenamento de arquivos, capacidade de armazenamento, segurança das informações,

gerenciador de contatos, facilidade de uso, documentação, banco de dados e agenda” (MELO FILHO; POMPEU, 2006, p. 75).

A dissertação de Gozzi (2006, p. 44), intitulada “A construção de um projeto coletivo em uma comunidade virtual de prática”, apresenta o TelEduc como plataforma desenvolvida pela Unicamp, que trata “de uma ferramenta tecnológica que permite desenvolver cursos à distância mediados por computador e internet de acordo com a abordagem ‘estar junto virtual’”, segundo Valente (2002 apud GOZZI, 2006, p. 44). Para o autor, esta ferramenta possibilita aos participantes interagirem e criarem o projeto coletivamente.

Por outro lado, Bohn (2010), em sua dissertação “Comunidades de práticas na formação docente: aprendendo a usar ferramentas da *web 2.0*”, discorre que o ensino de línguas por meio dos novos recursos tecnológicos da segunda geração da internet, conhecida como *web 2.0*, torna-se mais relevante. Isso acontece, pois as ferramentas da *web 2.0*, chamadas de mídias sociais, tais como, os *blogs*, *wikis*, *podcasts* e ferramentas de redes sociais na internet, proporcionam aos usuários possibilidades de interação e colaboração mediante o uso de recursos multimídias. Segundo a perspectiva desta autora, as ferramentas da *web 2.0*, aliadas às comunidades de prática, aparecem no contexto educacional proporcionando a organização e disseminação do conhecimento em um ambiente virtual e favorecendo o compartilhamento e a aprendizagem colaborativa entre as pessoas. Deste modo, a autora também destaca o *Moodle* como um ambiente para a comunidade de prática, pois ele oferece aos professores participantes o uso de algumas ferramentas da *web 2.0*. Além disso, “a plataforma tem um fórum de discussão, sala de bate-papo, como ferramentas de comunicação, ferramentas de avaliação e administração do curso” (BOHN, 2010, p. 74).

Faria (2010), em sua dissertação intitulada “Socializando e aprendendo: a incorporação da rede social *Orkut* ao ensino de língua inglesa” apresenta a mídia social *Orkut* como uma ferramenta para fins educativos. Apesar dessa rede social na internet ter sido desativada no ano de 2014, o estudo de Faria (2010) traz um exemplo de materialização do uso de uma mídia social para a criação de uma comunidade de prática. Conforme a autora (2010, p. 56) as comunidades de prática

[...] são constituídas por membros organizados por interesses em comum que operam em conjunto a fim de alcançar objetivos, sejam eles individuais ou coletivos. Elas estão em todo lugar e servem a variados propósitos. São exemplos de comunidades de prática uma empresa, um time de futebol e o contexto de investigação desta pesquisa: uma comunidade virtual cujos membros se apoiam em busca da aprendizagem e do desenvolvimento da língua inglesa.

Os estudos supracitados, apesar de remotos, proporcionam traçar um panorama das plataformas e seus recursos disponíveis para atender uma comunidade de prática *online*. É importante ressaltar que há uma atualização constante em relação às plataformas, tendo em vista as próprias características da comunicação nos ambientes virtuais. Desta forma, neste trabalho a noção de comunidades de práticas *online* está sendo discutida independentemente da tecnologia utilizada.

Já a tese supracitada de Silva, F. (2013) analisa os indicadores potenciais das seguintes comunidades de prática *online*, que favorecem a formação compartilhada dos professores: “Comunidade de Prática Grupo de Estudos Educar na Cultura Digital, Comunidades de Práxis, Comunidade de Prática Grupo de Sábado (GDS), Comunidade de Prática Portal do Professor, Comunidade de Prática Nética” (SILVA, F., 2013, p. 24). Observa-se que algumas dessas comunidades também utilizam as mídias sociais como plataformas, tais como o *facebook* e o *blogspot*. Então, Silva, F. (2013) considera como resultado de sua pesquisa que

[...] o compartilhamento de práticas e a colaboração dão vida a COP *online*, são pedras angulares de uma COP *online*. Neste ambiente, os professores se sentem apoiados e acolhidos, ao se deparar com experiências similares. Compreendem melhor seu próprio processo de construção de saberes e refletem sua prática pedagógica (SILVA, F., 2013, p. 170).

De acordo com Wenger e Trayner (2015), as comunidades de prática estão em toda parte; as mesmas permitem compreender melhor o que está em nossa volta, vislumbrando além das estruturas formais mais óbvias, tais como organizações, salas de aula, e percebendo o benefício dos espaços que envolvem a prática e a aprendizagem informal entre as pessoas.

Em relação a isso, destaca-se a iniciativa bem sucedida dos profissionais que trabalham na biblioteca do Tribunal de Contas de Pernambuco. As bibliotecárias decidiram espontaneamente, visando à troca de experiência e o compartilhamento de conhecimento entre as unidades de informação dos Tribunais de Contas espalhados pelo Brasil, realizar o I Fórum Nacional dos Bibliotecários dos Tribunais de Contas. Durante o evento criaram uma lista de discussão para facilitar a comunicação entre os profissionais e também, compartilhar informações concernentes à área jurídica (SILVA et al., 2012). Deste modo, a integração entre os profissionais, por meio dos fóruns realizados, possibilitou aperfeiçoamento e desenvolvimento das unidades de informação dos Tribunais de Contas, conforme descrevem as autoras:

[...] os eventos/fóruns podem ser utilizados como fomentadores para o compartilhamento e criação do conhecimento nas CoPs. Acredita-se que

podem contribuir como mediação no processo interativo entre os membros de uma comunidade de prática na realização de tarefas conjuntas, na negociação de significados e no compartilhamento de experiências e competências, em uma visão de histórias compartilhadas de aprendizagem. Os eventos/fóruns são canais integradores importantes para efetivação de uma comunidade de prática, cujo resultado propicia a transformação das pessoas, a formação de identidades e a negociação de significados. As dimensões do aprendizado centradas nas facilidades de engajamento, ou seja, na facilitação de encontros entre os diversos domínios, de encontros virtuais ou presenciais, na produção de conhecimentos que tragam à tona o conhecimento criado a partir da prática (SILVA et al., 2012, p. 115).

Mediante essa experiência supracitada de uma comunidade de prática entre profissionais que atuam em uma biblioteca especializada, percebe-se que esse tipo de relacionamento profissional constituído por uma comunidade de prática pode favorecer o aperfeiçoamento das ações que são desenvolvidas em bibliotecas escolares, por meio da troca de experiências e informações entre seus profissionais. Sendo assim, a próxima seção busca aprofundar o conceito comunidades de prática e sua relação com a biblioteca escolar.

4.2 COMUNIDADES DE PRÁTICA E BIBLIOTECAS ESCOLARES

Como pode ser constatado nas seções anteriores, os recursos tecnológicos facilitam a comunicação e o acesso a diversas plataformas que podem constituir comunidades de prática *online*. Desta maneira, para um melhor entendimento do assunto, esta seção apresenta experiências favoráveis para a biblioteca escolar, no que se refere à formação de comunidades de prática *online*.

Destaca-se, assim, um livro editado pela Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal, que discorre sobre comunidades de prática e bibliotecas escolares. A autora, Madalena Pinto dos Santos (2012), mostra no livro os princípios teóricos associados às comunidades de prática e de que modo o conceito pode ser inserido no contexto organizacional das bibliotecas escolares, favorecendo a melhoria dos seus serviços.

Visto que as comunidades de prática são estruturas formadas por pessoas, que interagem em torno de um interesse em comum para trocar informações sobre um assunto, de forma que esse compartilhamento possibilite a aprendizagem, também pode assim ser constituída essa estrutura entre profissionais que atuam em bibliotecas escolares. Desta maneira, Santos (2012, p. 7) ressalta que:

As bibliotecas escolares (BE) são estruturas nucleares na escola, ao serviço da comunidade educativa, enquanto espaços de leitura, pesquisa, aprendizagem e construção de conhecimento. A gestão e a dinamização da biblioteca escolar exigem, por outro lado, o conhecimento e o empenho das equipas que as gerem e, por outro, o desenvolvimento de estratégias de partilha com outros núcleos pedagógicos. [...] neste âmbito, a criação de comunidades de prática (CoP), ou a participação dos professores bibliotecários (PB) e dos elementos da equipe da biblioteca em comunidades já existentes, pode ser um meio de aprofundar e renovar o conhecimento e a aprendizagem.

Alguns dos apontamentos apresentados no livro ressaltam que as comunidades de prática podem apresentar diversas dimensões e surgir com variados objetivos e funções, tais como:

[...] ser mais ou menos **homogêneas** quanto à sua composição e, por outro lado, mais centralizadas ou mais distribuídas; o quotidiano vivido por seus membros pode ser partilhado fisicamente, **presencialmente** ou, pelo contrário, compartilhado **online**; podem ter um **enquadramento institucional** ou, ao invés, manter uma **afiliação voluntária** e sem ser reconhecida ou legitimada institucionalmente; podem desenvolver-se essencialmente no interior de um **dado contexto** ou, pelo contrário, privilegiar a participação em **redes alargadas** de compartilhamento entre organizações diferentes; podem dedicar-se a um **domínio de interesses muito amplo** e até indefinido, ou visar um **foco muito específico** de preocupação e compartilhamento (SANTOS, 2012, p. 14, grifo do autor).

No âmbito das bibliotecas escolares, a necessidade de criar estratégias para interação entre diversos tipos de grupos dentro ou fora da biblioteca favorece a configuração de uma comunidade de prática. Segundo Santos (2012), é importante promover o hábito de compartilhar experiências por meio de encontros, visitas e intercâmbios entre escolas e bibliotecas. Para a autora, a maneira mais usada para essas ações são encontros presenciais, como também pode acontecer em um espaço virtual, como por exemplo, um *blog*, *wiki* ou outra plataforma de comunicação e colaboração entre as bibliotecas envolvidas.

Visto as possibilidades de um ambiente para as pessoas interagirem, destaca-se uma pesquisa realizada com os bibliotecários da Rede de Bibliotecas Escolares do Porto (RBEP), que mediante as expectativas tecnológicas da sociedade, realizam um trabalho colaborativo por meio de uma plataforma da própria rede, a qual foi baseada no conceito de comunidades de prática. Conforme a estrutura dessa comunidade, Santos, Lopes e Rego (2010, p. 14-15) destacam:

A área privada desta plataforma está apenas acessível aos membros da comunidade, que podem colocar notícias, atualizar os seus catálogos, receber e-mails e consultar diversas estatísticas: os recursos mais consultados na *Virtualteca*, os autores que mais publicam notícias e os acessos à plataforma, como visitante ou como administrador.

O resultado da pesquisa feita pela RBEP ressalta os benefícios que uma comunidade de prática oferece para os seus integrantes, desde o compartilhamento de iniciativas bem sucedidas em suas ações às soluções de problemas. Conforme descrevem as autoras:

O conhecimento produzido através do recolhimento de dados no Q1 e na pesquisa documental na plataforma permitiu constatar que a RBEP é uma comunidade de prática de professores bibliotecários bem sucedida, traduzindo-se pelo bom ambiente e pela vontade dos seus membros em quererem continuar nesta rede. As diferentes dimensões da comunidade de prática – o domínio, a comunidade e a prática – foram evidenciados nos dados recolhidos. Desta forma, a RBEP foi caracterizada como uma comunidade profissional coesa com interesse no domínio das bibliotecas escolares e das literacias. Foi visível na comunidade o empreendimento comum dos seus membros, discutindo acerca das atividades nas suas bibliotecas e na RBEP, e o seu empenhamento mútuo, oferecendo ou solicitando ajuda, compartilhando ideias/práticas etc. (SANTOS; LOPES; REGO, 2010, p. 19).

Em relação a essa plataforma RBEP, os profissionais bibliotecários que atuam nas bibliotecas escolares consideram como um espaço de divulgação dos trabalhos realizados pelas bibliotecas, além de fomentar a colaboração, a formação e atualização profissional, a solução de problemas, a divulgação de boas práticas, o diálogo e o compartilhamento de saberes (SANTOS; LOPES, 2009).

É importante ressaltar que a diversidade de pessoas em uma comunidade de prática, cada uma com sua identidade profissional, motivação, competências e saberes, pode contribuir para a manutenção de uma comunidade. De acordo com isso, Santos (2012, p. 48) afirma que em uma comunidade de prática

[...] há um pequeno grupo que atua como centro nevrálgico ou o coração da comunidade, que participa ativamente nas várias facetas da prática, que direciona e organiza a comunidade no seu percurso e sua agenda de aprendizagem, identificando tópicos, propondo caminhos e projetos. São os membros que têm uma participação plena ou completa na prática da comunidade. Além disso, existem pessoas que, não sendo exatamente membros da comunidade, podem ter participações importantes em determinados momentos e por tempos limitados. Qualquer destas formas é relevante para que uma comunidade se mantenha viva, ativa, e com capacidade de atrair participantes.

Com base nas perspectivas mencionadas, percebe-se o potencial que pode ser oferecido aos profissionais que atuam nas bibliotecas escolares dos colégios de aplicação das IFES. Isso devido às contribuições que uma comunidade de prática *online* pode oferecer para uma instituição, pois a configuração desse espaço favorece a troca de experiência entre os membros. Além disso, auxilia a comunicação, o registro, o armazenamento e a produção de conhecimento entre os pares, como também facilita a busca para a solução de problemas comuns.

Deste modo, a formação de uma comunidade de prática *online*, que envolve assuntos concernentes à mediação da leitura e da informação, pode ser um passo decisivo para o crescimento e fortalecimento de um grupo de profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES.

Na próxima seção, será apontado o campo de estudo que apresenta um panorama dos colégios de aplicação das IFES, além de identificar ações que envolvem a mediação da leitura e da informação nas bibliotecas desses colégios.

5 O CAMPO DE ESTUDO

Esta seção tem como propósito apresentar o campo empírico da pesquisa, a partir da abordagem das práticas de mediação da leitura e da informação realizadas pelas bibliotecas dos colégios de aplicação, mediante os relatos de experiências e comunicações orais. Também apresenta um panorama sobre a importância dos colégios de aplicação para as Universidades Federais, destacando algumas organizações, associações, eventos que foram criados em prol dos colégios. Além disso, é indispensável para o desenvolvimento da pesquisa realizar um levantamento documental em anais de evento para verificar a existência do discurso, entre os pares que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES, sobre questões que reforçam a importância da mediação da leitura e da informação na biblioteca escolar.

5.1 PANORAMA DOS COLÉGIOS DE APLICAÇÃO

No que se refere ao panorama histórico dos colégios, através do Decreto-Lei n.º 9053 criado em 12 de março de 1946, foi estabelecida a obrigatoriedade de todas as Faculdades de Filosofia manterem escolas de aplicação, destinadas à prática docente dos alunos dos cursos de Didática. Nesse sentido, os colégios de aplicação foram concebidos com os seguintes objetivos: o de se constituírem em campo de estágio obrigatório para os alunos licenciandos das Faculdades de Filosofia e o de oportunizarem a experimentação de novas práticas pedagógicas. Atualmente existem dezessete colégios de aplicação nas diversas IFES, conforme mostra o quadro a seguir:

Quadro 7 – Lista de colégios de aplicação

IFES	Colégios	Ensino
Universidade Federal de Goiás	Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE da UFG	Ensino Fundamental 1º - 5º ano 6º - 9º ano Ensino Médio
Universidade Federal de Juiz de Fora	Colégio de Aplicação “João XXIII da UFJF”	Ensino Fundamental 1º - 5º ano 6º - 9º ano Ensino Médio EJA
Universidade Federal de Minas Gerais	Escola Fundamental do Centro Pedagógico da UFMG	Ensino Fundamental 1º - 5º ano 6º - 9º ano EJA
Universidade Federal de	Colégio de Aplicação da UFPE	Ensino Fundamental

Pernambuco		6º - 9º ano Ensino Médio
Universidade Federal de Roraima	Colégio de Aplicação da UFRR	Ensino Fundamental 1º - 5º ano 6º - 9º ano Ensino Médio
Universidade Federal de Santa Catarina	Colégio de Aplicação da UFSC	1º - 5º ano 6º - 9º ano Ensino Médio
Universidade Federal de Santa Catarina	Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC	Educação Infantil
Universidade Federal de Sergipe	Colégio de Aplicação da UFS	Ensino Fundamental 6º - 9º ano Ensino Médio EJA
Universidade Federal de Uberlândia	Escola de Educação Básica da UFU	Educação Infantil Ensino Fundamental: 1º - 5º ano 6º - 9º ano EJA (6º - 9º ano)
Universidade Federal de Viçosa	Colégio de Aplicação - COLUNI da UFV	Ensino médio
Universidade Federal do Acre	Colégio de Aplicação da UFAC	Educação Infantil Ensino Fundamental 1º - 5º ano 6º - 9º ano Ensino Médio
Universidade Federal do Maranhão	Colégio Universitário da UFMA (COLUN)	Ensino Fundamental 1º - 5º ano 6º - 9º ano Ensino Médio Ensino Técnico Técnico em Meio ambiente, Administração e Enfermagem
Universidade Federal do Pará	Escola de Aplicação da UFPA	Educação Infantil Ensino Fundamental 1º - 5º ano 6º - 9º ano Ensino Médio Supletivo
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Colégio de Aplicação da UFRJ	1º - 5º ano 6º - 9º ano Ensino médio
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Núcleo de Educação da Infância UFRN	Educação Infantil Ensino Fundamental 1º ao 3º ano
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Colégio de Aplicação da UFRGS	Ensino Fundamental 1º - 5º ano 6º - 9º ano Ensino Médio

Universidade Federal Fluminense	Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni)	Educação Infantil Ensino Fundamental 1º - 5º ano 6º - 9º ano Ensino Médio
---------------------------------	---	---

Fonte – CONSELHO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (1995) (adaptado pela autora)

A relevância dos colégios de aplicação pode ser percebida tanto para a comunidade acadêmica como também para a sociedade civil, como aponta Abreu (1992, p. 13-14), que escreveu sobre a memória do Colégio de Aplicação da UFRJ, durante o período de 1948 a 1968. A referida autora sinaliza que

[...] ao examinarmos as gerações que passaram pelo CAp durante seus vinte primeiros anos de existência, percebemos que além de uma formação intelectual comum, de uma experiência de vida comum, eles adquiriram uma especificidade que está ligada ao culto da amizade, à valorização do saber e a uma concepção de missão quase sagrada de, através do saber, transformar a sociedade para torná-la mais justa e mais igual.

De acordo com essa perspectiva, Marques e outros (2011) abordam em seu estudo o valor da contribuição dos colégios de aplicação em Universidades Federais e relatam as ações do Núcleo de Educação da Infância (NEI) na UFRN. Para os autores, a função dos colégios de aplicação “é fazer com que alunos dos cursos de licenciatura e graduação adquiram práticas docentes, aplicando conhecimento e técnicas adquiridas ao longo de sua formação, na realidade escolar, no âmbito da educação básica, na forma de estágio” (MARQUES et al., 2011, p. 3). Ainda assim, além de atender à demanda da formação de alunos dos cursos de graduação, os colégios de aplicação tornam-se um campo de experiência e novas práticas pedagógicas favorecendo o corpo discente do ensino fundamental e médio. Mediante esses aspectos Benites (2006 apud MARQUES et al., 2011, p.5-6) afirma que os colégios de aplicação

[...] são, portanto, espaços para o exercício da inovação por meio do trabalho de seus docentes, que ao ensinar, pesquisar e aplicar novas práticas e teorias, transformam as experimentações pedagógicas em conhecimento avaliado e de domínio público, socializados em seus relatos, documentos e artigos publicados. Assim, deve tratar-se de um lugar de produção de conhecimento não somente pelos alunos e alunas dessas escolas, mas também por seus professores que assumem, muitas vezes, o papel de pesquisadores, gerando novos estudos a partir do contexto em que estão inseridos.

Tendo em vista que os colégios de aplicação são instituições que estão vinculadas às Universidades Federais, destaca-se o Conselho Nacional dos Dirigentes das Escolas de Educação Básica das Instituições Federais de Ensino Superior (CONDICAP), criado em 1995, que possui como objetivos:

[...] a inserção dos colégios de aplicação nas políticas de ensino, pesquisa e extensão das IFES; a integração dos colégios de aplicação das IFES, sua valorização e sua defesa; a representação do conjunto de seus filiados, inclusive judicialmente (CONSELHO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR, 1995).

O estatuto do CONDICAP, no artigo terceiro, também destaca algumas atividades que são consideradas essenciais para o Conselho atingir os seus objetivos:

[...] promoção de estudos e projetos, inclusive de natureza interdisciplinar e interinstitucional, por via de congressos, conferências, seminários, encontros e outros eventos; intercâmbio de informações e experiências com instituições de ensino e pesquisa, entidades culturais, científicas e tecnológicas, nacionais e estrangeiras; articulação com os diversos entes públicos nas esferas federal, estadual e municipal; assessoramento aos filiados no equacionamento de questões político-administrativas, jurídicas e técnicas, pertinentes a sua problemática interna e ao relacionamento com os poderes públicos (CONSELHO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR, 1995).

Conforme descrito acima, alguns eventos recentes possibilitaram a visibilidade dos colégios junto às entidades governamentais e à sociedade civil, tais como: o Seminário organizado pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC) e pelo CONDICAP em 2012, com o tema “A função dos Colégios de Aplicação/CAP nas Universidades Federais”; o Seminário de Educação Integral: contribuições dos colégios de aplicação apoiado pelo CONDICAP e realizado durante a 1ª Feira Brasileira de colégios de aplicação e Escolas Técnicas (FEBRAT) na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia em 2013. Cabe destacar que a FEBRAT é um projeto idealizado pelo Centro Pedagógico e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que visa disseminar a produção do conhecimento gerado nessas instituições, além de realizar premiações dos melhores trabalhos apresentados.

Com base nesse panorama dos colégios de aplicação das IFES, as bibliotecas escolares dessas instituições devem atender às necessidades informacionais, sociais e culturais dos atores envolvidos nesse espaço de formação educacional. Deste modo, cabe verificar o debate e o

envolvimento dessas bibliotecas no discurso acadêmico, no que tange às ações que concernem à mediação da leitura e da informação.

5.2 MEDIAÇÕES NAS BIBLIOTECAS DOS COLÉGIOS DE APLICAÇÃO

Na seção sobre mediações na biblioteca escolar, percebe-se que as ações de mediação da leitura e da informação são essenciais para os processos de aprendizagem dos alunos, uma vez que os sujeitos precisam ser leitores competentes para buscar e usar a informação para suprir necessidades pessoais, como também para produzir conhecimento de maneira autônoma e coletiva.

Neste sentido, com o propósito de fundamentar o discurso da importância de uma comunidade de prática *online* para os profissionais que trabalham nas bibliotecas dos colégios de aplicação da IFES compartilharem experiências e informações, de forma participativa e colaborativa, sobre a mediação da leitura e da informação, faz-se necessário realizar um levantamento documental para buscar estudos que versam sobre essas bibliotecas e a mediação da leitura e da informação nesse espaço.

Desta maneira, utilizou-se como fonte para a pesquisa os três últimos anais do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), os dois últimos anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBBD) e os documentos emanados do 1º Fórum de Pesquisa em Biblioteca Escolar. O quadro a seguir mostra a quantidade de trabalhos que mencionam ou abordam a biblioteca dos colégios de aplicação federais.

Quadro 8 – Trabalhos sobre bibliotecas do CAp/IFES

Evento	Quantidade
SNBU (2008/2010/2012)	8
CBBBD (2011/2013)	0
1º Fórum de Pesquisa em Biblioteca Escolar (2012)	4
Total	12

Fonte – a autora (2015)

Como pode ser visualizado, esse quadro apresenta um número baixo de estudos que abordam as bibliotecas escolares dos colégios de aplicação das IFES. Desta forma, constata-se pouca divulgação das ações desenvolvidas por essas bibliotecas, e assim, escassa troca de

experiência entre os profissionais que atuam nesses espaços.

No que se refere ao SNBU foi realizada uma pesquisa (VALDEZ; CALIL JUNIOR, 2014) mais aprofundada nos anais das três últimas edições desse evento. Buscou-se identificar os trabalhos que tratam sobre a mediação da informação, como também os estudos que associam a leitura ao referido conceito, no âmbito das bibliotecas das escolas das IFES. Desta maneira, percebeu-se que a mediação da informação está presente no processo informacional, como também nas ações desenvolvidas pelo bibliotecário, pois vários estudos focaram a importância dos bibliotecários como mediadores entre a informação e os usuários. Contudo, a pesquisa apresentou dados sobre os trabalhos que abordavam a mediação da leitura, o bibliotecário como mediador da informação, a biblioteca dos colégios de aplicação e também a mediação da informação e da leitura nas ações das bibliotecas dos colégios de aplicação.

Deste modo, a edição do SNBU do ano de 2008, realizada em São Paulo pela rede de bibliotecas CRUESP (UNICAMP, UNESP e USP), com o tema “Inovação e empreendedorismo: novos desafios para a biblioteca universitária” apresentou apenas um trabalho que citava a biblioteca do colégio de aplicação no sistema. Já a edição do SNBU 2010, que aconteceu no Rio de Janeiro, organizado pela UFRJ, com o tema “Onde estamos, aonde vamos”, não apresentou trabalho sobre os colégios de aplicação das IFES durante o evento. Por conseguinte, o SNBU 2012, que teve como tema “A biblioteca universitária como laboratório na sociedade de informação”, e foi realizado pela UFRGS, teve oito trabalhos, apresentando discussões que abrangeram os colégios de aplicação federais. Destes, seis trabalhos citaram os colégios no interior do sistema de bibliotecas e apenas dois trabalhos aprofundaram seus estudos sobre mediação da leitura e da informação no espaço da biblioteca escolar das IFES: o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O trabalho referente à biblioteca do Colégio de Aplicação da UFRJ apresenta um projeto chamado “Semana da Biblioteca”, que se caracteriza como um evento que tem a intenção de formar leitores, a partir de um relacionamento estreito e prazeroso com a biblioteca (GONÇALVES; FULCO; VALDEZ, 2012). Segundo as autoras, o evento possui

[...] o propósito de integrar os alunos do ensino fundamental no espaço da biblioteca, foram elaboradas atividades culturais e informacionais, tais como: oficina de contação de histórias; apresentação do histórico da Biblioteca seguido de um jogo que aborda e enfatiza de maneira lúdica e pedagógica as regras de funcionamento da Biblioteca; apresentação de um filme selecionado no Youtube que trata dos cuidados na preservação dos livros (GONÇALVES; FULCO; VALDEZ, 2012, p. 1-2).

Tomando como base a revisão da literatura sobre a mediação da leitura, percebe-se que estas atividades também são ressaltadas nos trabalhos de diversos autores, tais como: Kuhlthau (2004); Girotto e Souza (2009); Almeida, Costa e Pinheiro (2012); Bortolin (2013); Bortolin e Almeida Júnior (2014).

O outro trabalho, recuperado nos anais do SNBU de 2012, apresenta o resultado da pesquisa realizada na biblioteca do Colégio de Aplicação da UFRGS, que analisa a competência informacional com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) destacando a importância da biblioteca no contexto educacional e na construção de cidadania, bem como o papel do bibliotecário como mediador no processo de construção do conhecimento (GONZALEZ, 2012). Na sua pesquisa, a autora propõe

[...] a implantação de uma disciplina ao currículo da EJA que prepare esses indivíduos para o uso eficiente da informação de forma autônoma e permanente de maneira que sejam incluídos na Sociedade da Informação. Esta disciplina, que deverá estabelecer conexões entre saberes e conteúdos, deverá também relacionar os saberes gerais e profissionais, uma vez que um dos motivos de retomada dos estudos deste público, está relacionado à formação profissional (GONZALEZ, 2012, p. 12).

Também destaca a importância de planejar esta disciplina e oferecer “oportunidades aos alunos em um programa de educação de usuários que cumpra com seus objetivos na capacitação pessoal e profissional destas pessoas. Poderíamos nomeá-la: Formação, Informação, Acesso e Cidadania” (GONZALEZ, 2012, p 12-13).

Desta maneira, é possível compreender a importância do bibliotecário como mediador no acesso à informação e no desenvolvimento de habilidades necessárias aos usuários neste processo. Portanto, o referido estudo enfatiza também algumas ações educativas da biblioteca, tais como: oferecer o acesso a informação para subsidiar o programa pedagógico da escola, incentivar a leitura, facilitar a busca e o uso de informações, desenvolver o senso crítico, dentre outras.

No que se refere às edições do evento CBBB, no ano de 2011, realizado em Maceió com o tema “Sistemas de informação, multiculturalidade, e inclusão social” não foi encontrado nenhum trabalho abrangendo alguma das bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES. O evento do ano de 2013 também não apresentou nenhum trabalho que mostrasse algum estudo ou relato de experiência sobre esse tipo de instituição, apesar da submissão dos trabalhos contemplarem a temática sobre bibliotecas escolares, visando à participação dos mesmos no evento simultâneo – 1º Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar: pesquisa e prática.

Nos anais do 1º Fórum de Pesquisa em Biblioteca Escolar, realizado em 2012 e organizado pelo Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da Escola de Ciência em Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foram mencionadas quatro bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES como um dado estatístico dos estudos apresentados, são elas: Biblioteca do CAp – UFRJ; Biblioteca do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação CEPAE – UFG; Biblioteca do Colégio de Aplicação – UFSC e Biblioteca da Escola de Educação Básica e Profissional – UFMG.

Percebe-se que esse levantamento de relatos de experiências e estudos sobre as práticas voltadas para a mediação da leitura e da informação nas bibliotecas escolares dos colégios de aplicação das IFES é incipiente, tendo em vista o total de trabalhos apresentados nos eventos aqui em análise. Dessa forma, a aplicação do questionário foi uma escolha decisiva para verificar as ações que compreendem a mediação da leitura e da informação nessas bibliotecas escolares, como pode ser visto na próxima seção.

6 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Como já mencionado, os colégios de aplicação das IFES são instituições integradas ao sistema universitário, que permitem a implementação de práticas pedagógicas inovadoras, além de contribuir para o desenvolvimento da Educação, Ciência e Tecnologia por meio de programas e projetos que atendam ao tripé ensino, pesquisa e extensão. Desta maneira, as bibliotecas desses colégios, inseridas no contexto acadêmico, possuem a incumbência de realizar ações de mediação da leitura e da informação, pois estas representam atividades que estimulam o hábito da leitura e da escrita, visando à formação de leitores críticos e com habilidade de avaliar e usar a informação para proveito próprio e de maneira coletiva.

Essa seção irá analisar os dados obtidos por meio dos questionários enviados por e-mail para as bibliotecas, como também, a análise de conteúdo das cinco entrevistas realizadas por meio do *whatsapp* e *messenger* do *facebook*.

É relevante destacar que os questionários foram enviados para todas as bibliotecas que compõem o universo da pesquisa, totalizando dezessete. No entanto, uma das bibliotecas não encaminhou as respostas.

Para garantir a fidedignidade dos dados, foi informado aos respondentes que os mesmos não seriam identificados na pesquisa. Deste modo, conforme o quadro 9, adotou-se um código (R) para representar os respondentes. O código (R3) que está sombreado em rosa representa a biblioteca que não respondeu ao questionário. Em relação aos códigos com fonte na cor vermelha (R5, R6, R8) são bibliotecas que possuem o seguinte perfil: R5 – os alunos frequentam a biblioteca central, ou seja, o colégio não possui uma biblioteca, somente uma área de estudo; R6 e R8 – o bibliotecário da unidade central só atua nos serviços técnicos da biblioteca, ou seja, os serviços voltados para a mediação são realizados por professores, pedagogos ou outros profissionais.

No questionário foram solicitadas, ao responsável pelo preenchimento, informações sobre o perfil profissional da equipe da biblioteca, que gerou o quadro a seguir:

Quadro 9 – Perfil da equipe dos colégios de aplicação

Respondentes	Total de profissionais	Bibliotecários	Pedagogos	Outras áreas	Estudantes de Biblioteconomia	Estudantes de graduação em outros cursos	Profissionais de nível médio	Profissionais de nível fundamental
R1	7	1	1	0	1	1	0	0
R2	8	1	0	0	1	1	1	0
R3	0	0	0	0	0	0	0	0
R4	3	3	0	0	5	1	0	0
R5	-	1	1	0	0	0	1	1
R6	6	1	1	3	0	0	2	0
R7	4	3	0	0	0	3	1	0
R8	3	1	1	0	0	0	1	0
R9	3	1	1	0	0	0	0	0
R10	4	1	0	1	0	2	1	0
R11	4	1	0	0	1	1	1	0
R12	5	2	0	1	2	1	2	0
R13	1	1	0	0	0	0	0	0
R14	3	1	1	0	0	0	1	0
R15	3	2	0	0	0	0	1	0
R16	1	1	0	0	0	0	0	0
R17	4	2	0	0	2	0	0	0
Total	59	23	6	5	12	10	12	1

Fonte – a autora (2015)

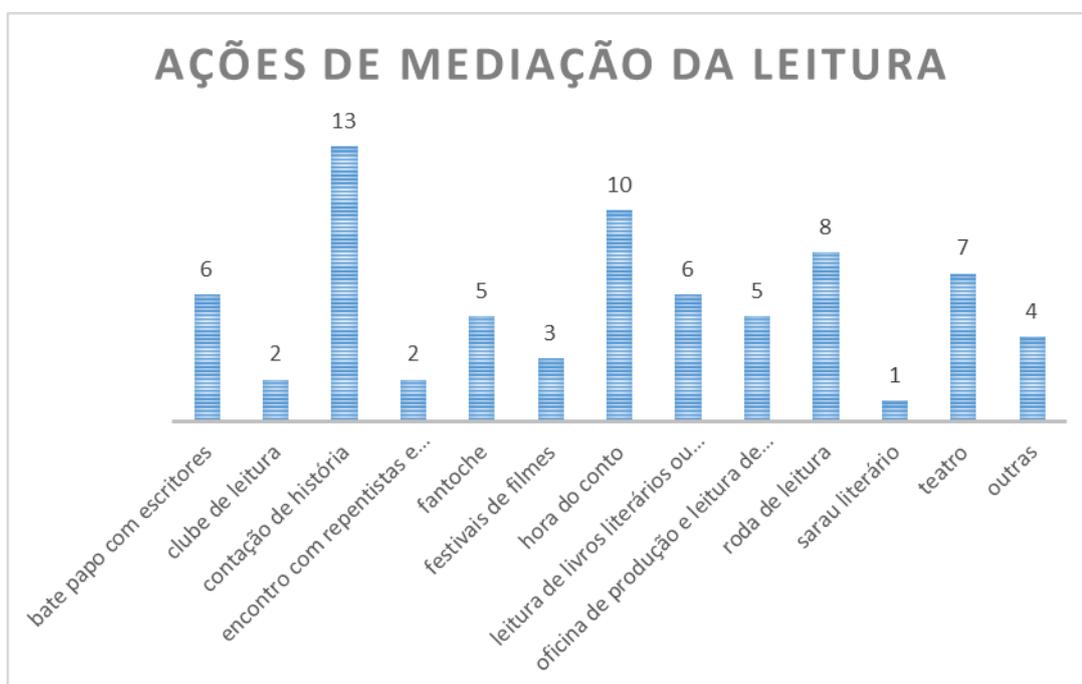
Outra característica importante dos colégios de aplicação é que se trata de instituições configuradas como um campo de estágio onde os alunos dos cursos de graduação, que possuem licenciatura, podem aplicar o conhecimento teórico em sala de aula. Além disso, também contribui para a formação dos discentes de outras graduações, por exemplo, os do curso de Biblioteconomia. As bibliotecas existentes nos colégios de aplicação permitem que os alunos cumpram a realização do estágio curricular, possibilitando a prática da Biblioteconomia Escolar. Deste modo, como pode ser visualizado no quadro 9, somente seis bibliotecas têm na equipe alunos do curso de graduação em Biblioteconomia e sete bibliotecas possuem discentes de outros cursos; ou seja, menos que a metade do número total de

bibliotecas abre as suas portas para servirem como campo de estágio. As outras bibliotecas perdem com o uso da potencialidade dos discentes no auxílio das atividades de mediação da leitura e da informação, além de outros serviços técnicos realizados pelas bibliotecas.

Outro dado relevante, que pode ser verificado no quadro 9, são as bibliotecas que possuem apenas um bibliotecário na equipe e contam com a presença de um pedagogo. A presença desse profissional na biblioteca escolar pode ser relevante para atuar junto com aqueles bibliotecários que não possuem habilidades lúdicas e pedagógicas para desenvolver ações de mediação da leitura e da informação. No entanto, o bibliotecário também pode contar com a parceria de professores de língua portuguesa e outros profissionais para a realização dessas atividades. Desta maneira, seguindo esse entendimento, o quadro 9 apresenta um baixo número de pedagogos na equipe, o que revela um maior quantitativo de bibliotecários, estudantes de biblioteconomia e profissionais de nível médio.

Em relação a essas atividades, a literatura aponta que ações de mediação da leitura e da informação na biblioteca escolar contribuem para a aprendizagem, sendo fundamental a realização das mesmas para as bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES cumprirem o seu papel educativo, social e cultural. Desta forma, essas atividades foram baseadas nas sugestões de Bortolin (2013a), como pode ser visto na subseção de mediação da leitura. Conforme o gráfico 1, foi possível identificar nos questionários as seguintes ações:

Gráfico 1 – Ações de mediação da leitura



Fonte – a autora (2015)

Percebe-se que a contação de histórias, a hora do conto e a roda de leitura são as atividades mais frequentes na mediação da leitura. No entanto, inúmeras outras atividades podem ser implementadas pelas bibliotecas dos colégios de aplicação. Outros fatores relevantes são que cinco bibliotecas mencionaram que as atividades de mediação da leitura não são realizadas pelos bibliotecários, mas pelos professores que utilizam o espaço da biblioteca para fazerem essas ações. Uma biblioteca destacou a presença da professora readaptada na coordenação dessas atividades, na sala de leitura da escola, e a inexistência da parceria entre biblioteca e professores. Esses aspectos podem ser vistos nas opiniões dos respondentes da pesquisa:

“Todas as atividades são realizadas pelos professores que utilizam o espaço da biblioteca. A biblioteca não possui um profissional para contar histórias” (R6).

“Todas as atividades são desenvolvidas pelos próprios professores de Língua Portuguesa. A Biblioteca oportuniza as atividades, contribuindo com o espaço e com os materiais utilizados” (R8).

“Todas as turmas da escola têm um horário de visita à biblioteca, o qual se integra ao currículo escolar. Nessas visitas, há sempre o momento da contação de histórias realizada pelos professores” (R11).

“Professores da polivalência fazem a atividade de contação de histórias aos seus alunos, o papel da Biblioteca até o momento é apenas com a disponibilização dos livros” (R15).

“As atividades de mediação da leitura são feitas por uma professora readaptada na sala de leitura” (R16).

No que concerne à parceria que a biblioteca possui com os professores para realizar as atividades de mediação da leitura, o gráfico abaixo aponta as bibliotecas que contam com essa colaboração:

Gráfico 2 – Parceria com os professores



Fonte – a autora (2015)

Como pode ser visualizado de um total de dezesseis bibliotecas, doze responderam que para realizar as atividades de mediação da leitura contam com a parceria dos professores, seja no planejamento das ações ou no acompanhamento das turmas na biblioteca. Isso pode ser ratificado na opinião de alguns dos respondentes sobre de que forma acontece a parceria:

“Através do projeto espaço criativo realizado na biblioteca. Quando realizamos as atividades, agendamos com os professores para trazerem as turmas” (R14).

“O planejamento das atividades direcionadas para os alunos do 5º e 6º ano são planejadas junto com os professores das referidas turmas” (R10).

“Eu faço o contato e os professores preparam e trazem a turma para Biblioteca, fazemos todas as atividades em parceria” (R17).

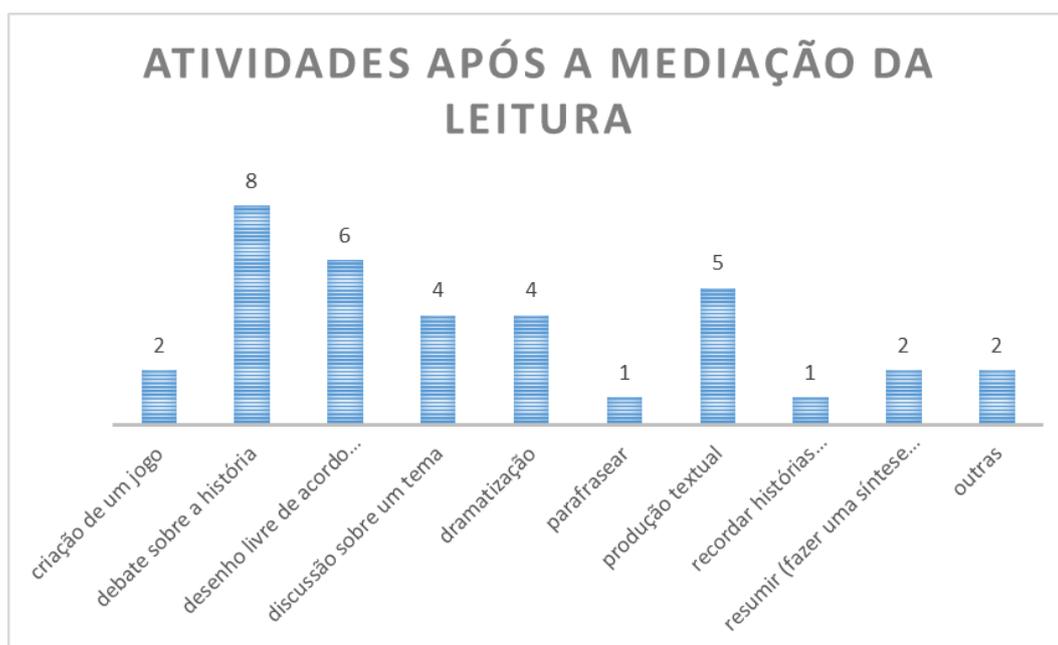
Deste modo, percebe-se que a parceria entre esses profissionais é imprescindível para o desenvolvimento das atividades de mediação da leitura na biblioteca escolar. Isso se deve à integração dessas atividades ao currículo escolar, como também à possibilidade de servir como um complemento do conteúdo programático das disciplinas e, assim, contribuir no processo de aprendizagem dos alunos por meio de atividades que agregam a cultura e possibilitam a interdisciplinaridade. De acordo com essa premissa, Castro Filho (2012) defende a necessidade de a biblioteca estabelecer em conjunto à direção pedagógica projetos educativos, de maneira que o acervo da biblioteca esteja inserido nas ações da escola.

Em relação a essa integração biblioteca e sala de aula, destacam-se as atividades que podem ser realizadas após a mediação da leitura tanto pelo bibliotecário, como também pelo

professor, que pode aproveitar essas ações para complementar a aula, pois funcionam como exercício de fixação, aprendizagem coletiva e assimilação do conhecimento.

Desta forma, foi pedido no questionário que os respondentes assinalassem essas atividades, que segundo Kuhlthau (2004) servem para a criança entender o significado do conto:

Gráfico 3 – Atividades após a mediação da leitura



Fonte – a autora (2015)

Como pode ser visualizado no gráfico acima, oito das dezesseis bibliotecas sinalizaram a realização do debate sobre a história. Sendo assim, essa é uma das atividades após a mediação da leitura mais frequentes nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES, a qual favorece o diálogo e a aprendizagem de maneira coletiva. No que se refere à importância desse tipo de ação, destaca-se uma pesquisa realizada por Chambers (1993 apud COLOMER, 2007) sobre a utilização de práticas de leitura compartilhadas com crianças e adolescentes para verificar o entendimento do livro, por meio de três tipos de participação: “compartilhar entusiasmo, compartilhar a construção do significado e compartilhar conexões que os livros estabelecem entre eles” (CHAMBERS, 1993 apud COLOMER, 2007, p. 107).

Em seguida, o desenho livre de acordo com o conto e a produção textual são as atividades mais frequentes nas bibliotecas dos colégios de aplicação, sendo essenciais para o entendimento da linguagem escrita e para a formação de leitores. De acordo com isso, Colomer (2007, p. 159-160) destaca que:

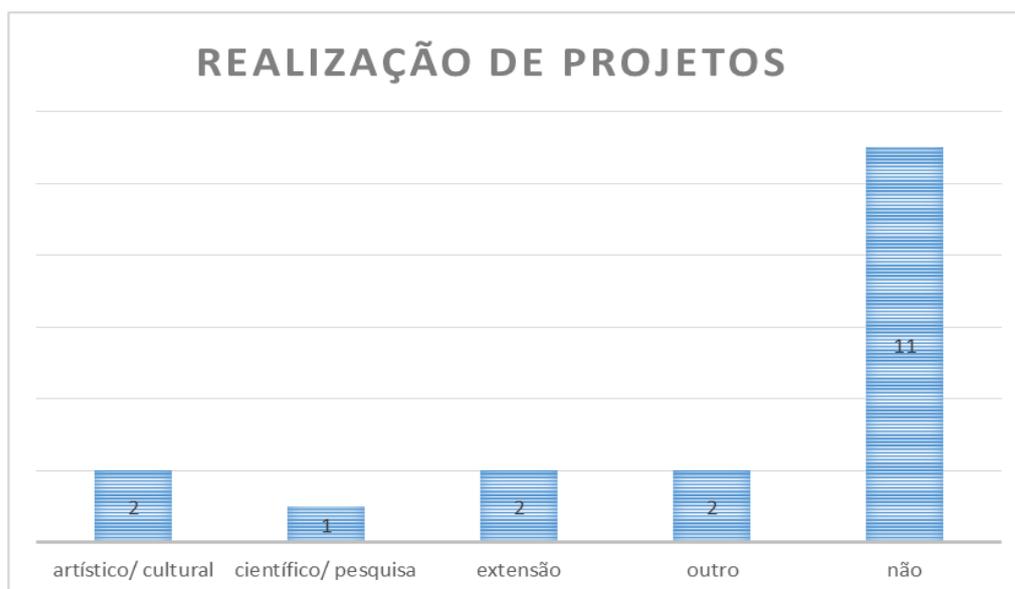
A leitura literária pode expandir o seu lugar na escola através de múltiplas atividades, que permitam sua integração e conferência com outros tipos de aprendizados. Os mais imediatos, é claro, são os aprendizados linguísticos [...]. Além disso, os livros se oferecem como uma ocasião perfeita para falar ou escrever sobre eles, a partir deles ou segundo eles, em uma constante efervescência de atividades que inter-relacionam a leitura, a escrita e a fala [...].

Outro ponto crucial para a concretização das ações de mediação da leitura na biblioteca escolar é a criação de projetos que viabilizam recursos humanos e financeiros para a realização de diversas ações culturais. Por exemplo, conforme supracitado por um dos respondentes, a contação de histórias é realizada pelos professores, pois a biblioteca não possui um profissional capacitado para fazer tal atividade. Neste caso, um projeto pode propiciar recursos para a biblioteca contratar profissionais e grupos especializados em contação de histórias. Mas, o bibliotecário, sendo um importante mediador da leitura, também é capaz de realizar essa atividade buscando a autoaprendizagem por meio de vídeos, livros e demais materiais que orientam como contar histórias de maneira singela, criativa e lúdica. Como já descrito, para Bortolin e Almeida Júnior (2014), a prática de contar histórias não precisa de dom ou aptidão, mas de disposição para a integração e interação de um texto e ouvintes. Sobre a necessidade de o bibliotecário utilizar a voz para mediar a leitura, também é possível afirmar que:

Na biblioteca, o bibliotecário se utiliza constantemente do suporte vocal para transmitir informações; atender e realizar atividades nas diferentes divisões, em especial na Referência; capacitar inúmeros sujeitos no uso das bases de dados; orientar pesquisas; realizar eventos educativos, culturais, literários, artísticos etc. (BORTOLIN; ALMEIDA JUNIOR, 2015, p. 84).

Conforme o gráfico 4, a seguir, das dezesseis bibliotecas dos colégios de aplicação onze não desenvolvem projetos:

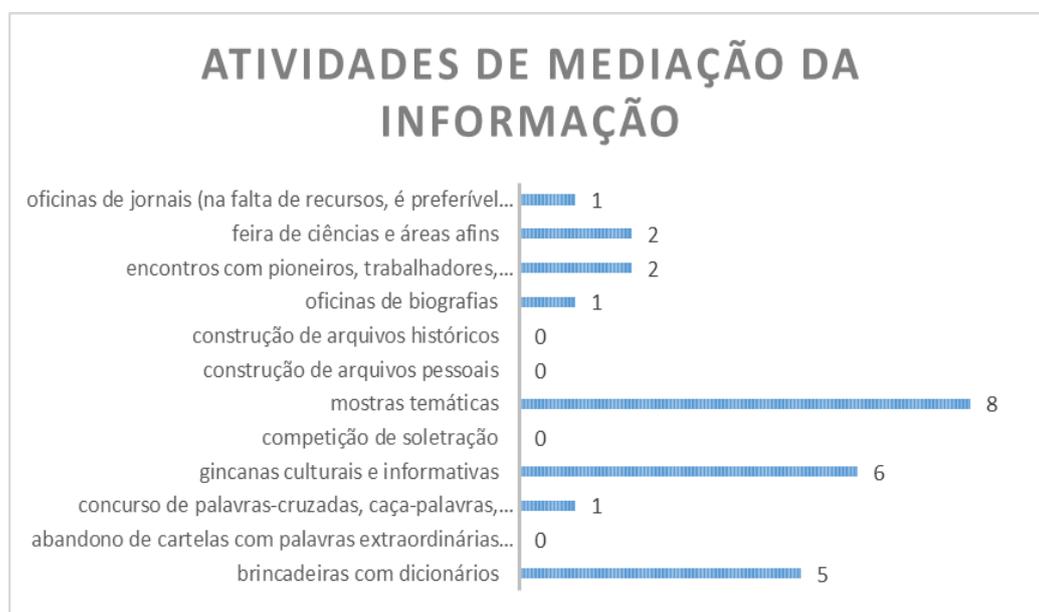
Gráfico 4 – Realização de projetos



Fonte – a autora (2015)

Outro aspecto verificado no questionário foi a realização de ações de mediação da informação pelas bibliotecas dos colégios de aplicação. Seguindo a proposta de Almeida Junior e Bortolin (2009), o questionário tomou como base as doze atividades de mediação da informação que são sugeridas pelos autores:

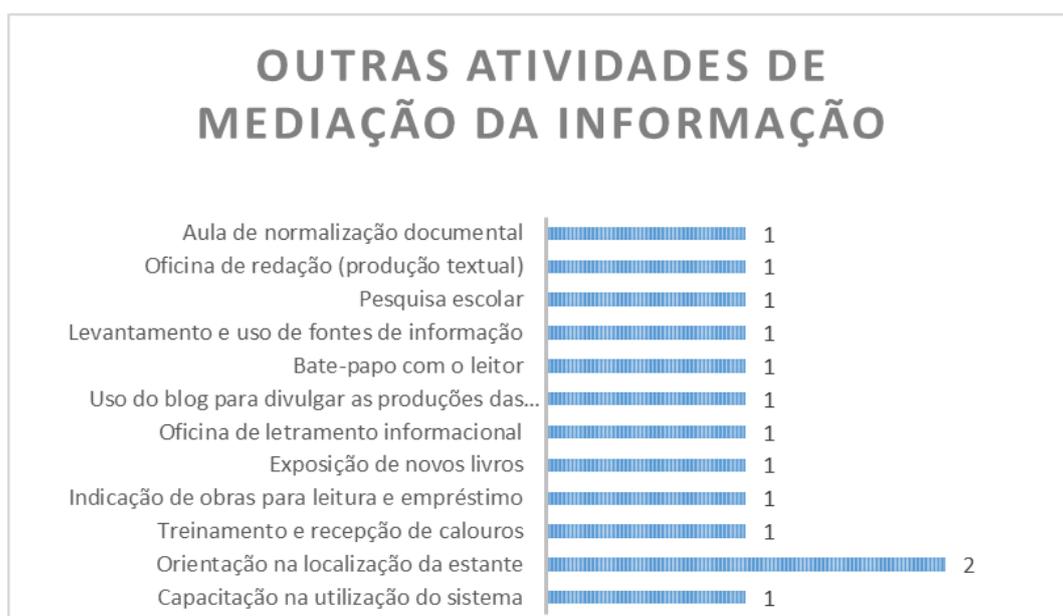
Gráfico 5 – Atividades de mediação da informação



Fonte – a autora (2015)

Como pode ser visto no gráfico anterior, de um universo de dezesseis bibliotecas dos colégios de aplicação, as ações de mediação da informação mais frequentes são as mostras temáticas, as gincanas culturais e informativas e brincadeiras com dicionários. Assim sendo, percebe-se que há um baixo número de atividades que contemplam a mediação da informação. No questionário também foi perguntado, se os bibliotecários realizam outras ações de mediação da informação além das citadas acima. Deste modo, foi possível montar o gráfico a seguir apresentando as outras ações que os bibliotecários consideram como mediação da informação:

Gráfico 6 – Outras atividades de mediação da informação



Fonte – a autora (2015)

Verifica-se que dentre as diversas atividades de mediação da informação, a pesquisa escolar é citada apenas uma vez. No entanto, Almeida Junior e Bortolin (2009) destacam que é indispensável à mediação da informação por meio da pesquisa escolar para a formação dos alunos que irão para uma universidade. Constata-se também, a frequência mínima das ações que acompanham essa prática educativa na biblioteca e são de fundamental importância para orientar os usuários no que tange à busca, avaliação e uso da informação de maneira autônoma e competente, são elas: aula de normalização documental, oficina de redação, levantamento e uso de fontes de informação, oficina de letramento informacional, orientação na localização de livros na estante e capacitação na utilização do sistema. No que diz respeito à pesquisa escolar, Campello (2009, p. 20) afirma:

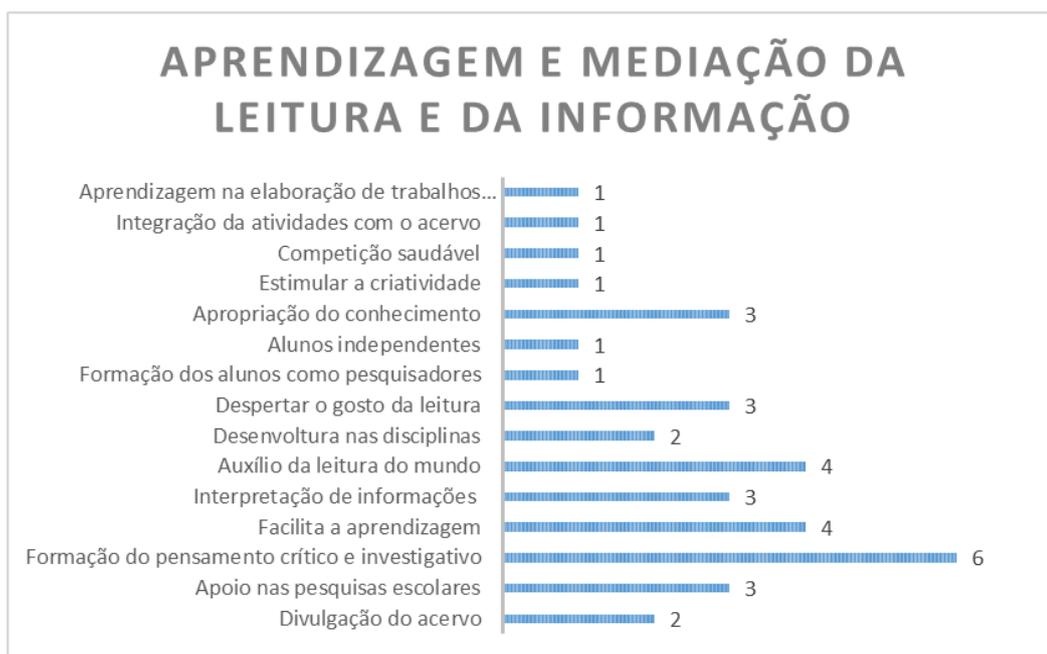
A pesquisa escolar é uma estratégia didática que diz respeito ao bibliotecário, por constituir atividade em que o aluno se envolve, ou deveria envolver-se efetivamente com a busca e uso da informação, ocorrendo em grande parte no ambiente da biblioteca.

No que concerne ao envolvimento dos alunos na busca e uso da informação na biblioteca escolar, Campello (2009) defende que o trabalho de referência e de educação dos usuários possibilita o acesso à informação por meio da mediação do bibliotecário, que pode limitar-se apenas na identificação e localização da informação ou indo além por meio do processo de interpretação da informação, contribuindo na aprendizagem dos alunos.

Neste sentido, conforme os dados obtidos nos gráficos 5 e 6, as bibliotecas dos colégios de aplicação precisam se envolver e desenvolver práticas de mediação da informação, visando à formação de discentes que deverão ser capazes de dominar tais competências informacionais no contexto acadêmico e ao longo de suas vidas. De acordo com Almeida Junior e Bortolin (2009), a mediação permite causar no mediando alterações na sua forma de pensar, comunicar e interagir socialmente. Também, para Neves (2011), os processos de mediação da informação possibilitam aos sujeitos que interagem com a informação a construção do conhecimento.

Para atender a um dos objetivos dessa pesquisa, foi realizada uma pergunta aberta no questionário para conhecer o entendimento dos bibliotecários sobre a importância das atividades de mediação da leitura e da informação para o processo de aprendizagem dos alunos. É importante ressaltar que de 16 respondentes, dois deixaram essa pergunta em branco. Vale destacar o uso da técnica de associação de palavras, que segundo Valentin (2005), na análise de conteúdo, possibilita reunir palavras sinônimas e com aproximação semântica obtendo uma classificação. Neste caso, o gráfico 7, mostra uma lista de assuntos que foram associados e quantificados, a seguir:

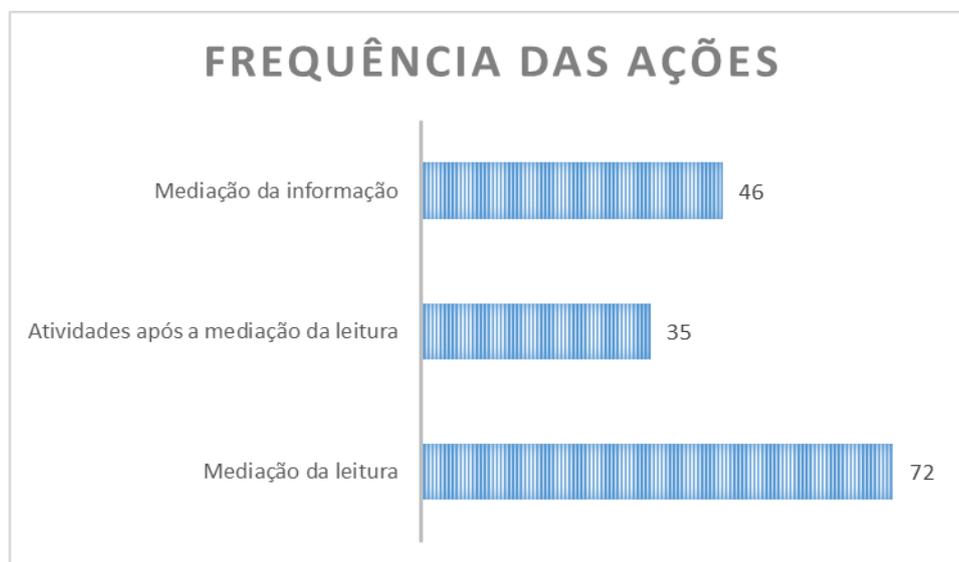
Gráfico 7 – Contribuição da mediação da leitura e da informação na aprendizagem



Fonte – a autora (2015)

Em relação ao entendimento dos bibliotecários sobre a contribuição das atividades da mediação da leitura e da informação para a aprendizagem dos alunos, é possível compreender que apesar de alguns bibliotecários terem uma compreensão teórica, na prática poderiam desenvolver mais atividades de mediação da informação. Como pode ser visto no gráfico 8, que apresenta o total das atividades visualizadas nos gráficos (1,3,5,6):

Gráfico 8 – Frequência das ações de mediação



Fonte – a autora (2015)

Sobre isso, constata-se que o bibliotecário precisa se envolver com as atividades de mediação da informação. É claro que fatores como quantidade de profissionais que trabalham nas bibliotecas, parceria com professores, participação de bolsistas e estagiários nas atividades das bibliotecas, criação de projetos, dentre outros, impossibilitam que essas atividades sejam realizadas de maneira efetiva. Conforme o gráfico acima, se percebe que a mediação da leitura e as atividades realizadas após essa mediação possuem uma frequência maior. Deste modo, segundo as respostas dos respondentes, a participação dos professores em conjunto com os bibliotecários implica na realização dessas atividades com maior frequência nas bibliotecas. De acordo com esses aspectos abordados, Campello (2009, p. 11) expõe:

Tradicionalmente, o principal papel educativo do bibliotecário na escola referia-se à promoção da leitura. A ampliação desse papel ocorre com a demanda por um uso mais eficiente dos recursos informacionais na aprendizagem, especialmente quando esta se baseia em teorias construtivistas e quando a escola valoriza a pesquisa como princípio educativo. Assim, aumenta a necessidade de preparar os estudantes para lidar com o aparato informacional vasto e diverso hoje disponível, de forma que se tornem aprendizes autônomos e críticos.

No tocante ao papel educativo do bibliotecário na escola, por meio das ações que são desenvolvidas pela biblioteca, destaca-se a inserção da biblioteca no projeto político pedagógico da escola. Esse tipo de integração demonstra a valorização desse espaço na cultura escolar, e também favorece o desenvolvimento das ações de mediação da leitura e da informação na biblioteca. Desta forma, a pesquisa procurou saber entre os respondentes quais são as bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES que possuem essa inserção e de que maneira, conforme mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 9 – Inserção das bibliotecas no projeto político pedagógico



Fonte – a autora (2015)

Como pode ser visto, de dezesseis bibliotecas somente quatro responderam que as ações estão integradas ao projeto político pedagógico da escola. Isso pode ser ratificado nas seguintes respostas:

“Ocorre através do aceite e do suporte da direção do colégio, corpo docente e das proreitorias nos eventos que fazem parte do planejamento curricular e do calendário escolar” (R4).

“Todas as atividades que acontecem na biblioteca estão dentro do projeto pedagógico da escola. Professores comprometidos fazem parceria com a biblioteca” (R6).

“Através de agenda da biblioteca, 1 dia para cada turma do ensino fundamental 1ª fase, visitas à biblioteca, já incluso no calendário escolar” (R9).

“Essas atividades são todas relacionadas aos conteúdos curriculares, sempre ampliando e reforçando o mesmo” (R17).

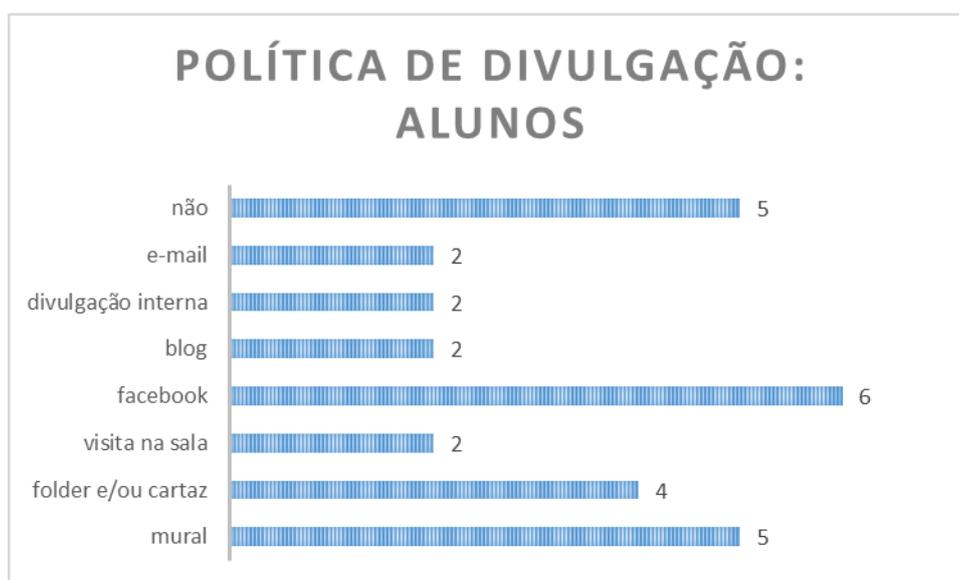
Desta forma, como pode ser percebido nas respostas acima, a integração da biblioteca no projeto político pedagógico se dá por meio da articulação com a direção do colégio, a equipe pedagógica, a relação direta com os professores, o planejamento das atividades relacionadas ao conteúdo curricular e a inclusão das mesmas no calendário escolar. Desta maneira, diversas possibilidades implementam essa integração; no entanto não foi possível saber se de fato existe um documento formalizado que descreve essa inserção. Mas, por outro lado, o que adianta ter um documento que formalize essa inserção da biblioteca no projeto político pedagógico se na prática isso não acontece? No entanto, em muitas escolas é

essencial a presença da biblioteca no projeto político pedagógico para reforçar a valorização desse espaço na cultura escolar. Mediante essas perspectivas, é importante que aconteça uma aproximação entre bibliotecário e toda a equipe pedagógica, ou melhor, a biblioteca precisa ser vista como um espaço que agrega toda a comunidade escolar. De acordo com isso, Pérez-Buendía (2015, p. 17-18) explica que:

A biblioteca escolar pode ser o recurso-espaço-território privilegiado para articular os acontecimentos pedagógicos através do uso da linguagem, só é preciso considerá-la em um projeto político-pedagógico dentro da escola e no imaginário dos professores, e de toda a comunidade, como uma possibilidade real de liberdade e diálogo.

Para a realização dessa articulação, depende do bibliotecário agir com entusiasmo, cumplicidade e afeto para que as ações no plano do imaginário sejam concretizadas como uma sinfonia harmoniosa, onde todos os componentes da comunidade escolar possam interagir de maneira efetiva. Neste caso, foi importante saber se existe nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES uma política de divulgação dos serviços e produtos da biblioteca para os alunos e responsáveis, incluindo toda a comunidade acadêmica. Isto pode ser visto nos gráficos que se seguem:

Gráfico 10 – Política de divulgação para os alunos



Fonte – a autora (2015)

Gráfico 11 – Política de divulgação para os responsáveis

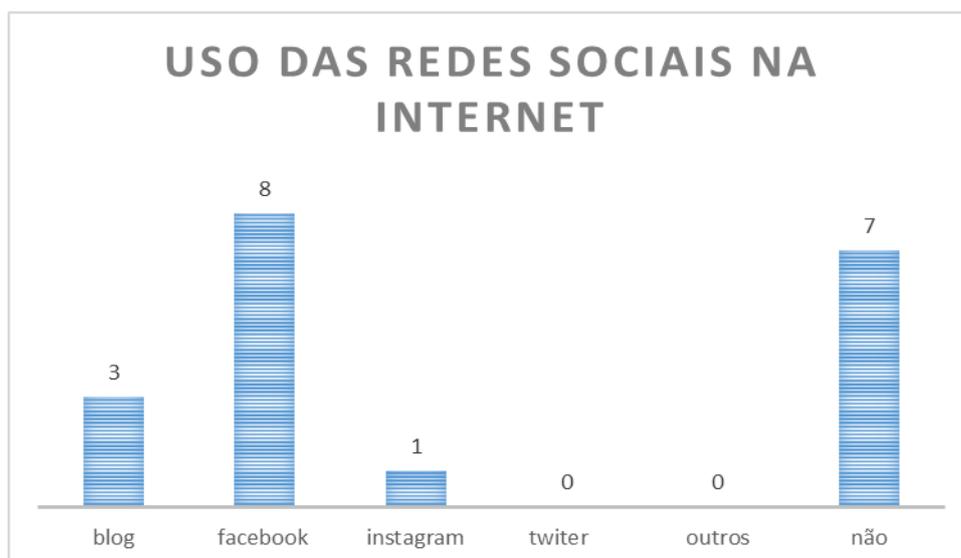


Fonte – a autora (2015)

Como pode ser visto nos gráficos acima, cinco bibliotecas responderam que não possuem uma política de divulgação para os alunos. Dentre as formas mais utilizadas para realizar a comunicação com os discentes, destaca-se o *facebook* como um espaço de interação entre biblioteca e alunos, o que pode também inserir toda a comunidade escolar. Em relação à política de divulgação para os responsáveis, oito bibliotecas responderam que não possuem; neste caso a agenda obteve um número maior de uso, sendo que as mídias sociais também apareceram no resultado.

No que se refere ao uso das mídias sociais pelas bibliotecas dos colégios de aplicação, buscou-se identificar qual é a rede social na internet mais frequente entre as bibliotecas que responderam ao questionário. Neste caso, o gráfico 12 apresenta os resultados, que se segue:

Gráfico 12 – Uso das redes sociais na internet



Fonte – a autora (2015)

Como pode ser visualizado, oito respondentes apontaram a participação no *facebook* e sete responderam que não participam de nenhuma rede social na internet. De fato, é um número baixo, levando em consideração o potencial das mídias sociais para troca de informações relevantes para a comunidade escolar. Neste sentido, para Arantes (2015, p. 186) “a *web 2.0* tem que fazer parte do cotidiano das bibliotecas. Não é possível, tão pouco não é recomendado, ficar à margem das inovações tecnológicas”.

No que concerne à utilização de alguma plataforma de rede social na internet para comunicação com outras bibliotecas (municipal, estadual, federal), de dezesseis respondentes apenas três sinalizaram o *facebook* e o *e-mail*, como pode ser visto no gráfico a seguir:

Gráfico 13 – Contato com outras bibliotecas



Fonte – a autora (2015)

Em relação a isso, a pergunta do questionário buscou verificar se havia algum tipo de comunicação existente entre as bibliotecas dos colégios de aplicação. A pesquisa apontou que não há qualquer tipo de comunicação. Uma das respondentes expôs sua opinião sobre essa falta de comunicação entre os profissionais que atuam nos colégios de aplicação das IFES, conforme segue abaixo:

“Sinceramente, acho um ponto fraco esse contato entre os profissionais das bibliotecas. Sabemos das reuniões que acontecem entre as direções, ou outros, porém essa comunicação ou troca de experiência, não acontece. Agora estou sempre acompanhando as informações do CAp/UFRJ, pelo face [facebook]. Muito interessante e sempre compartilho no meu face [facebook]. Porém, esse contato se dá apenas quando temos dúvidas, ou queremos conhecer a biblioteca de outro colégio. Falta mais comunicação e talvez um grupo de discussão e troca de experiência, poderia ser até pelo *facebook*” (R6).

Segundo essa perspectiva, cabe ressaltar a importância de criar uma comunidade de prática *online* para esses profissionais trocarem informações concernentes a sua prática profissional. Para tanto, verificou-se a necessidade de realizar entrevistas com cinco bibliotecários e, assim, a partir da técnica de análise de conteúdo, obter um aporte de ideias e sugestões para incluir na proposta de criação de uma comunidade de prática *online* para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES.

No que concerne às entrevistas, quatro profissionais bibliotecários realizaram as mesmas por meio do *messenger* e um pelo aplicativo do celular, *whatsapp*. Essas ferramentas

possibilitaram respostas instantâneas e facilidade para fazer a análise de conteúdo temática/categorial do material registrado. De acordo com Russo (2012), para fazer a análise foram adotadas as seguintes etapas: leitura do material, exploração do material coletado e interpretação dos resultados. Desta forma, para cada entrevista foi criada uma tabela que separou os dados segundo o método proposto por Bardin (c1977): categoria, unidade de registro e unidade de contexto (trechos das entrevistas).

A primeira pergunta da entrevista buscou conhecer de que maneira e com que finalidade os bibliotecários utilizam a internet. Além de saber qual é a rede social na internet que é utilizada pelos bibliotecários e o que compartilham. Conforme o quadro a seguir:

Quadro 10 – De que maneira usam a internet e com qual finalidade

Categorias	R1³	R2	R10	R15	R17
Uso de interesse pessoal e no trabalho	X	X	X	X	
Celular e Computador				X	
Pesquisas acadêmicas e outras informações	X	X	X		X
Troca de mensagens / comunicação	X		X		
Compartilha informações sobre eventos					X
Compartilha notícias relativas à profissão	X	X	X	X	
Compartilha novas publicações/livros		X			X
Rede social (<i>facebook</i>)	X	X	X	X	X
Aplicativo (<i>instagram</i>)	X				
Aplicativo (<i>whatsapp</i>)			X	X	

Fonte – a autora (2015)

Como pode ser visualizado, quatro entrevistados delimitaram o uso pessoal e no trabalho, assim como o compartilhamento de notícias relativas à profissão. O uso da internet para a realização de pesquisas também merece destaque no resultado. Outro dado importante é que tanto no questionário, como também na entrevista o *facebook* é a rede social mais citada pelos bibliotecários para comunicação e compartilhamento de informações.

³ A autora desta pesquisa optou por utilizar a mesma codificação dos questionários nas entrevistas.

Quadro 11 – Uso das mídias sociais para troca de informações e como fonte de informações para a profissão

Categorias	R1	R2	R10	R15	R17
Ótima forma de comunicação/útil	X	X	X	X	X
Espaço para acesso à informação diversificada					X
Facilidade para disseminar a informação	X			X	
Cuidado no uso. Saber filtrar/avaliar a informação	X		X	X	X
<i>Facebook</i> e a dificuldade de acesso à informação efetiva		X			
Interação com os usuários da biblioteca	X				
Perfil do Conselho Regional / Federal de Biblioteconomia	X			X	
Perfil de outras bibliotecas e de informações diversas para bibliotecários	X			X	
Sites de universidades				X	X
Sites relativos à profissão	X	X		X	X
Blog	X	X			

Fonte – a autora (2015)

Em relação ao quadro 11, a pergunta teve o intuito de identificar a opinião dos entrevistados sobre o uso das mídias sociais e se os mesmos fazem uso para troca de informações, além de conhecer a experiência de cada um sobre o uso das mídias sociais como fontes de informação para atividades relacionadas à profissão.

Como pode ser observado, todos os entrevistados apontaram as mídias sociais como uma fonte de comunicação útil. No entanto, quatro alertaram sobre o cuidado que deve ter ao usar a informação, ou seja, verificar se a fonte é confiável, filtrar o conteúdo e avaliar a informação. Um dos entrevistados destacou a dificuldade de buscar informações no *facebook*, por outro lado, dois ressaltaram a facilidade para disseminar a informação nas mídias sociais. Deste modo, sinalizaram o perfil de instituições no *facebook*, *sites* e *blog* que usam como fontes de informação para busca de informações relacionadas à profissão bibliotecária. Outros aspectos foram pontuados sobre o uso das mídias sociais: espaço para acesso à informação diversificada, oportunidade de interagir com os usuários da biblioteca.

Quadro 12 – Opinião sobre a criação de um espaço colaborativo na internet para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES

Categorias	R1	R2	R10	R15	R17
Troca de ideias e experiências	X	X	X		
Disseminação das práticas aplicadas em todas as bibliotecas				X	X
Enriquecimento do fazer na biblioteca	X				
Compartilhar angústias			X		
Discussão sobre condições de trabalho e estrutura das bibliotecas			X		
Particularidades sobre as bibliotecas escolares em ambientes universitários		X			

Fonte – a autora (2015)

Para propor a criação de uma comunidade de prática *online*, foi importante saber a posição dos bibliotecários sobre a criação desse espaço colaborativo na internet para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação. Desta maneira, todos os entrevistados opinaram positivamente a criação desse espaço. Alguns destacaram a importância da troca de ideias e experiências em consonância à oportunidade da disseminação das práticas que estão sendo desenvolvidas em cada biblioteca. De acordo com isso, Silva e outros (2012) ressaltam que parte da aprendizagem dos profissionais é efetivada de maneira informal, por meio do compartilhamento de experiências, conhecimentos e solução de problemas entre o grupo de uma comunidade de prática *online*.

Deste modo, é possível observar na opinião dos entrevistados os resultados que a comunicação e a troca de informação oferecerão para o “fazer profissional”: enriquecimento, ou seja, a melhoria na qualidade dos produtos e serviços prestados; compartilhamento de angústias e discussão sobre as condições de trabalho evidencia que o perfil em comum do grupo possibilitará ajuda mútua para as dificuldades existentes na prática implementada. Essa característica em comum do grupo é ressaltada na seguinte resposta:

“As bibliotecas dos colégios de aplicação são bibliotecas escolares em um ambiente universitário e apresentam particularidades... a troca de experiência é sempre útil” (R2).

Quadro 13 - Saberes em torno da mediação da leitura e da informação em uma comunidade de prática *online*

Categorias	R1	R2	R10	R15	R17
Atividades de promoção e mediação da leitura	X				X
Projetos e práticas desenvolvidos nas bibliotecas				X	X
Uso das redes sociais para incentivar o hábito da leitura			X		
Atividade de contação de histórias		X			
Classificação dos livros infantis		X			

Fonte – a autora (2015)

A pergunta da entrevista teve a intenção de identificar o que os bibliotecários desejam saber sobre as ações de mediação da leitura e da informação para configurar na comunidade de prática. Um dos entrevistados ficou em dúvida sobre o conceito de comunidades de prática *online* e perguntou se seria uma rede de colégios de aplicação ou engloba a participação de qualquer biblioteca escolar.

Após a pergunta, foi detalhado para todos os entrevistados a definição de comunidades de prática, com a seguinte explicação: a proposta é a criação de uma comunidade de prática *online*, isto é, um grupo de pessoas que trocam informações sobre um determinado assunto relacionado com a sua prática profissional. Visto a importância das ações de mediação da leitura e da informação nas bibliotecas escolares, foi percebido que esses assuntos são essenciais para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES.

Foi possível identificar nas respostas o interesse dos entrevistados pela troca de experiências sobre atividades de promoção e mediação da leitura. Outro aspecto observado foi a possibilidade de compartilhar os projetos e as práticas que são desenvolvidas nas diversas bibliotecas dos colégios de aplicação, de maneira que todos possam tomar conhecimento de novas ideias, até porque o resultado encontrado na pesquisa realizada por meio dos questionários, apresentou pouca diversidade de atividades de mediação da leitura. O interesse dos entrevistados pode ser ratificado nas seguintes opiniões:

“[...] penso que toda atividade desenvolvida com a intenção de promover a leitura e que apresente bons resultados pode ser compartilhada” (R1).

“Os projetos desenvolvidos nas bibliotecas [de outras unidades dos colégios de aplicação] com as técnicas, com descrições bem claras, [servem] como meio de facilitar o entendimento por parte dos profissionais que quiserem trazer o projeto para a sua unidade de informação” (R15).

Quadro 14 – Propósito de compartilhar experiências em uma comunidade de prática *online*

Categorias	R1	R2	R10	R15	R17
Compartilhar arquivo, foto e as etapas das atividades	X	X			
Compartilhamento de dificuldades e sucesso	X				
Orientação aos colegas interessados na prática	X				
Trocar informações e compartilhar o conhecimento com todos os colegas	X		X		X
Avaliação baseada em experiências			X		
Conhecer os outros profissionais que atuam nas bibliotecas dos outros colégios		X			
Incentivar os outros profissionais a realizarem atividades				X	

Fonte – a autora (2015)

Nesse quadro, foi analisado o interesse dos bibliotecários em participar de uma comunidade de prática *online*, como também a motivação que cada um tem para compartilhar a sua experiência profissional e como isso poderia ser feito. Desta maneira, percebe-se que os entrevistados ficaram motivados em participar e interagir nesse espaço.

A possibilidade de trocar informações e compartilhar o conhecimento com todos os colegas foi apontada por três entrevistados. Isso pode ser ratificado na seguinte resposta que ressalta a oportunidade de atualização profissional:

“Com o propósito de compartilhar conhecimento com quem não tem e até melhorar quem têm” (R17).

De acordo com essas perspectivas, os outros dois entrevistados destacaram a oportunidade de conhecer os outros profissionais que atuam nas bibliotecas dos outros colégios, de modo a incentivá-los no desenvolvimento de atividades. Destaca-se um dos

entrevistados que relatou com mais detalhes o propósito da sua participação em uma comunidade de prática *online*: compartilhar arquivo, foto e as etapas das atividades; compartilhamento de dificuldades e sucesso; orientação aos colegas interessados na prática.

Um outro aspecto abordado por um dos entrevistados foi a avaliação baseada em experiências, ou seja, o profissional avalia o seu trabalho tomando como base o resultado das experiências desenvolvidas pelos outros. Deste modo, segundo Santos (2012) uma comunidade de prática permite para um grupo de bibliotecários o aprofundamento e renovação do conhecimento e aprendizagem.

Quadro 15 – Ferramentas de comunicação e publicação de conteúdos que a comunidade de prática poderá oferecer

Categorias	R1	R2	R10	R15	R17
Blog	X			X	
Contato dos colegas	X				
Formulário de atividades	X				
Troca de arquivos			X		
Lista de e-mail		X			

Fonte – a autora (2015)

Em relação a esse quadro, foi possível verificar quais as ferramentas que uma comunidade de prática *online* poderá oferecer para o grupo. Constatou-se na entrevista que os bibliotecários possuíam um entendimento superficial sobre o enunciado da pergunta. Um dos entrevistados (R17) preferiu não responder e sugeriu que o Conselho Regional de Biblioteconomia, da 7ª região, poderia auxiliar nessa questão. Como pode ser observado, o blog foi citado duas vezes sendo um recurso de fácil utilização para publicar conteúdos, os outros apontados apresentam ferramentas básicas para a interação e comunicação.

Quadro 16 – Redes sociais na internet que a comunidade de prática poderia ser inicialmente implementada

Categorias	R1	R2	R10	R15	R17
Facebook	X		X	X	X
Blog				X	
Grupo no e-mail		X		X	

Fonte – a autora (2015)

Como pode ser visto nesse quadro, buscou-se conhecer a melhor rede social na internet para incluir na proposta de criação de uma comunidade de prática *online* para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES.

Assim sendo, o *facebook* mais uma vez tem destaque na pesquisa. A criação de um grupo por *e-mail* também não pode ser descartada pela facilidade de acesso, comunicação e compartilhamento de mensagens.

Quadro 17 – Participação em uma comunidade de prática e a contribuição com ações positivas para a biblioteca onde trabalha

Categorias	R1	R2	R10	R15	R17
Diversificação de atividades baseadas em práticas bem sucedidas	X				
Aproximação dos técnicos com docentes	X				
Experiências compartilhadas			X		X
Trabalhos bem desempenhados			X		
Colocar em prática as boas ideias aprendidas				X	X

Fonte – a autora (2015)

No que concerne à pergunta que buscou identificar a posição dos bibliotecários sobre a aprendizagem que pode ser adquirida e assim aplicada na biblioteca onde trabalham, foi possível verificar a compreensão desses profissionais em relação à produção de bons resultados e ao sucesso que o compartilhamento de experiências pode oferecer ao colocar em prática o conhecimento adquirido. Um dos entrevistados (R2) preferiu se abster, pois para o mesmo deveria ter algum tipo de experiência em uma comunidade de prática.

Destaca-se o relato de um dos entrevistados sobre a contribuição da sua participação em uma comunidade de prática *online* para a biblioteca onde trabalha:

“A possibilidade de diversificar as atividades do setor baseada em práticas de sucesso em outras bibliotecas. Vi que vocês fazem bastante hora do conto, nós precisamos de dicas, ninguém curte muito. Eu gosto, mas não fiz curso e [assim como nenhum] dos colegas. Eu digo: as crianças adoram. Então, podíamos ter na comunidade subgrupos, por interesses. A participação [dos bibliotecários] nos eventos do colégio e nos do calendário, também é

importante, [visto que isso] aproxima os técnicos dos docentes e a gente sai da ‘toca’ como eu digo. Pode contar comigo para a comunidade, vai ser um sucesso” (R1).

Essa resposta demonstra a dificuldade de muitos profissionais que atuam em bibliotecas escolares na realização das atividades de mediação da leitura. Paralelamente, ressalta o ponto de vista do entrevistado em relação à integração da biblioteca com a escola, isso também é uma preocupação existente na realidade de muitos profissionais, pois para as bibliotecas realizarem ações educativas de maneira ativa e dinâmica, precisam do apoio e da parceria dos professores e da equipe pedagógica.

Então, percebe-se a importância de realizar uma proposta que irá definir diretrizes e recomendações na criação de uma comunidade de prática *online* para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação.

7 PROJETO PARA CRIAÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA *ONLINE*

Esta seção apresenta o projeto e suas respectivas etapas estruturadas. O documento será encaminhado para os colégios de aplicação das IFES e faz parte desta dissertação. Ressalta-se que o debate apresentado no marco teórico dessa dissertação foi aproveitado para a fundamentação teórica do projeto.

7.1 INTRODUÇÃO

Para que se possa propor a criação de uma comunidade de prática *online* para as bibliotecas dos colégios de aplicação das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) é necessário produzir um projeto para viabilizar esse empreendimento.

Para atender à proposta, foi realizada uma busca na base de dados Minerva da UFRJ onde foi possível encontrar informações concernentes à estruturação e características de um projeto. Simultaneamente, foi feita uma pesquisa no Repositório de teses, dissertações, *papers* e *e-books* da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Por meio dessa busca, foi possível recuperar uma dissertação do mestrado profissional em bens culturais e projetos sociais do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais da FGV. A dissertação apresenta um projeto para a produção de um guia informativo dos cursos e oficinas artísticas e culturais da Lapa – Rio de Janeiro (SOUZA, 2012). Então, tomando como base a estrutura dessa dissertação, verifica-se a semelhança da mesma para propor a criação de uma comunidade de prática *online*.

No que se refere ao termo projeto, para Thiry-Cherques (2008), este possui vários significados, qual seja, é utilizado como sinônimo de intenção, vontade, disposição, dentre outros. Mas também, para o autor projeto é definido como “uma organização transitória que compreende uma seqüência de atividades dirigidas à geração de um produto singular em um tempo dado” (THIRY-CHERQUES, 2008, p. 15).

Conforme esse entendimento, a proposta desse projeto é a criação de um produto, ou seja, uma comunidade de prática *online* para os bibliotecários e demais profissionais, que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES, trocarem experiências e informações de maneira participativa e colaborativa sobre a mediação da leitura e da informação. A criação deste projeto é uma oportunidade de estreitar o relacionamento entre os profissionais e agregar valor às atividades de mediação da leitura e da informação na biblioteca escolar.

7.2 JUSTIFICATIVA

A proposta deste projeto tem como fundamento a relevância das ações de mediação da leitura e da informação na biblioteca escolar. Esses assuntos são os pilares na criação de uma comunidade de prática *online* para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES.

A importância desses colégios para a sociedade pode ser comprovada devido ao seu marco histórico, pois foram criados através do Decreto-Lei Federal n. 9.053, em 12 de março de 1946, que estabeleceu a obrigatoriedade de todas as Faculdades de Filosofia manter ginásios de aplicação, destinados à prática docente dos alunos dos cursos de Didática. Neste sentido, os colégios de aplicação têm um importante papel na comunidade acadêmica e na sociedade, pois possuem o comprometimento de formar cidadãos críticos, por meio de uma prática pedagógica autônoma e da livre experimentação de metodologias e estratégias de ensino, sendo um espaço referencial para a formação dos discentes dos cursos de graduação com licenciatura.

No que se referem a esses fatores, as bibliotecas dessas instituições devem estar integradas na cultura escolar que segundo Silva (2006, p. 204) é um “conjunto de práticas, normas, idéias e procedimentos que se expressam em modos de fazer e pensar o cotidiano da escola”.

Para complementar essa ideia da inserção das bibliotecas na vida escolar, Castro Filho (2012, p. 33) ratifica: “é necessário que a biblioteca estabeleça com a direção pedagógica, projetos educativos relacionados com os materiais existentes na biblioteca e, sobretudo, um projeto político de valorização desse espaço escolar”.

Deste modo, é essencial a integração da biblioteca no projeto político pedagógico da escola, tanto para a sua valorização, como também para contribuir no processo educativo por meio de ações que contemplam o currículo escolar. Para uma melhor compreensão sobre o uso desse documento na escola, destaca-se o entendimento de Gadotti (2001, p. 34):

O projeto político pedagógico não nega o instituído da escola que é a sua história, que é o conjunto dos seus currículos, dos seus métodos, o conjunto dos seus atores internos e externos e o seu modo de vida. Um projeto sempre confronta esse instituído com o instituinte. Não se constrói um projeto sem uma direção política, um norte, um rumo. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é também político. O projeto pedagógico da escola é, por isso mesmo, sempre um processo inconcluso, uma etapa em direção a uma finalidade que permanece como horizonte da escola.

De acordo com isso, é indispensável à inserção da biblioteca nas ações da comunidade escolar, de modo a oferecer diversos recursos culturais, pedagógicos e informacionais para o processo de aprendizagem dos alunos. Assim, toda a comunidade escolar deve estar ciente do potencial que esse espaço proporciona para o desenvolvimento do conhecimento humano.

Considerando a importância do debate sobre mediação da leitura e da informação entre os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES, destaca-se o conceito de comunidade de prática que é definido por McDermott (1999 apud MOURA, 2009, p. 4):

[...] agrupamentos de pessoas que compartilham e aprendem uns com os outros por contato físico ou virtual, com um objetivo de resolver problemas, trocar experiências, desvelamentos, a construção de modelos padrões, técnicas ou metodologias, tudo isso com previsão de considerar as melhores práticas.

Neste contexto, a internet se destaca como um espaço que favorece a comunicação, a interação, a disseminação e o compartilhamento de informações entre os bibliotecários e demais profissionais que atuam nesse tipo de biblioteca.

7.3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A prática da leitura é essencial para o processo de aprendizagem e a biblioteca escolar tem uma relevante função em desenvolver nos alunos o hábito de ler visando a formação de alunos leitores críticos. Em relação a esse aspecto, Castro Filho (2012, p. 27) defende a importância da leitura por meio de ações mediadoras, pois conforme o autor:

A leitura exige mediações e adesões, pois é por intermédio dela que a sociedade reproduz conhecimento e informação, e mais, com ela, os leitores podem duvidar do que parece evidente, podem investigar outras possibilidades de compreensão do mundo, podem atribuir sentidos diferentes a partir de suas vivências.

Os bibliotecários que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação possuem a responsabilidade de realizar ações que favoreçam a mediação da leitura e da informação, pois conforme Almeida Júnior e Bortolin (2009, p. 211) “devemos assumir a mediação de uma maneira mais reflexiva, de forma a promover no mediando alterações na cognição, na afetividade, na forma de comunicação e na interação social”. Neste caso, entende-se que o mediando são os alunos envolvidos nas atividades de mediação realizadas pelos bibliotecários e professores.

Desta maneira, a compreensão de mediar a leitura requer a implementação de atividades artísticas, literárias e culturais, tais como a contação de histórias, roda de leitura, sarau literário, conversas com autores dentre outras, e servem para contribuir no processo de aprendizagem, formar alunos/leitores críticos e competentes culturalmente.

No que se refere à mediação da informação na biblioteca escolar são ações, tais como a pesquisa escolar, o treinamento em base de dados, brincadeiras pedagógicas que orientam o uso dos materiais existentes na biblioteca, dentre outras, e favorecem a aprendizagem, pois está ligada às ações que contemplam a leitura, a interação, a comunicação, a exposição de ideias, a criatividade e a produção coletiva do conhecimento.

Com base nessas premissas, as ações que contemplam a mediação da leitura e da informação na biblioteca escolar devem ser efetuadas de maneira interativa e colaborativa entre alunos, bibliotecários e professores, de maneira que todos os envolvidos possam expor suas ideias, desenvolver a criatividade e contribuir para a produção do conhecimento coletivo.

Em relação à criação de uma comunidade de prática *online*, um dos pioneiros do estudo é o antropólogo Etienne Wenger, que define o conceito como:

Comunidades de prática são grupos de pessoas que compartilham um problema ou uma paixão por algo que eles fazem e aprendem como fazê-lo melhor interagindo continuamente (WENGER; TRAYNER, 2015, p.1, tradução nossa).

Para os autores o conceito associado à *web* e às novas tecnologias possibilitou

[...] estender o alcance de nossas interações além das limitações geográficas das comunidades tradicionais, mas o aumento do fluxo de informações não elimina a necessidade de comunidade. Na verdade, ele amplia as possibilidades de comunidade e apela a novos tipos de comunidades baseadas na prática compartilhada (WENGER; TRAYNER, 2015, p. 6, tradução nossa).

Com base nesses aspectos, verifica-se a diversidade de comunidades de prática que ingressam em um ambiente virtual, visando suas finalidades. Essa facilidade é possível, pois os recursos da *web* permitem que a comunicação seja realizada de maneira síncrona ou assíncrona.

De acordo com esses aspectos, Silva e outros (2012, p. 110) ressaltam que:

A mesma teoria que sustenta as CoPs presenciais é utilizada para o modelo de CoPs virtuais, ou seja, grande parte da aprendizagem dos profissionais

acontece de maneira informal, compartilhando experiências, conhecimentos e soluções de problemas uns com os outros.

Visto que as comunidades de prática são estruturas formadas por pessoas que interagem em torno de um interesse em comum para trocar informações sobre um assunto, de forma que esse compartilhamento possibilita a aprendizagem, pode assim ser constituída essa estrutura entre profissionais que atuam em bibliotecas escolares. Desta maneira, Santos (2012, p.7) ressalta que:

[...] as bibliotecas escolares (BE) são estruturas nucleares na escola, ao serviço da comunidade educativa, enquanto espaços de leitura, pesquisa, aprendizagem e construção de conhecimento. A gestão e a dinamização da biblioteca escolar exigem, por outro lado, o conhecimento e o empenho das equipas que as gerem e, por outro, o desenvolvimento de estratégias de partilha com outros núcleos pedagógicos. [...] neste âmbito, a criação de comunidades de prática (CoP), ou a participação dos professores bibliotecários (PB) e dos elementos da equipa da biblioteca em comunidades já existentes, pode ser um meio de aprofundar e renovar o conhecimento e a aprendizagem.

Com base nas perspectivas mencionadas, percebe-se o potencial que uma comunidade de prática *online* pode oferecer aos profissionais que atuam nas bibliotecas escolares dos colégios de aplicação das IFES.

7.4 OBJETIVOS DO PROJETO

Seguem os objetivos geral e específicos do projeto.

7.4.1 Objetivo geral

Criar uma comunidade de prática *online* para os profissionais que atuam nos colégios de aplicação das IFES.

7.4.2 Objetivos específicos

- Discutir assuntos sobre a mediação da leitura e da informação na biblioteca escolar.
- Melhorar a prática, ou seja, o fazer profissional no que tange às ações de mediação.

- Favorecer a troca de experiência entre os membros sobre as atividades de mediação da leitura e da informação.
- Estimular ações de promoção da leitura e formação de leitores.
- Orientar na implementação de atividades que desenvolvem nos alunos habilidades informacionais.
- Motivar os profissionais na produção de projetos culturais e de extensão.
- Facilitar a busca para a solução de problemas comuns entre os participantes.
- Auxiliar a comunicação, o registro, o armazenamento e a produção de conhecimento entre os pares.
- Divulgar informações sobre eventos da área biblioteconômica.
- Colaborar na educação continuada e atualização profissional.
- Contribuir para o crescimento e fortalecimento de um grupo de profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de Aplicação das IFES.
- Promover a integração das bibliotecas dos colégios de aplicação no projeto político pedagógico da escola.
- Valorizar as bibliotecas dos colégios de aplicação como espaço modelo de difusão de boas práticas em torno da mediação da leitura e da informação.

7.5 BENEFICIÁRIOS

A participação dos profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES em uma comunidade de prática pode ser sentida por toda a comunidade escolar, pois por meio da troca de experiência e da aprendizagem adquirida, esses profissionais irão contribuir com ações positivas para a biblioteca onde atuam. Desta maneira, todos irão se beneficiar com a melhoria de produtos e serviços que serão oferecidos pelas bibliotecas.

7.6 METODOLOGIA

As estratégias utilizadas para propor a criação de uma comunidade de prática *online*, foram as seguintes: aprofundamento teórico sobre os conceitos de mediação da leitura, mediação da informação, biblioteca escolar e comunidades de prática *online*; envio de questionários para as dezessete bibliotecas dos colégios de aplicação e entrevistas com cinco bibliotecárias que atuam nesses colégios.

A aplicação do questionário possibilitou identificar as ações de mediação da leitura e da informação que são realizadas pelas bibliotecas, além de verificar se essas bibliotecas contam com a parceria dos professores, como também ressaltar o potencial da criação de projetos culturais e de extensão nesses espaços e destacar o benefício da integração das ações da biblioteca no projeto político pedagógico da escola. Também permitiu obter informações sobre o entendimento dos bibliotecários em relação à contribuição das atividades de mediação da informação para a aprendizagem dos alunos. Deste modo, percebeu-se a necessidade de inovar e diversificar as atividades de mediação da leitura, como também elaborar mais atividades de mediação da informação principalmente aquelas relacionadas à pesquisa escolar.

No que concerne às entrevistas realizadas, elas possibilitaram identificar que o *facebook* é a melhor plataforma para configurar uma comunidade de prática *online* para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES. A criação de um grupo por e-mail também foi apontada pelas entrevistadas, nesse caso é outra possibilidade para efetivar a comunicação e a troca de informações entre esses profissionais.

Em relação à configuração de uma comunidade de prática *online*, Wenger e Trayner (2015) apontam os três elementos essenciais para a sua criação: “um domínio” (uma identidade definida por um assunto de interesse); “a própria comunidade” (são os membros que interagem e constroem relacionamentos em torno do domínio); “a prática” (como já mencionado anteriormente, é necessário que exista uma prática e não apenas um interesse que se compartilhe, pois os indivíduos aprendem juntos a fazer algo que possuem interesse). Neste caso, a criação de uma comunidade de prática *online* para os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação terá a seguinte estrutura:

- “domínio” – mediação da leitura e da informação;
- “a própria comunidade” – profissionais atuantes nas bibliotecas dos colégios de aplicação;
- “a prática” – são as atividades de mediação da leitura e da informação que são desenvolvidas por esses profissionais.

Além disso, é indispensável ressaltar os “níveis de participação” em relação às pessoas que integram uma comunidade de prática (WENGER, 1998 apud DUARTE; ABREU, 2008, p. 4). Deste modo, para o grupo de profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação terão as seguintes configurações:

- grupo nuclear: pequeno grupo no qual a paixão e o engajamento energizam a comunidade;

- adesão completa: membros que são reconhecidos como praticantes e definem a comunidade.

A proponente do projeto irá divulgar o projeto para as dezessete bibliotecas dos colégios de aplicação por meio do contato dos bibliotecários e da direção dos colégios. Além de criar um grupo no *facebook* e em seguida fazer contato com as bibliotecárias participantes das entrevistas, pois ficaram motivadas em participar de uma comunidade de prática *online* e também já possuem conhecimento da proposta de criação desse espaço.

Desta forma, inicialmente o grupo terá uma pequena formação, assim sendo um grupo nuclear. No entanto, o objetivo que deseja ser alcançado é obter a adesão completa, ou seja, de maneira colaborativa esse pequeno grupo já formado fará contato com os outros profissionais existentes nas diversas bibliotecas dos colégios de aplicação convidando, explicando a finalidade e os benefícios que uma comunidade de prática *online* poderá oferecer para os participantes envolvidos.

7.7 COMUNIDADES DE PRÁTICA *ONLINE*: GRUPO NO *FACEBOOK*

Esta seção apresenta a plataforma e suas características que atenderão a criação de uma comunidade de prática *online* para os profissionais das diversas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES.

As novas tecnologias de comunicação e informação (TIC) têm possibilitado várias formas de socialização entre as pessoas, por exemplo, as redes sociais na internet. Em relação a isso, o *facebook* é uma rede social que oferece para as pessoas diversos recursos interativos e comunicacionais, como por exemplo, a formação de grupos – pessoas que se reúnem em torno de um objetivo em comum para trocarem informações. Neste sentido, a plataforma do *facebook* vai oportunizar a criação de um grupo para configurar uma comunidade de prática *online* para os profissionais das bibliotecas dos colégios de aplicação trocarem informações sobre mediação da leitura e da informação. Conforme a figura que segue, o *facebook* possibilita propor nome para o grupo, selecionar os membros e determinar níveis de privacidade do grupo. Nesse caso, a proposta desse grupo se enquadra no nível de privacidade fechado:

Formulário 1 – Criação do grupo no *facebook*

Criar novo grupo

Nome do grupo

Membros

Favoritos Adicione este grupo aos seus favoritos.

Privacidade **Público**
Qualquer pessoa pode ver o grupo, seus membros e suas publicações.

Fechado
Qualquer pessoa pode encontrar o grupo e ver quem está nele. Somente membros podem ver as publicações.

Secreto
Somente membros podem encontrar o grupo e ver as publicações.

[Saiba mais sobre privacidade de grupos](#)

Fonte: <http://facebook.com>

O grupo de profissionais reunidos no *facebook* pode utilizar diversos recursos comunicacionais e de publicação e compartilhamento de conteúdo disponíveis nesta plataforma, tais como:

- visualização dos perfis dos membros participantes do grupo;
- compartilhamento de informações publicadas em outros perfis/grupos no *facebook*;
- compartilhamento de foto e vídeo;
- criar e divulgar eventos culturais e científicos;
- criar álbuns de fotos temáticos;
- criar documentos de textos;
- compartilhar arquivos com tamanho máximo de 25 mb;
- criar enquetes;
- enviar mensagem individual para os membros;
- iniciar bate-papo com vários membros do grupo.

Deste modo, mediante essas diversas ferramentas será possível o grupo interagir em qualquer lugar e momento, trocar informações sobre mediação da leitura e da informação, trocar arquivos com conteúdos sobre as diversas ações de mediação realizadas pelas bibliotecas, solucionar problemas em comum por meio de bate-papos, possibilidade de um membro conversar individualmente com qualquer pessoa do grupo, compartilhar publicações sobre eventos e lançamentos literários, criar álbuns de fotos para compartilhar práticas de mediação da leitura e da informação, dentre outras ideias e experiência que podem ser trocadas entre o grupo.

7.8 AVALIAÇÃO DE RESULTADOS

O resultado da criação de uma comunidade de prática *online* no *facebook* passará por um processo de avaliação após seis meses de uso. No que se refere aos instrumentos da avaliação, será decidido pelo grupo, podendo optar pelas enquetes, criadas na própria plataforma, com perguntas sobre a satisfação e motivação dos membros do grupo. A interação, cumplicidade, entusiasmo, colaboração e assiduidade no compartilhamento de informações e ideias são essenciais para a continuidade e fortalecimento do grupo de profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES.

7.9 CRONOGRAMA

A criação de uma comunidade de prática *online* por meio da plataforma do *facebook* deverá atender às seguintes etapas, durante quatro semanas:

Quadro 18 – Cronograma da criação de uma comunidade de prática *online*

Etapas/Atividades	1ª Semana	2ª Semana	3ª Semana	4ª Semana
Divulgação do projeto	X			
Verificação da aceitação de participação	X	X		
Criação do grupo no <i>facebook</i>	X			
Adicionar os novos membros		X	X	X
Avaliação e continuidades das ações				X

Fonte – a autora (2015)

7.10 ORÇAMENTO

A criação do grupo no *facebook* dispensa qualquer tipo de custo financeiro.

7.11 DIVULGAÇÃO

A divulgação será realizada por meio do e-mail dos membros do grupo e redes sociais na internet.

7.12 REFERÊNCIAS DO PROJETO

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco; BORTOLIN, Sueli. Bibliotecário: um essencial mediador de leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 205-218.

CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de. Roger Chartier e práticas de leitura: uma abordagem para o campo da informação. In: SEGUNDO, José Eduardo Santarem; SILVA, Márcia Regina da; MOSTAFA, Solange Puntel (Org.). **Os pensadores e a Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012. p. 25-36.

DUARTE, Donária Coelho; ABREU, Aline França de. **Comunidades de prática e comunidades virtuais: ferramentas estratégicas para a gestão do conhecimento**, 2008. Disponível em: < <http://www.sbgc.org.br/sbgc/papers-artigos/comunidades-de-pr%C3%A1tica-e-comunidades-virtuais-ferramentas-estrat%C3%A9gicas-para-gest%C3%A3o-do-conhecimento>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

GADOTTI, Moacir. Projeto político pedagógico da escola: fundamentos para sua realização. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustaquio (Org.). **Autonomia da escola: princípios e propostas**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 33-41.

MOURA, Maria Aparecida. Informação e conhecimento em redes virtuais de cooperação científica: necessidades, ferramentas e usos. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, abr. 2009. Disponível em: <http://dgz.org.br/abr09/F_I_art.htm>. Acesso em: 3 jul. 2014.

SANTOS, Madalena Pinto. **Comunidades de prática e bibliotecas escolares**. Lisboa: Rede de Bibliotecas Escolares, 2012.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006.

SILVA, Helena de Fátima Nunes et al. As contribuições relativas ao uso de eventos/fóruns para constituição de comunidades de práticas e expressão da inteligência coletiva: o caso do

Bibliocoentas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.17, n.3, p.100-120, jul./set. 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pci/v17n3/a08v17n3>>. Acesso em: 1 mar. 2015.

SOUZA, Roberto Fernandes Dutra de. **Um guia informativo dos cursos e oficinas artísticas e culturais da Lapa**. 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais)–Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10158/FUNDA%C3%87%C3%83O%20GETULIO%20VARGAS.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Projetos culturais: técnicas de modelagem**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

WENGER, Etienne; TRAYNER, Beverly . **Communities of practice a brief introduction**. [S.l.]: Wenger-Trayner, 2015. Disponível em: < <http://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2015/04/07-Brief-introduction-to-communities-of-practice.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu compreender a importância do desenvolvimento de atividades voltadas para a mediação da leitura e da informação na biblioteca escolar. Foi possível constatar inúmeras possibilidades nesse espaço, a saber: oferecer acesso à informação em diversos suportes, oportunizar o diálogo e a troca de experiências, criar um campo de produções artísticas e culturais e fomentar a pesquisa acadêmica. Deste modo, essas ações de mediação contribuem para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. É importante destacar a presença dos bibliotecários, professores, pedagogos e demais profissionais que são indispensáveis no contexto da cultura escolar, pois todos possuem responsabilidades e competências que devem estar integradas ao processo educacional.

A literatura da área apresenta diversas atividades de mediação da leitura e mediação da informação que proporcionam aos estudantes vários benefícios para a formação pessoal e acadêmica: aumento do repertório literário e cultural, competência para buscar, avaliar e usar a informação com responsabilidade ética e social, melhoria do desempenho escolar, convivência em grupo, produção de novos conhecimentos, dentre outros.

O ato de ler e o acesso à informação são dois fatores essenciais para a aprendizagem ao longo da vida, e são os ingredientes principais nas ações de mediação da leitura e de mediação da informação na biblioteca escolar. Essas ações são importantes instrumentos democráticos, de acesso aos livros e demais suportes informacionais e às novas tecnologias de comunicação e informação, que oferecem aos estudantes empoderamento para tomar decisões de maneira autônoma e crítica, para assimilar novos saberes e produzir conhecimento coletivamente.

Então, percebe-se a existência de alguns aspectos para que essas ações contribuam para a legitimação da biblioteca escolar como um espaço de aprendizagem: as ações devem estar inseridas no projeto político pedagógico da escola; necessitam da interação e parceria dos professores para que ocorra um melhor aproveitamento das atividades desenvolvidas na biblioteca em relação ao ensino das disciplinas; os envolvidos nas ações devem planejá-las e organizá-las de maneira responsável, ética e criativa; divulgar e usar o acervo da biblioteca; integrar alunos, professores e demais usuários na elaboração das atividades de mediação, principalmente na seleção dos livros; bibliotecários versáteis, motivados e envolvidos nos seus afazeres e que possuam algum domínio das ferramentas tecnológicas de informação e comunicação; realização de avaliação por todos os participantes das atividades.

Os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação precisam ter consciência sobre a sua função educativa, especialmente por estarem inseridos em um contexto investigativo e de geração de novos conhecimentos. Desta maneira, devem tomar decisões para tornar as bibliotecas onde trabalham um espaço de aprendizagem, de produção artística e cultural e de formação acadêmica. Neste sentido, são essenciais o aprimoramento e a capacitação dos profissionais em relação às ações que contemplam a mediação da leitura e da informação na biblioteca escolar. O bibliotecário, gestor desse espaço, precisa adotar estratégias que favoreçam a realização dessas atividades na escola, ou seja, mostrar iniciativa, ser afetuoso e colaborativo, ter senso crítico, interagir com os alunos, professores e responsáveis dos alunos, buscar a captação de recursos por meio de projetos, integrar a biblioteca às redes sociais na internet, dentre outras.

Cabe ressaltar que a pesquisa identificou a contação de história, a hora do conto e a roda de leitura como atividades de mediação da leitura mais frequentes nas bibliotecas dos colégios de aplicação. Foi possível constatar a presença dos professores na realização dessas ações, assim como a parceria destes com a biblioteca no planejamento das atividades e no agendamento e cronograma de execução das turmas participantes. Destaca-se que o bibliotecário pode adquirir habilidades para realizar as atividades que envolvem a narração de histórias, por meio de cursos de capacitação voltados para a mediação da leitura. Além disso, participar de eventos voltados para essa área; assistir peças teatrais; sessões de contações de histórias e realizar leituras que apresentem informações sobre esses assuntos. Verifica-se também, que a literatura aponta diversas atividades que contemplam a mediação da leitura e não são realizadas com frequência nessas bibliotecas. Isso se deve, pois muitas dessas ações necessitam de um maior tempo para planejamento e elaboração, e também recursos financeiros e humanos. Assim sendo, esses fatores podem ser determinantes na tomada de decisão para a realização dessas ações.

Constatou-se também, que as ações de mediação da informação mais frequentes são as mostras temáticas, as gincanas culturais e informativas e brincadeiras com dicionários. Desta forma, a literatura também apresenta diversas atividades que favorecem a assimilação do conhecimento. No entanto, há um baixo número de atividades que contemplam a mediação da informação nas bibliotecas dos colégios de aplicação, principalmente no que se refere à pesquisa escolar, que foi citada apenas uma vez. Nessa perspectiva, em relação ao universo pesquisado, os dados apontam que a pesquisa escolar não é vista como uma atividade de mediação da informação pelas bibliotecas analisadas nesse trabalho.

Nota-se que alguns bibliotecários possuem uma compreensão teórica sobre a contribuição das atividades de mediação da leitura e da informação para o processo de aprendizagem dos alunos, no entanto na prática esses profissionais poderiam estar mais envolvidos na realização dessas atividades.

Deste modo, a criação de uma comunidade de prática *online* para esses profissionais trocarem informações sobre as ações que contemplam a mediação da leitura e a mediação da informação na biblioteca escolar suprirá essa lacuna que existe no exercício da sua atividade profissional. Como foi visto, são inúmeros os benefícios de uma comunidade de prática *online* para um grupo de pessoas que possuem um perfil em comum e desenvolvem uma mesma prática no cotidiano profissional. Os métodos, as técnicas desenvolvidas, as experiências, os desafios vivenciados por cada um desses profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação precisam ser compartilhados visando à inovação de ações, ao aprimoramento profissional, ao enriquecimento do saber, à produção do conhecimento coletivo e à valorização e fortalecimento do grupo de bibliotecários escolares que trabalham em colégios de aplicação. Neste caso, uma comunidade de prática *online* é um espaço que potencializa todos esses benefícios de maneira eficaz, por meio do uso dos recursos comunicacionais e tecnológicos.

Verificaram-se por meio dos questionários aplicados, questões que precisam ser discutidas, tais como: onze bibliotecas não realizam projetos culturais, artísticos, científicos ou de extensão e doze disseram que não estão incluídas no projeto político pedagógico da escola. Neste caso, uma comunidade de prática online servirá para obter mais informações sobre esses números, a fim de oferecer soluções para mudar esses resultados, de forma a colaborar no desenvolvimento das ações de mediação.

A entrevista realizada com cinco profissionais que atuam nessas bibliotecas possibilitou identificar que no momento atual, o *facebook* surge como a mídia social mais adequada para atender aos objetivos dessa comunidade. Desta forma, foi possível reforçar a necessidade de produzir um projeto que viabilize a criação de uma comunidade de prática *online* para os profissionais das dezessete bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES, de modo a promover uma interlocução permanente entre os profissionais que atuam nessas instituições, a fim de multiplicar suas experiências e saberes para outras esferas da educação básica.

Para concluir, apresentam-se algumas recomendações para as bibliotecas dos colégios de aplicação, a fim de contribuir nas ações que envolvem a mediação da leitura e da informação no ambiente escolar: os profissionais atuantes nas bibliotecas dos colégios de

aplicação das diversas IFES devem ter consciência sobre a importância de exercerem o papel de mediadores da leitura e da informação; devem aproveitar os recursos disponíveis de uma comunidade de prática *online* para trocarem experiências e informações sobre o exercício da mediação; as bibliotecas escolares devem ter regimentos que contemplem as ações das referidas mediações; precisam estar inseridas no projeto político pedagógico dos colégios, visando à valorização desses espaços na cultura escolar; eventos da biblioteca devem estar inseridos no calendário escolar; incluir na política de desenvolvimento de coleções estratégias (seleção, aquisição, avaliação) que contemplem as atividades de mediação da leitura e da informação; todas as bibliotecas dos colégios de aplicação necessitam ter acesso à internet para buscar, avaliar e usar diversas fontes de informação sem acesso restrito, visando atender às necessidades informacionais dos seus usuários e orientar pesquisas acadêmicas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **Intelectuais e guerreiros**: o colégio de aplicação da UFRJ de 1948 a 1968. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1992.

AFFONSO, Luiz Carlos. **Comunidades de práticas na internet**: um estudo de duas comunidades hospedadas em portais públicos brasileiros. Rio de Janeiro, 2012. 126f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)–Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://tede-dep.ibict.br/handle/tde/102>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

ALMEIDA, Marco Antônio. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 1, n. 1, jan./dez. 2008. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewArticle/6>>. Acesso em: 7 jul. 2014.

ALMEIDA, Waldinéa Ribeiro; COSTA, Wilse Arena da; PINHEIRO, Mariza Inês da Silva. Bibliotecários Mirins e a mediação da leitura na biblioteca escolar. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.17, n.2, p.472-490, jul./dez., 2012. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/viewFile/812/pdf_1>. Acesso em: 15 fev. 2014.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000007770&dd1=36548>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

_____. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (Org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32.

_____.; BORTOLIN, Sueli. Bibliotecário: um essencial mediador de leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 205-218.

_____.; _____. Mediação da informação e da leitura. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2., 2007, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/13269/>>. Acesso em: 8 fev. 2014.

ALONSO, Claudia Maria Rodrigues. **Biblioteca escolar**: um espaço necessário para a leitura na escola. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em:<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-17122009-080005/pt-br.php>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

ARANTES, Fernanda Mecking. Oralidade midiaticizada e mediaticização. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (Org.) **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 185-204.

ARCHER, Norm. A classification of communities of practice. In: COAKES, Elayne; CLARKE, Steve (Ed.). **Encyclopedia of communities of practice in information and knowledge management**. Hershey: Idea Group, 2006. p. 21-29. Disponível em: <<http://www.gsigma.ufsc.br/~loss/download/km/Encyclopedia-CoPs-Information-KM.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, c1977.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2005. p. 39-63.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira. **A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face a crescente virtualização da informação**. 2008. 197 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)–Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bicheri_alao_me_mar.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2014.

BLATTMANN, Ursula; SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. Colaboração e interação na *web* 2.0 e Biblioteca 2.0. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.12, n.2, p.191-215, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://revista.acb.org.br/racb/article/view/530/664>>. Acesso em: 20 maio 2014.

BOHN, Vanessa Cristiane Rodrigues. **Comunidades de prática na formação docente: aprendendo a usar a ferramenta da web 2.0**. 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-8TEFMP>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

BORTOLIN, Sueli. A ética na mediação da leitura na biblioteca escolar. **Ensino Em Revista**, v.20, n.2, p.423-434, jul./dez. 2013b. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/viewFile/23717/13051>>. Acesso em: 20 maio 2014.

_____. Mediação da informação: outras definições. **Infohome**, out. 2013a. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=785>. Acesso em: 23 mar. 2014.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Bibliotecário: um essencial mediador de leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

_____; _____. Fontes orais, Paul Otlet e os bibliotecários. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (Org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 59-88.

_____; _____. Mediação da literatura para leitores-ouvintes. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, n.1, p. 207-226, jan./mar. 2014. Disponível em: < <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1537/1253>>. Acesso em: 20 maio 2014.

_____; _____. Mediação oral literária: algumas palavras. In: VALENTIM, Marta (Org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 85-103.

BOZU, Zoia; IMBERNON MUÑOZ, Francesc. Creando comunidades de práctica y conocimiento en la universidad: una experiencia de trabajo entre las universidades de lengua catalana. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento**, v. 6, n. 1, p. 1-10, mar. 2009. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=78011179004>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Palácio do Planalto**. Brasília, DF, 24 maio. 2010. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em: 15 jan. 2014.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e formação na educação escolar: algumas considerações inevitáveis. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 187-203.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento 2: da enciclopédia à wikipédia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CALIL JUNIOR, Alberto. Mídias sociais nas bibliotecas universitárias brasileiras. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.18, n.2, p. 1053-1077, jul./dez. 2013. Disponível em: < <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/899/pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

CAMPELLO, Bernadete. **Biblioteca escolar: conhecimentos que sustentam a prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. **Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico**. 2009. 208 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)–Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: < <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/tese%20campello%202009.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Perspectivas de letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 184-208, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2010v15n29p184/19549>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

_____ et al. **Biblioteca escolar como espaço de produção de conhecimento**: parâmetros para bibliotecas escolares. Belo Horizonte: Autêntica; Conselho Federal de Biblioteconomia, 2010.

_____ et al. Literatura sobre biblioteca escolar: características de citações de teses e dissertações brasileiras. **Transinformação**, Campinas, v. 19, n. 3, p. 227-236, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000000470&dd1=56332>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

_____ et al. Parâmetros para bibliotecas escolares brasileiras: fundamentos de sua elaboração. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.21, n.2, p. 105-120, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/10451/5965>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

_____ et al. Pesquisas sobre biblioteca escolar no Brasil: o estado da arte. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 123-156, mai./ago. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2013v18n37p123/25335>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

_____ et al. Situação das bibliotecas escolares no Brasil: o que sabemos? **Biblioteca escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v.1, n.1, p. 1-29, 2012. Disponível em <<http://revistas.ffclrp.usp.br/BEREV/article/view/101/81>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

CARVALHO, Marisa; ROVER, Aires José. Comunidades virtuais de prática e os ambientes virtuais colaborativos nas aplicações do governo eletrônico. In: RODRIGUEZ, N. Cabezudo (Ed.). **Inclusión Digital: perspectivas y experiencias**. Zaragoza: Editora Prensas Universitárias de Zaragoza, 2010.

CASARIN, Helen de Castro Silva et al. Colaboração entre bibliotecários e professores no contexto escolar. **Ensino Em Re-Vista**, v.20, n.2, p.367-380, jul./dez. 2013. Disponível em: <www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/issue/download/1023/1>. Acesso em: 11 abr. 2014.

CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de. Roger Chartier e práticas de leitura: uma abordagem para o campo da informação. In: SEGUNDO, José Eduardo Santarem; SILVA, Márcia Regina da; MOSTAFA, Solange Puntel (Org.). **Os pensadores e a Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012. p. 25-36.

CASTTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2003.

COAKES, Elayne. Communities of practice and technology support. In: COAKES, Elayne; CLARKE, Steve (Ed.). **Encyclopedia of communities of practice in information and knowledge management**. Hershey: Idea Group, 2006. p. 63-65. Disponível em: <<http://www.gsigma.ufsc.br/~loss/download/km/Encyclopedia-CoPs-Information-KM.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global editora, 2007.

CONSELHO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (CONDICAP). **Estatuto**. Brasília, DF: [s.n.], 1995. Disponível em: < http://www.condicap.org.br/up/477/o/ESTATUTO_FINAL.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2014.

CRIPPA, Giulia; CARVALHO, Larissa Akabochi de. A mediação da informação através da comunidade virtual Anobii: um estudo de caso. **Encontros Bibli**, v. 17, n. 35, p.97-120, set./dez. 2012.

DUARTE, Donária Coelho; ABREU, Aline França de. **Comunidades de prática e comunidades virtuais: ferramentas estratégicas para a gestão do conhecimento**, 2008. Disponível em: < <http://www.sbgc.org.br/sbgc/papers-artigos/comunidades-de-pr%C3%A1tica-e-comunidades-virtuais-ferramentas-estrat%C3%A9gicas-para-gest%C3%A3o-do-conhecimento>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

EDUCAÇÃO um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI. Brasília, DF: UNESCO, 2010. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

FARIA, Helen de Oliveira. **Socializando e aprendendo: a incorporação da rede social orkut ao ensino da língua inglesa**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-8TBPUY>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. A leitura dialógica como elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida. In: SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

FÓRUM DE PESQUISA EM BIBLIOTECA ESCOLAR, 1., 2012, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar, 2012. Disponível em: < http://gebe.eci.ufmg.br/images/1forum2012/anais_verso_completa.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GADOTTI, Moacir. Projeto político pedagógico da escola: fundamentos para sua realização. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustaquio (Org.). **Autonomia da escola: princípios e propostas**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 33-41.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 64-89.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2012.

GIROTTI, Cyntia Graziella G. Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. A hora do conto na biblioteca escolar: o diálogo entre leitura literária e outras linguagens. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

GOMES, Henriette Ferreira; PRUDÊNCIO, Deise Sueira; CONCEIÇÃO, Adriana Vasconcelos da. A mediação da informação pelas bibliotecas universitárias: um mapeamento sobre o uso dos dispositivos de comunicação na *web*. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.20, n.3, p. 145-156, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/viewFile/9047/4812>>. Acesso em 17 jun. 2014.

GOMES, Luciano Ferreira; BORTOLIN, Sueli. Biblioteca escolar e mediação da leitura. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 2, p. 157-170, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/11962>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 79-108.

GONÇALVES, Ana Lúcia Ferreira; FULCO, Leni Rodriguez Perez; VALDEZ, Tatyane Christina G. Ferreira. A semana da biblioteca do Colégio de Aplicação da UFRJ. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17., 2012, Gramado. **Anais eletrônicos...** Gramado: UFRGS, 2012. Disponível em: <<http://www.snbu2012.com.br/anais/index.php>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

GONÇALVES, Thaísa Antunes; RODRIGUES, Bárbara Oliveira. Uma aventura em que o leitor é o herói: o livro-jogo como potencial para o incentivo à leitura literária de jovens. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOLOGIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: <<http://portal.febab.org.br/anais/issue/view/4>>. Acesso em: 11 maio 2014.

GONZALEZ, Leonise Verzoni. Competência informacional e educação de usuários: um estudo com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp/UFRGS). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17., 2012, Gramado. **Anais eletrônicos...** Gramado: UFRGS, 2012. Disponível em: <<http://www.snbu2012.com.br/anais/index.php>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

GOZZI, Marcelo Pupim. **A construção de um projeto coletivo em uma comunidade virtual de prática**. 2006. 282 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da

Cultura)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://tede.mackenzie.com.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=239>. Acesso em: 16 jun. 2014.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. **Henri Wallon**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010.

GREGÓRIO FILHO, Francisco. Práticas leitoras (de cor... coração): algumas vivências de um contador de histórias. In: YUNES, Eliana (Org.). **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Edições Loyola, 2005.

GRUPO DE ESTUDOS EM BIBLIOTECA ESCOLAR/CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares brasileiras. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/MIOLO.pdf>>. Acesso em: 9 abr. 2014.

HERNANDES, Carlos Alberto Mamede. **Fatores críticos de sucesso para o estabelecimento e a operação de comunidades de prática virtuais**. 2003. 126 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Conhecimento e da Tecnologia da Informação)–Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.bdtd.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=435>. Acesso em: 16 jun. 2014.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LANZI, Lucirene Catini et al. O uso da voz e do *tablet* em narrativas de histórias. **Informação & Informação**, Londrina, v. 18, n. 2, p. 98-112, maio/ago. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/16163/13081>>. Acesso em: 15 maio 2014.

LINO, Lucia Alves da Silva. Leitura na Praça Granito: uma experiência de democratização da leitura no município do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: <<http://portal.febab.org.br/anais/issue/view/4>>. Acesso em: 11 maio 2014.

LOURENÇO, Katiane Crescente. **Biblioteca escolar: da mediação à prática da leitura**. 2010. 297 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em:<http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2473>. Acesso em: 20 jan. 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, Alex Escalé et al. Valor contributivo dos colégios de aplicação em universidades federais: o caso do núcleo de educação da infância (nei) na UFRN. In: SIMPÓSIO DE EXCELENCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 8., 2011, Resende. **Anais eletrônicos...** Resende: Associação Educacional Dom Bosco, 2011. Disponível em: <<http://www.aedb.br/seget/artigos11/46714707.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

MARTELETO, Regina; COUZINET, Viviane. Mediações e dispositivos de informação e comunicação na apropriação de conhecimentos: elementos conceituais e empíricos a partir de olhares inter cruzados. **RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**. Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 1-15, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/viewFile/810/1609>>. Acesso em: 10 maio 2014.

MELLO FILHO, Joaquim Silveira; POMPEU, Rubens Mario Faro. **Análise de ferramentas para gestão do conhecimento baseadas em comunidades de prática**. 2006. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Sistemas de Informação)–Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/e/ed/Monografia_ferramentas_gest_conhecimento.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed., Petrópolis: Vozes, 2012. p. 9-29.

_____. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed., Petrópolis: Vozes, 2012. p. 61-77.

MORAES, Cássia Regina Bassan de; FADEL, Bárbara. Gestão do conhecimento nas organizações: perspectivas de uso da metodologia sistêmica soft (Soft Systems Methodology). In: VALENTIM, Marta (Org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 33-57.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. A mediação da leitura na família, na escola e na biblioteca através das tecnologias de informação e de comunicação e a inclusão social das pessoas com necessidades especiais. **Inclusão Social**, Brasília, DF, v. 4 n. 2, p.67-81, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/viewFile/178/194>>. Acesso em: 10 maio de 2014.

MOURA, Maria Aparecida. Informação e conhecimento em redes virtuais de cooperação científica: necessidades, ferramentas e usos. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, abr. 2009. Disponível em: <http://dgz.org.br/abr09/F_I_art.htm>. Acesso em: 3 jul. 2014.

NEVES, Bárbara Coelho. Mediação da informação para agentes sociodigitais: o salto. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 40, n. 3, p.413-424, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1954>>. Acesso em: 3 jul. 2014.

NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. No espelho, o trickster. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tânia M. K. (Org.). **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009. p. 95-112.

PÉREZ-BUENDÍA, Rubén. A biblioteca escolar como espaço político-pedagógico para a formação de leitores e cidadãos. In: YUNES, Eliana; ROCHA, Alessandro (Org.). **Biblioteca e ações de leitura**. São Paulo: Reflexão, 2015.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PIERUCCINI, Ivete; PERROTTI, Edmir. Biblioteca escolar: da superação do empirismo à infoeducação. In: FÓRUM DE PESQUISA EM BIBLIOTECA ESCOLAR, 1., 2012, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar, 2012. Disponível em: < http://gebe.eci.ufmg.br/images/1forum2012/anais_verso_completa.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2014.

PINTO, Adélia de Moraes; OLIVEIRA, Lúcio Luis Almeida. Biblioteca escolar e a educação no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: < <http://portal.febab.org.br/anais/issue/view/4>>. Acesso em: 11 maio 2014.

RAMOS, Luciene Borges. Centro cultural: território privilegiado da ação cultural e informacional na sociedade contemporânea. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 3., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em:< <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/LucieneBorgesRamos.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2014.

RODRIGUES, Maria Antonieta Sampaio. **A literatura na formação cultural: a literatura como mediadora**. 2013. 168f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em:< http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=22033@1>. Acesso em: 10 mar. 2014.

RUSSO, Mariza. **Formação em Biblioteconomia a distância: a implantação do modelo no Brasil e as perspectivas para o mercado de trabalho do bibliotecário**. 2012. 219 f. Tese (doutorado)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, 2012. Disponível em: < http://objdig.ufrj.br/60/teses/coppe_d/MarizaRusso.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2014.

_____; SOUZA, Danyara de Jesus de. Biblioteca escolar brasileira na sociedade da informação: uma parceria proativa entre bibliotecário e pedagogo em prol da aprendizagem, da competência em informação e da quebra de paradigmas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: < <http://portal.febab.org.br/anais/issue/view/4>>. Acesso em: 11 maio 2014.

SÁ, Nysia Oliveira de. **Repositórios de recursos educacionais livres: desafios para implantação em instituições públicas de ensino superior (IPES) a partir da perspectiva de professores conteudistas em EaD**. 2013. 175 f. Tese (doutorado)–Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2013. Disponível em: < http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_9776e056e0c1c63175a8fd0995ade5f7>. Acesso em: 10 mar. 2015.

SALES, Jefferson David Araújo; DORNELAS, Jairo Simião. Ações coletivas e tecnologia da informação: efeitos indutores à configuração dos coletivos inteligentes. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 487-507, jul./ago. 2014. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552014000400487&lng=pt&nrm=iso&tlng=enhttp://www.anpad.org.br/rac>. Acesso em: 10 fev. 2015.

SANCHES, Gisele A. Ribeiro; RIO, Sinomar Ferreira do. Mediação da informação no fazer do bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 103-121, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/download/42323/45994>>. Acesso em 10 abr. 2014.

SANTOS, Madalena Pinto. **Comunidades de prática e bibliotecas escolares**. Lisboa: Rede de Bibliotecas Escolares, 2012. Disponível em: < http://rbe.mec.pt/np4/np4/?newsId=649&fileName=978_972_742_360_6.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

SANTOS, Natividade; LOPES, Amélia. Comunidade de prática e identidade dos professores bibliotecários: o caso da rede de bibliotecas escolares do Porto. In: CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA, 10., 2009, Braga. **Anais eletrônicos...** Braga: Universidade do Minho, 2009. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/54153>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

_____; _____. REGO, Belmiro. A comunidade de prática rede de bibliotecas escolar do Porto: um ambiente integrador das tecnologias da informação e comunicação. **Cadernos de Pesquisa e Extensão**, v. 1, n.1, p. 11-22, dez. 2010. Disponível em: < http://apl.unisuam.edu.br/cadernos/images/artigos/volume1/01_miolo_art_01.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

SANZ MARTOS, Sandra. Las comunidades de práctica son tendencia. **Revista de los Estudios de Ciencia de la Información y de la Comunicación**, n. 19, feb. 2013. Disponível em: < <http://www.uoc.edu/divulgacio/comein/es/numero19/articles/Article-Sandra-Sanz-Martos.html#.VOvaVdi66TM.gmail>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). A situação da leitura e a formação do leitor. In: _____. **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SARRUF, Patrícia Giselle; SILVA, Helena de Fátima Nunes. Comunidades de prática virtuais e a troca e criação de conhecimentos em micro e pequenas empresas. **DataGramZero: revista de informação**, v. 13, n. 1, fev. 2012. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/fev12/Art_02.htm>. Acesso em: 1 mar. 2015.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006.

SILVA, Flaviana dos Santos. **Comunidades de prática on-line: contribuições à formação de professores no Brasil e em Portugal**. 2013. 233 f. Tese (Doutorado em Educação)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em:< http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=16350>. Acesso em: 10 maio 2015.

SILVA, Helena de Fátima Nunes et al. As contribuições relativas ao uso de eventos/fóruns para constituição de comunidades de práticas e expressão da inteligência coletiva: o caso do Bibliocontas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.17, n.3, p.100-120, jul./set. 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pci/v17n3/a08v17n3>>. Acesso em: 1 mar. 2015.

SILVA, Jader Cristino Souza. Condições e desafios ao surgimento de comunidades de prática em organizações. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 49, n.2, p. 176-189, abr./jun. 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902009000200005>. Acesso em: 10 fev. 2015.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; SILVA, Andreia Santos Ribeiro. A mediação da informação como prática pedagógica no contexto da biblioteca escolar: algumas considerações. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 1-30, 2012.

SILVA, Márcio de Assumpção Pereira da Silva; SOUZA, Lígia Maria Silva; MORAES, Lourdes de Souza. Biblioteca e ação cultural: apontamentos conceituais a partir da experiência na Universidade Federal de São Carlos. **Informação & Sociedade: estudos**. João Pessoa, v.9, n.1, 1999. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/viewFile/418/339>>. Acesso em: 05 nov. 2011.

SILVA, Rachel Polycarpo da. Biblioteca escolar e pré-escola: implicações no atendimento pelo bibliotecário. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: < <http://portal.febab.org.br/anais/issue/view/4>>. Acesso em: 11 maio 2014.

SIMMEL, Georg. Sociologia do espaço. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 27, n.79, 2013. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68704/71284>>. Acesso em: 15 maio 2014.

SOUZA, Roberto Fernandes Dutra de. **Um guia informativo dos cursos e oficinas artísticas e culturais da Lapa**. 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) –Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10158/FUNDA%C3%87%C3%83O%20GETULIO%20VARGAS.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

STOCKER, Claudia Teresinha. **Os caminhos e descaminhos da leitura na aquisição do conhecimento**. Nova Friburgo: Êxito Brasil; Rio de Janeiro Intertexto, 2011.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

TERRA, Cláudio. Comunidades de prática: conceitos, resultados e métodos de gestão. **Biblioteca Terra Fórum: consultores**. São Paulo, [2002?]. Disponível em:< <http://biblioteca.terraforum.com.br/BibliotecaArtigo/libdoc00000098v002Comunidades%20de%20Pratica-conceitos,%20resultad.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Projetos culturais: técnicas de modelagem**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

TODD, Ross; GORDON, Carol; LU, Ya-Ling. **Report on findings and recommendations of the New Jersey school library study phase 2: once common goal: student learning**. New Jersey: Center for International Scholarship in School Libraries; New Jersey Association of School Librarians, 2011.

VALDEZ, Tatyane Christina G. Ferreira; CALIL JUNIOR, Alberto. **As bibliotecas dos Colégios de Aplicação Federais nos anais do SNBU: uma análise sobre a mediação da informação**. 2014. Trabalho produzido como requisito para aprovação na disciplina Letramento informacional e alfabetização midiática em ambientes digitais, Mestrado Profissional em Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

VALENTIM, Marta Lígia Pomin. Análise de conteúdo. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomin (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. p.119-134.

VIEIRA, David Vernon; CARVALHO, Eliane Batista de; LAZZARIN, Fabiana Aparecida. Uma proposta de modelo baseado na *Web 2.0* para as Bibliotecas das Universidades Federais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/2053.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2013.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

WENGER, Etienne. Communities of practice and social learning systems. **SAGE Journals**, London, v.7, n.2, p. 225-24, may 2000. Disponível em:<<http://org.sagepub.com.ez29.capes.proxy.ufrj.br/content/7/2/225.full.pdf+html>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

_____. Communities of practice and social learning systems: the career of a concept. In: BLACKMORE, C. **Social learning systems and communities of practice**. London: Springer Verlag, 2010. Disponível em:<<http://wenger-trayner.com/resources/publications/cops-and-learning-systems/>>. Acesso em: 1 jul. 2014.

_____; TRAYNER, Beverly. **Communities of practice: a brief introduction**. [S.l.]: Wenger-Trayner, 2015. Disponível em: <<http://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2015/04/07-Brief-introduction-to-communities-of-practice.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

_____; WHITE, Nancy; SMITH, John D. **Digital habitats stewarding technology for communities**. Portland: CPsquare, 2009. Disponível em:<<http://ennuonline.com/wp-content/uploads/2012/02/DigitalHabitats-Chapter62.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

ZACCARELLI, Laura Menegon. **Narrativas de aprendizagem em uma comunidade de prática**. 2011. 147 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/IPM_454d1ef74d7c342615be5fcfa5fe8b09>. Acesso em: 10 maio 2014.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA

Este questionário foi elaborado como parte da minha pesquisa que está sendo desenvolvida junto ao Mestrado Profissional em Biblioteconomia do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). As perguntas abaixo têm como finalidade a identificação das atividades de mediação da leitura e da informação desenvolvidas nas bibliotecas dos Colégios de Aplicação das IFES. As informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos.

1. Identificação:

Nome:

Endereço:

Contato:

Profissional responsável pelo preenchimento:

Há quanto tempo trabalha na Biblioteca: _____

2. Quantos profissionais atuam na biblioteca? _____

3. Quais as formações acadêmicas dos profissionais que atuam na biblioteca:

Graduação em Biblioteconomia **(Se o profissional possui pós-graduação, responda a questão 4)**

Estudantes de biblioteconomia (estagiários)

Estudantes de graduação em outros cursos. Quais cursos: _____

Profissionais de nível médio

Profissionais de nível fundamental

Outros profissionais nível superior. Quais áreas: _____ **(Se o profissional possui pós-graduação, responda a questão 4)**

4. Quais são os cursos de formação dos seguintes profissionais:

Graduados em Biblioteconomia: Especialização/MBA Mestrado

Mestrado Profissional Doutorado

Outros profissionais graduados: Especialização/MBA Mestrado

Mestrado Profissional Doutorado

5. Quais as atividades a biblioteca realiza para a mediação da leitura:

- bate papo com escritores
- clube de leitura
- contação de história
- encontro com repentistas e cordelistas
- fantoche
- festivais de filmes
- hora do conto
- leitura de livros literários ou outros gêneros
- oficina de produção e leitura de textos
- roda de leitura
- sarau literário
- teatro
- Outras: _____

6. Dentre as atividades alguma conta com a parceria dos professores? Quais? Em caso afirmativo, explique de que forma a parceria ocorre.

7. A biblioteca realiza alguma atividade complementar após as histórias?

- criação de um jogo
- debate sobre a história
- desenho livre de acordo com o conto
- discussão sobre um tema
- dramatização
- parafrasear
- produção textual
- recordar histórias semelhantes ouvidas anteriormente
- resumir (fazer uma síntese da história)
- outras

8. A biblioteca participa de algum projeto?

Sim não

Em caso afirmativo, responder as questões 9 e 10

9. Quais os tipos de projeto que a biblioteca participa:

artístico/cultural

científico/pesquisa

extensão

outro

10. A que público-alvo se destina(m):

nível fundamental 1º ao 5º

nível fundamental 6º ao 9º

nível médio

nível técnico

graduação

pós-graduação

professores

servidores técnico-administrativos

11. A biblioteca realiza algum evento cuja periodicidade seja regular?

sim não

Em caso afirmativo, a que público-alvo se destina(m):

nível fundamental 1º ao 5º

nível fundamental 6º ao 9º

nível médio

nível técnico

graduação

pós-graduação

professores

responsáveis pelos alunos

servidores técnico-administrativos

12. Almeida Junior e Bortolin (2009, p. 214) consideram doze atividades, descritas abaixo, usadas na mediação da informação que ocorrem nas bibliotecas escolares. Favor mencionar aquelas que são realizadas pela biblioteca:

- brincadeiras com dicionários
- abandono de cartelas com palavras extraordinárias em espaços frequentados pelos alunos, deixando um dicionário disponível em local de fácil visualização.
- concurso de palavras-cruzadas, caça-palavras, observando o nível etário do grupo.
- gincanas culturais e informativas
- competição de soletração
- mostras temáticas
- construção de arquivos pessoais
- construção de arquivos históricos
- oficinas de biografias
- encontros com pioneiros, trabalhadores, empresários, acadêmicos e diversos cursos;
- feira de Ciências e áreas afins
- oficinas de jornais (na falta de recursos, é preferível jornal mural ou virtual)

Além destas, que outras atividades a biblioteca realiza que você considera como sendo de mediação da informação?

13. A biblioteca considera que as atividades de mediação da leitura e da informação podem contribuir na aprendizagem dos alunos? Por quê?

14. As atividades culturais da biblioteca estão inseridas no projeto pedagógico da escola?

sim não

Em caso afirmativo, relate de que forma essa inserção acontece?

15. A biblioteca participa de alguma rede social na internet?

- blog*
- facebook*
- instagram*
- twitter* outros _____

16. Existe por parte da biblioteca algum tipo de política de divulgação de suas atividades para os alunos? () sim () não

Em caso afirmativo, de que forma acontece:

17. Existe por parte da biblioteca algum tipo de política de divulgação de suas atividades para os responsáveis pelos alunos? () sim () não

Em caso afirmativo, de que forma acontece:

18. Existe algum tipo de comunicação entre os profissionais que atuam nas bibliotecas dos colégios de aplicação federais? () sim () não

Em caso afirmativo, com quais Colégios e de que forma ocorre (questão 19)

	Universidade Federal de Goiás	Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE da UFG
	Universidade Federal de Juiz de Fora	Colégio de Aplicação “João XXIII da UFJF”
	Universidade Federal de Minas Gerais	Escola Fundamental do Centro Pedagógico da UFMG
	Universidade Federal de Pernambuco	Colégio de Aplicação da UFPE
	Universidade Federal de Roraima	Colégio de Aplicação da UFRR
	Universidade Federal de Santa Catarina	Colégio de Aplicação da UFSC
	Universidade Federal de Santa Catarina	Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC
	Universidade Federal de Sergipe	Colégio de Aplicação da UFS
	Universidade Federal de Uberlândia	Escola de Educação Básica da UFU
	Universidade Federal de Viçosa	Colégio de Aplicação - COLUNI da UFV
	Universidade Federal do Acre	Colégio de Aplicação da UFAC
	Universidade Federal do Maranhão	Colégio Universitário da UFMA (COLUN)
	Universidade Federal do Pará	Escola de Aplicação da UFPA
	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Colégio de Aplicação da UFRJ

	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Núcleo de Educação da Infância UFRN
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Colégio de Aplicação da UFRGS
	Universidade Federal Fluminense	Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni)

19. Descrever de que forma ocorre a comunicação entre as bibliotecas assinaladas:

20. A biblioteca utiliza alguma plataforma de rede social na internet para comunicação com outras bibliotecas (municipal, estadual, federal)? Quais?

Agradeço a sua colaboração em responder esse questionário. Ressalto que a fidedignidade dessas informações irá contribuir para a pesquisa sobre as bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES.

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Esta entrevista será realizada por meio do chat, e faz parte da minha pesquisa que está sendo desenvolvida junto ao Mestrado Profissional em Biblioteconomia do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). As perguntas têm como finalidade a identificação do uso das mídias sociais pelos profissionais que atuam nas bibliotecas dos Colégios de Aplicação das IFES. As informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos. Deste modo, seu nome não será identificado na pesquisa. Você concorda em participar deste estudo?

1 - Você usa a internet? De que forma?

2 - Utiliza alguma rede social na internet? Quais? Você compartilha algo? O que costuma compartilhar?

3 - O que você pensa sobre o uso das mídias sociais como espaço de comunicação? Você faz uso? Pode me falar um exemplo?

4 - Você pensa que as mídias sociais podem ser usadas como fontes de informação? Que tipos de informação podem ser buscadas? São fontes válidas para a busca de informações sobre as atividades profissionais? Por exemplo?

5- Como você vê a criação de um espaço colaborativo na internet para os profissionais que atuam nas bibliotecas escolares das IFES? De que forma esse espaço poderia ser utilizado, qual sua opinião?

A proposta é a criação de uma comunidade de prática *online*, isto é, um grupo de pessoas que trocam informações sobre um determinado assunto relacionado com a sua prática profissional. O assunto escolhido é: mediação da leitura e da informação nas bibliotecas escolares.

6. Que saberes em torno da mediação da leitura e da informação é relevante compartilhar e documentar em uma comunidade de prática?

7. Como e com que propósito você levaria a sua experiência para uma comunidade de prática?

8. Quais as ferramentas de comunicação e publicação de conteúdos que uma comunidade de prática poderia ter?

9. De que maneira a sua participação em uma comunidade de prática poderia contribuir com ações positivas para a biblioteca onde trabalha?

10. Quais redes sociais na internet, uma comunidade de prática poderia ser inicialmente implementada?

